AS FONTES DAS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS
Zoroastrismo
&
Mitraísmo
L. Vallejo

ZOROASTRISMO

E

MITRAÍSMO

As Fontes das Religiões Monoteístas

Organização, tradução, textos e notas adicionais
por L Vallejo

http://cloneclock.blogspot.com.br/

As notas marcadas com NT são da autoria de L Vallejo

Introdução

Inicialmente apresento observações úteis sobre alguns tópicos que devem estar perfeitamente definidos para que não pairem dúvidas durante a leitura.

1 - A Contagem do Tempo

A prática ocidental – já que outras civilizações não a adotam – de se convencionar o início da era cristã como ano zero, traz a desvantagem CAPITAL de confundir e complicar a avaliação da verdadeira dimensão dos períodos ocorridos entre os diversos fatos históricos, devido à contagem decrescente do tempo feita antes dela. As notações dessa contagem são **ac** (antes de cristo – em inglês **bc**) e **dc** (depois de cristo – em inglês **ac** e em latim **ad** - *anno domini* – ano do senhor)

Para contornar tal problema propusemos a adoção do ano universal (WY – world year) partindo sua contagem do ano zero, sendo este convencionado como a época em que se iniciou a civilização humana, ou seja, há cerca de 10.000 anos atrás. Assim, a era cristã nessa contagem teria se iniciado no ano 8.000 wy e em 2005 ad estaríamos no ano 10.005 wy.

A tabela abaixo demonstra as equivalências.

Ano Histórico	Milênios Cristãos	Milênios wy
0 – 1.000	Oitavo Milêno ac	Primeiro Milênio
1.001 a 2.000	Sétimo Milênio ac	Segundo Milênio
2.001 a 3.000	Sexto Milênio ac	Terceiro Milênio
3.001 a 4.000	Quinto Milênio ac	Quarto Milênio
4.001 a 5.000	Quarto Milênio ac	Quinto Milênio
5.001 a 6.000	Terceiro Milênio ac	Sexto Milênio
6.001 a 7.000	Segundo Milênio ac	Sétimo Milênio
7.001 a 8.000	Primeiro Milênio ac	Oitavo Milênio
8.001 a 9.000	Primeiro Milênio ad	Nono Milênio
9.001 a 10.000	Segundo Milênio ad	Décimo Milênio

2 - Significado do termo MISTÉRIO

MISTÉRIO. (latim: *mysterium* - grego: *mysterion*) iniciação

> *Crença religiosa na qual se afirma que alguém somente pode obter o conhecimento por revelação e jamais pode conseguir alcançar o total entendimento.*

Mistério eucarístico:

> Um ritual secreto religioso para transmitir felicidade duradoura aos iniciados.

As religiões, ou sociedades de mistérios, eram cultos secretos greco-romanos que proporcionavam aos seus adeptos um tipo de experiência que não era encontrado nas religiões oficiais. Os iniciados eram chamados de *mystes* e os mentores, de *mystagogos* (líderes dos mystes). Os diretores espirituais dos cultos eram os *hierophantes* (reveladores das coisas sagradas) e os *dadouchos* (guardiões da tocha).

Elas atingiram seu ponto máximo de popularidade nos primeiros três séculos da era Cristã, disseminados pelo império romano com favorecimento da *pax romana*[1] e das facilidades de movimentação com segurança por todo o império.

Suas características principais eram refeições em comum, danças e cerimônias, especialmente os rituais de iniciação, nos quais eram representadas simbolicamente a morte e a ressurreição.

Os mais famosos cultos de mistérios foram o de Demeter[2] em Eleusis[3] e mais tarde em Atenas; o de Dionysus[4], o deus grego do vinho e do êxtase; e o de Orfeu[5].

---

[1] **Pax Romana:** período de tranqüilidade em toda região do Mediterrâneo, proporcionado pelo Império Romano, desde Augustus (27 ac a 14) até o de Marco Aurélio (161 – 180). Esse período de segurança, que também atingia o Norte da África e a Pérsia era garantido pelo controle militar Romano, que permitia as províncias serem governadas por suas próprias leis , aceitando o controle e as taxações de Roma (NT)

[2] **Demeter** : Demeter era filha de Cronos e Rhea. Seu nome significa Mãe Terra, era deusa da agricultura, fundadora das leis, da ordem e do matrimônio. Também chamada de CERES. Seu culto é originário da Ásia Menor (região centro-oriental da Turquia) de onde se espalhou para a Grécia e Roma (NT)

As cerimônias desses cultos incluíam danças, cantos e algum tipo de teatro religioso, para contar a história do deus que estava sendo venerado. No culto a Dionísio, alem desses, havia ainda atividades sexuais, consumo de vinho e pantomimas.

O culto de Orfeu, que era baseado em escrituras sagradas reveladas pelo próprio, ao contrário dos outros, era extremamente ascético[6] e severo, exigindo celibato e abstinência de carne e vinho.

Os pitagóricos[7] seguiam a maioria das regras desse culto, combinando sua ênfase na vida após a morte com crenças esotéricas relativas a música, matemática e astronomia.

Platão[8] assimilou vários conceitos provenientes das irmandades pitagóricas e comunidades eulesianas.

---

[3] **Eleusis**: cidade a 23 km de Atenas, que foi anexada por esta em 700 ac (7.300). Foi destruída por Alarico em 325 (8.325). Em Eleusis acontecia o mais famoso culto de mistério da civilização greco-romana em homenagem a Demeter. Alguns rituais desse culto foram descritos, mas existe uma grande incerteza, principalmente por terem os primeiros patriarcas cristãos inventando uma série de descrições falsas para mostrar o caráter abominável daquelas celebrações. (NT)

[4] **Dionysus**.- Deus do vinho, tinha dezenas de atributos, entre os quais ressuscitar de três em três anos. Também conhecido como BACO. Seus festivais eram os Bacanais. Seu culto origina-se da Frigia (noroeste da Ásia Menor) Dionísio (NT)

[5] **Orfeu:** Extensamente cultuado, Orfeu, poeta e músico, tinha o dom de encantar seres animados e inanimados com o som de sua flauta. Quando sua esposa, Eurídice, morreu picada por uma serpente, ele desceu aos infernos e tocou uma música tão maravilhosa que convenceu Perséfone, deusa do local, a deixar Eurídice retornar ao mundo dos vivos, com a condição de que, no caminho de volta, somente olhasse para frente. Eurídice não obedeceu e na primeira olhada que deu em redor foi atirada novamente no submundo, de onde não mais retornou. (NT)

[6] **Ascético:** que ou aquele que se volta para a vida espiritual, mística; místico, contemplativo - que ou aquele que é sisudo, austero, incorruptível (NT)

[7] **Pitagóricos**: seguidores de Pitágoras [582-500 ac] (7.418 - 7.500), filósofo e matemático grego. Suas doutrinas influenciaram Platão. Fundou um movimento com propósitos religiosos, políticos e filosóficos, conhecido como pitagorismo. Sua filosofia só é conhecida através da obra de seus discípulos. Os pitagóricos aconselhavam obediência, silêncio, abstinência de alimentos, simplicidade no vestir e nas posses e o hábito da auto-análise. Acreditavam na imortalidade e na transmigração da alma. (NT)

[8] **Platão:** - filósofo grego [428-347 ac] (7.572-7.653) Discípulo de pitagóricos, sofistas e Sócrates. Criou a filosofia platônica, o primeiro sistema completo de filosofia espiritualista. Em essência, ensina que as semelhanças entre os indivíduos derivam de uma realidade pré-existente, sendo a dialética ou filosofia de idéias, seu principal tema. As idéias são dispostas de forma hierárquica, ficando no topo a idéia superior, o bem, o próprio deus. Seu discípulo,

Sociedades de mistérios que apareceram depois, por sua vez, copiaram livremente, do imaginário de Platão, conceitos tais como a viagem da alma pelas esferas dos planetas e pelas estrelas, sua incorporação em um ser humano e sua recompensa ou castigo. Algumas sociedades também adotaram seus conceitos sobre as qualidades planetárias e a música das esferas.

Com a conquista da Ásia por Alexandre[9] e o crescimento do comércio mundial, os mistérios começaram a adotar elementos das religiões orientais. Seus rituais se espalharam pelo Egito e se combinaram com a crença da divindade dos faraós. O deus Serápis[10] passou a incorporar aspectos de Zeus[11] e Osíris[12], produzindo mistérios específicos dele, que foram difundidos em todo o mundo grego-romano.

Surgiram assim cultos semelhantes aos mistérios gregos, em Roma, sobre Dionisus (Baco); no Egito, sobre a deusa Isis[13]; na Ásia Menor, sobre a Grande Mãe[14], Mithra, o deus sírio Sol[15] e outros.

Aristóteles, escreveu Metafísica ou Primeira Filosofia, cujo tema central é ser a matéria incompreensível sem a forma que constitui os seres. No topo da escala dos seres está a forma sem matéria, ou deus – o ato puro. – Sócrates: filósofo grego [470-399 ac] (7.530-7.601) que primeiramente estabeleceu os princípios éticos e filosóficos da cultura ocidental (NT)

[9] **Alexandre**: Alexandre, o Grande – Rei da Macedônia [356-323 ac] (7.644-7.677). Destruiu o império Persa e chegou até a Índia. Formou o maior império da antiguidade. Difundiu as bases da cultura grega nos reinos conquistados. (NT)

[10] **Serápis:** Divindade egípcia, deus do sol, cujo culto principiou-se em Mênfis, onde era adorado juntamente com o boi sagrado Apis. Daí espalhou-se pelo mundo greco-romano, sendo reverenciado com Zeus-Serapis. O faraó Ptolomeu I [305-284 ac] (7.695-7.716) centralizou seu culto em Alexandria, onde construiu seu maior e mais famoso templo, o Serapeum. O fato que marcou o triunfo final do cristianismo em todo o império romano foi a destruição do Serapeum, em 8.391, pelo patriarca cristão Teófilo. (NT)

[11] **Zeus**: Deus supremo dos gregos- Equivalente ao Júpiter romano.(NT)

[12] **Osiris:** Deus supremo do Egito. Sua origem é obscura, acreditando-se que já era cultuado antes de 3.000 ac (5.000) (NT)

[13] **Isis**: Uma das mais importantes deusas do Egito. É mencionada já em 2.350 ac (5.650). Era mulher de Osíris, que, após sua morte por esquartejamento, juntou seus pedaços e, com seus poderes mágicos, restitui-lhe a vida. (NT)

[14] **Grande Mãe**: deusa suprema dos frígios, conhecida pelos gregos e romanos como CIBELE desde 600 ac (7.400). Foi identificada mais tarde com a deusa Rhea. Era a mãe de todos os deuses e a rainha da fertilidade. Seus cultos eram, geralmente caracterizados por orgias. Seus sacerdotes eram castrados, pois acreditava-se que o amante de Cibele, o deus da fertilidade Attis, tinha se castrado sob um pinheiro e sangrado até morrer. Assim, nos festivais anuais de Cibele, um pinheiro era cortado e trazido ao seu altar, onde era enfeitado

3 - Revelação

No sentido religioso, “revelação” significa a divulgação para a humanidade de uma realidade divina ou sagrada ou de um propósito divino. Ela pode acontecer através de discernimento místico, eventos históricos ou experiências espirituais.

Todas as grandes religiões enfatizam ao máximo a revelação, tornando seus seguidores dependentes das “visões” privilegiadas de seu fundador ou de um grupo de pessoas que começaram a praticá-las.

Nas religiões “proféticas” – Zoroastrismo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo[16] – a revelação é considerada como uma mensagem direta de deus a um porta-voz privilegiado, que é encarregado de divulgá-la por entre o povo. É sintomático que não se explique porque deus precisa de tal porta-voz, quando tem todo o poder do mundo para divulgar tal mensagem de outra maneira.

O modo como o porta-voz recebe a “transmissão” é variável. São fenômenos auditivos, visões subjetivas, sonhos e êxtases. Nas religiões primitivas, ela é feita por êxtase induzido por técnicas mágicas acompanhada pela ingestão de narcóticos.

Nas religiões proféticas são consideradas, principalmente, “palavra de deus”, tornando seu porta-voz o mensageiro da correta vontade de deus.

Em culturas primitivas, a revelação é identificada como contida em objetos físicos, tais como pedras, água, amuletos, ossos de pessoas ou animais, conchas, etc.

---

e adorado pelos fiéis, sendo aspergido pelo sangue dos sacerdotes, que se auto-mutilavam na ocasião. (NT)

[15] **Sol**: Antigo deus da Síria, depois incorporado em dois deuses romanos: o *sol indiges* e o sol associado a deusa *Luna* (lua). Representava a estrela Sol do nosso sistema planetário. Os filósofos gregos o associavam ao deus do sol grego Helius. Sempre foi considerado o principal protetor dos governantes e imperadores e foi o principal deus do império romano (NT)

[16] **Islamismo**: do árabe “*islam*”: submissão (NT)

O sagrado[17], igualmente, é considerado estar presente em árvores, grutas, túmulos e altares. Para os adeptos do culto, depois que são declarados "sagrados", adquirindo um valor simbólico, tais objetos se tornam capazes de transmitir toda sorte de experiências espirituais.

No princípio, para se tornar um porta-voz, era preciso passar por uma iniciação e estar sob a direção de um guia espiritual. Somente depois de um longo tempo de aprendizagem o indivíduo conseguia estar apto a exercer tal função. Porém, com o passar do tempo, em todos os quadrantes da terra foram surgindo "iluminados" que diziam ter recebido mensagens sobrenaturais e tinham a missão de divulgá-las.

No cristianismo são centenas de exemplos: o pretenso recebimento das chagas de Jesus como atestado de veracidade para as visões (Francisco de Assis, Anna Catarina Emmerich, Catarina de Ricci, entre outros), o sudário de Turim (a Igreja nega, mas está cientificamente provado que é uma fraude), a Túnica de Argenteuil (essa então...), o caso de Lanciano, o sangue de São Genaro, as relíquias de "santos" (dentre inúmeras destacam-se a lança que feriu Jesus na cruz, os cabelos de Madalena, as pedras atiradas contra Estevão, o feno da manjedoura de Belém, a cauda do jumento de Balaão, um dente de Paulo, artelhos de Edmundo, etc) e as centenas de "aparições" de Maria (Grande Mãe?).

Já recentemente, não se pode esquecer John Smith Jr. o filho de um fazendeiro nos arredores de Nova York, que em 1827 recebeu de um anjo chamado Moroni, placas de ouro contendo uma doutrina, as quais ele traduziu(?) para o inglês num livro chamado "*O Livro dos Mórmons*", fundando assim a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – os Mórmons.

Outro a merecer citação é William Miller (o mentor de Ellen White - que afirma ter tido mais de 2.000 visões) que é assunto do próximo tópico.

No campo da extravagância, temos o exemplo de Leon Hippolyte Denizard Rivail (1804-1869) estudioso francês que tomando elementos - segundo ele, "revelados" por um espírito superior - do zoroastrismo, hinduísmo, platonismo judaísmo, cristianismo e de várias correntes

[17] **Sagrado**: relativo a tudo quanto, por pertencer à divindade ou ser considerado como tal, participa do culto e respeito que se tem a essa mesma divindade (NT)

esotéricas[18], além de se basear na fraude das americanas irmãs Fox[19] (1847), fez uma monumental salada pretensamente científica e codificou o que é conhecido como espiritismo[20] (1857), adotando desde então o nome de Allan Kardec.

Podem-se catalogar milhares de exemplos de "revelação" que os fundadores de seitas alegam ter recebido. Essa quantidade somente nos leva a duvidar se na realidade existe mesmo revelação!

O budismo, taoísmo e confucionismo não se utilizam da revelação como uma manifestação do sobrenatural, mas sim como uma dádiva de conhecimento do caminho correto que seus mentores divulgam à humanidade.

O judaísmo está fundamentado na revelação, que é transmitida das mais diversas formas, desde conversas face a face com deus até suas ações

---

[18] **esotérica**: ciência, doutrina ou prática baseada em fenômenos sobrenaturais - caráter de uma obra hermética, enigmática – aquilo que somente pode ser revelado a iniciados (NT)

[19] **Irmãs Fox**: Catherine e Margareth Fox = Em 1847 as duas irmãs, residindo perto de Nova York, divulgaram pela vizinhança que estavam recebendo mensagens de espíritos de mortos através de batidas em código. Imediatamente a notícia se espalhou e ajudada pelo sensacionalismo da imprensa, correu o país e depois o mundo. Elas se mudaram para Rochester onde uma irmã mais velha – Leah - se transformou em empresária, promovendo sessões públicas que ficaram conhecidas mundialmente como "Rochester rappings" onde se afirmava que as batidas em código eram reais manifestações dos espíritos dos mortos. De Rochester foram para Nova York (1850), onde promoveram sessões (pagas) que lhes renderam fama e fortuna, pois várias personalidades famosas passaram a acreditar nelas. Logo, dezenas de imitadores surgiram, divulgando intensamente a teoria da comunicação com espíritos de mortos. Em 1860 ambas as irmãs se tornaram alcoólatras. Em 1872 Kate casa-se com Henry Jencken na Inglaterra. Em 1885, Margareth confessa publicamente na Academia de Música de Nova York, que a comunicação com espíritos era uma fraude e tudo tinha sido inventado por ela e pela a irmã, para assustar a mãe. Porém, a teoria do espiritismo estava muito desenvolvida, com muita gente importante acreditando nela, o que fez com que, sob intensa pressão, Margareth desmentisse sua declaração, alegando estar bêbada quando a fizera. Antes das irmãs Fox, não havia organizações ou qualquer técnica espírita, surgindo todas após elas. (NT)

[20] Note-se que o espiritismo somente encontra solo fértil nas culturas mais primitivas, sendo encarado como um exotismo pelas culturas do primeiro mundo. Na França, Kardec é TOTALMENTE desconhecido, havendo romarias em seu túmulo feitas quase que exclusivamente por brasileiros. Por exemplo, até 2.000, seu nome não constava da Encyclopaedia Britannica. (NT)

milagrosas para ajudar o povo judeu[21]. Os judeus ortodoxos não abrem mão da inspiração verbal transmitida por deus, na composição da Bíblia.

O cristianismo toma emprestadas as noções de revelação do judaísmo e das doutrinas esotéricas de grupos judeus que proliferavam na cultura greco-romana. Acreditam que a principal revelação é a própria aparição de Jesus, sua vida, morte e pretensa ressurreição. Os apóstolos são os profetas, porta-vozes dessa revelação. Para garantir, invocam milagres e testemunhos, que, dizem, são as provas de sua veracidade.

O islamismo é fundamentado nas revelações recebidas por Maomé (700 dc – 8.700 wy) que foram documentadas no Corão, que seus fiéis consideram a única e perfeita revelação ditada pelo próprio deus ao profeta, onde está contida a sua vontade, que deve ser seguida sem vacilar.

No zoroastrismo, a revelação foi feita a Zoroastro (800 ac – 7.200 wy) que recebeu do próprio deus as bases para fundar sua religião e ser seu representante na terra na luta do bem contra o mal.

É a Zoroastro que todas as religiões “proféticas” devem a formidável idéia da revelação e de onde retiraram a maioria de seus princípios e rituais.

4 - William Miller, o advento de Jesus e o fim do Mundo

Miller, nascido em Massachusetts em 1782, previu a vinda de Jesus, e o conseqüente fim do mundo, por **QUATRO** vezes !

Era um fazendeiro ateu que recebeu uma “revelação” importante, após fazer vários cálculos baseados nas épocas da Bíblia: o fim do mundo, com data e hora. Esse dia era 3 de abril de 1.843. De posse desta informação privilegiada, Miller deixou a fazenda (1.831) para tornar-se pregador itinerante e percorreu vários estados americanos, anunciando o fim do mundo. Miller ganhou um grande aliado na própria natureza, que

[21] Ao se estudar a história de Israel, chega-se à conclusão que deus, na realidade, pouco ajudou seu povo “escolhido”. Durante toda a sua existência, 4 mil anos, teve apenas 200 anos de liberdade e independência. (NT)

proporcionou espetáculos de queda de meteoritos em 1.833, halos em volta do sol e o aparecimento de um cometa em 1.843.

Os jornais publicaram as profecias e o seguiram passo a passo. Miller afirmava que o mundo seria destruído pelo fogo, salvando-se somente aqueles que estivessem com ele. Sua fama espalhou-se e aumentou com os fenômenos naturais acontecendo à medida que a data fatídica se aproximava.

No dia marcado, milhares de crédulos (o próprio Miller calculou que seriam 10 mil) que tinham certeza da veracidade da profecia, reuniram-se na Nova Inglaterra, esperando a queimada final. Existem relatos documentados em jornais da época, que, nesse dia, muitos fiéis, em todo território americano, convencidos principalmente pelo cometa que tinha aparecido, se suicidaram, após matar toda família. Centenas venderam tudo que tinham e foram aos cemitérios envoltos em mortalhas brancas para esperar a morte e a “salvação”. Como todos sabemos, nada aconteceu no dia 3 de abril de 1843.

Miller não se desconcertou. Reunindo seus seguidores, proclamou que havia um erro de cálculo e que iria recalcular a data. Após algumas semanas de estudo apareceu com a nova data: 7 de julho de 1843. É inacreditável, mas todos - fanatizados e cegos - acreditaram e se prepararam para o novo fim do mundo. A mesma cena se repetiu: venda dos bens, deslocamento de multidões, suicídios e tragédias.

Chegou o dia 7 de julho. Nada. Chegou o dia 8 de julho. Nada. Novamente, Miller, diante de milhares de fanáticos, avisou que faria novo cálculo. Após algum tempo, surgiu com a notícia: a nova data era 21 de março de 1844.

Novamente lhe deram crédito e começaram os preparativos para o final. Repetem-se as cenas anteriores. Chega o dia 21 de março. Nada. Com a maior desfaçatez, Miller, sentindo que todos ainda confiavam nele, comunicou que errara novamente e que, cúmulo dos cúmulos, iria anunciar breve a nova data. Essa foi marcada para 22 de outubro de 1844.

Como também nada aconteceu nesse dia, os fiéis, depois dessa quarta falha, começaram a duvidar e a ficar revoltados. Principalmente aqueles

que tinham vendido tudo o que tinham, ao saberem que Miller possuía todos seus bens e estava muito bem de vida.

Dessa vez, os fiéis, que chegaram a casa dos 100 mil, começaram a se dispersar, mas a idéia de Miller sobreviveu e entre aqueles que continuavam a acreditar nele, estavam Joseph Bates, James e Ellen White que entre 1844 e 1855 fundaram um movimento que hoje se chama Adventistas do Sétimo Dia.

5 – As "esferas" de Platão

Em Timaeus[22], Platão expõe sua teoria sobre a criação do universo e da alma humana. Segundo ele, a terra é envolvida por esferas, uma para cada um dos sete planetas. A oitava esfera é a das estrelas fixas. Além da oitava, se encontra o reino do divino. A oitava esfera se move para a direita, numa velocidade constante, sob ação do poder divino. Essa rotação afeta as outras sete esferas, que são obrigadas a girar em sentido contrário. As estrelas fixas da oitava esfera são os berços das almas, existindo uma alma para cada estrela. Devido a rotação, as almas se "despregam" das estrelas e caem, passando pelas sete esferas até chegarem à Terra e se juntarem a um corpo humano. As sete esferas determinam um espaço onde a morte age. Da oitava em diante, reina a imortalidade.

A alma, em sua queda do mundo divino para o humano, será influenciada pelos planetas das esferas por onde passará, transmitindo, ao ser humano que incorporar, o caráter desses planetas: preguiça, se for influenciada por Saturno; beligerância, por Marte; sede de poder, por Júpiter; luxúria, por Vênus; ambição, por Mercúrio.

Um detalhe importante dessa teoria é que as almas NÃO desejam abandonar as estrelas onde nasceram, elas "caem" devido a rotação da esfera. Assim, sua tendência natural é voltarem – subirem até as estrelas – após a morte do corpo onde estavam presas.

---

[22] **Timaeus**: historiador grego [356-260 ac] (7.644 -7.740) - título de um dos discursos de Platão, onde este expõe suas idéias sobre cosmologia, física e biologia (NT)

Nessa jornada de volta, ficam “limpas” de todas as mazelas que haviam adquirido dos planetas ao descerem. Essa teoria foi totalmente aceita e vigorou como verdade científica por vários séculos.

E mais: Platão comprou três manuscritos de Filolau[23], de onde tirou a idéia das esferas. Além disso reforçou a teoria desse filósofo da famosa música das esferas, que era o som contínuo e afinado, produzido pelos planetas ao se moverem dentro de suas respectivas esferas, que, ao se combinarem, produziam uma música melodiosa e perfeita.

A teoria da música das esferas perdurou como dogma[24] científico até o século XIX.

6 - Paralelismo entre termos do Avesta

As diversas fontes de pesquisa usadas para compor esta visão geral da religião no Irã, baseiam-se em vários tipos de referências.

Portanto, para uma perfeita compreensão, vamos identificar os paralelismos existentes.

Os textos estão escritos em persa antigo (escrita cuneiforme) e em persa.

O Avesta são os textos mais antigos do zoroastrismo. O Gujarati é um resumo do Avesta e o Pahlavi é a transcrição do Avesta em persa mais moderno. Avesta, Gujarati e pahlavi também são dialetos em que as obras foram escritas.

A Pérsia mudou de nome para Irã. Além disso, existe o paralelismo entre o Avesta e o Vedas da Índia. Em outras línguas, Zoroastro é a forma grega de Zarathushtra. Mihtra do persa é o Mitra indiano e o Mithras romano.

---

[23] **Filolau:** filósofo grego [475 ac] (7.525) discípulo de Pitágoras. Era adepto da numerologia, apreciando notadamente o número 10, que julgava número perfeito. Propôs uma teoria do universo, do fogo central, da anti-Terra, da música das esferas, entre outras. (NT)

[24] **dogma** - Ponto fundamental e indiscutível de uma religião. (NT)

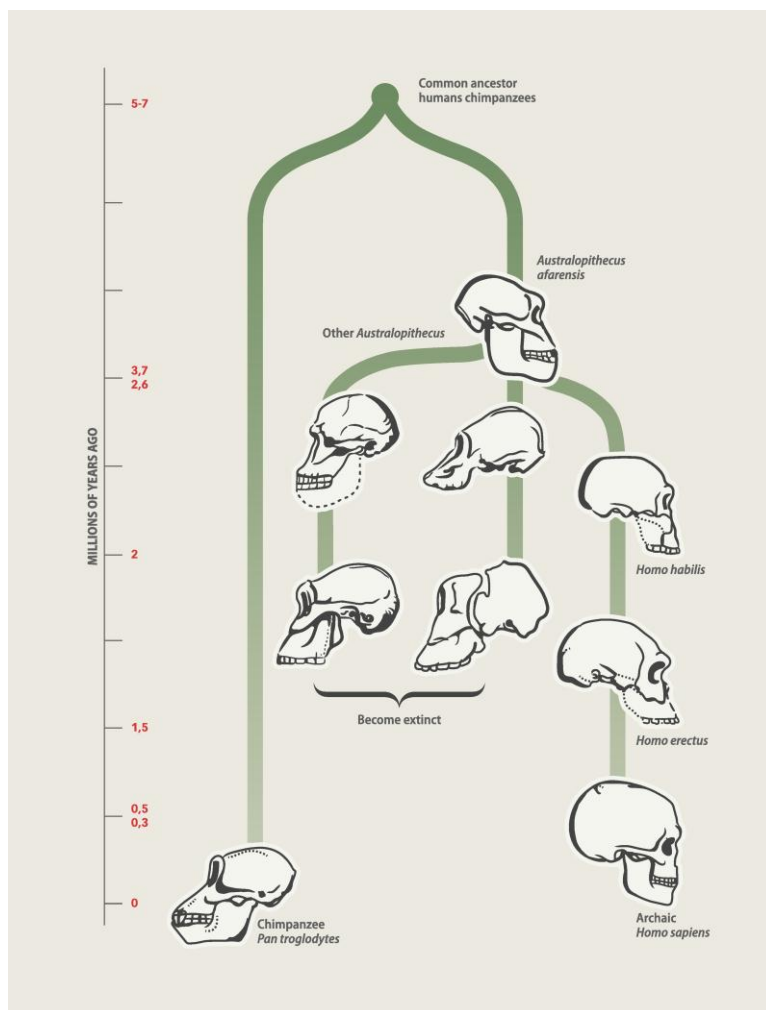
Persa Antigo	Persa	Avesta	Gujarati	Pahlavi
		Angra Mainyu (Anra Mainyu)		Ahriman (Ahreman)
		Ahura Mazda		Ormazd, Ohrmazd
	Arda Viraf			Ardag Wiraz
	Avesta (Avestan)			Abestag Abistag
	Den, din	Daena		Den, din
Daiva		Daeva		Dew, deva
		Haoma		Hom
		Saoshyant		Shoshyant
	Zoroastro	Zarathushtra	Zarthosth	Zartosht, zardusht

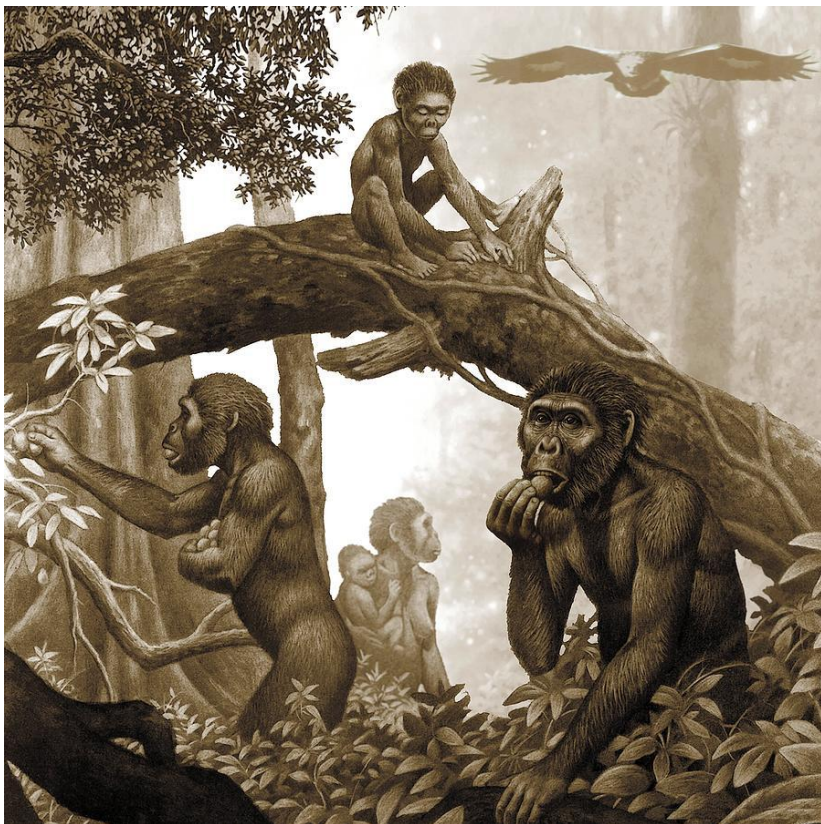
یِنگهِ هاتم آئَت یِسنِه پَیتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا یائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا یَزَمَیدِه.

~1~

Fundamentos de História Humana

Para se entender com perfeição o sistema religioso de Zoroastro necessitamos de fazer uma rápida exposição sobre a história humana e como os primitivos criaram as religiões.

O homem moderno é hoje conhecido como homo sapiens. Sua trajetória desde o seu aparecimento somente pode ser traçada com bases em suposições fundamentadas em achados arqueológicos. O homo sapiens é um mamífero e um primata, de acordo com classificações científicas.

A ciência, analisando determinados tipos de fósseis, acredita que os primeiros seres pré-humanos tenham surgido há cerca de 5 milhões de

anos (50.000 séculos!). Os seres humanos, ou seus ascendentes surgiram há cerca de 3 milhões da anos. Esse lapso de tempo, para os parâmetros a que estamos acostumados é assombroso. Pense bem: 30.000 séculos!

Mas, ao compararmos com a idade da terra, cerca de 4,5 bilhões de anos, chegamos à conclusão que 3 milhões de anos é uma parcela quase desprezível. Seria um espaço de tempo de 3 dias em 100 anos, ou seja, se a terra tivesse surgido há 100 anos, o homem só teria aparecido há 3 dias.

Mas, esse ser de 5 milhões de anos, não era o homem como o conhecemos agora. Atualmente, a paleontologia nos apresenta duas teorias sobre a evolução humana. A primeira, diz que o homem apareceu na África e

migrou para a Europa e Ásia; a outra defende que o homem surgiu na Ásia e migrou para a Europa e África. Talvez jamais se terá modos de provar qual teoria é a correta.

De qualquer forma, um ramo desses seres primitivos, chamados genericamente de **australopithecus**, têm a particularidade de combinar características de homens (andar ereto) e de macacos (braços e dedos mais alongados).

Então, o primata ancestral desce das árvores e começa a andar ereto, entre 6 e 4 milhões de anos atrás. Ele é fraco e sua única arma é um cérebro mais funcional. Supondo que tenha surgido há 4,5 milhões de anos, ele passa quase 2 milhões de anos para começar a usar pedaços de pedra como utensílios. Pensemos, avaliando quantitativamente esse tempo: 2 milhões de anos! Não são 2 horas, nem 2 dias, nem 2 anos, nem 2 séculos, nem 200 mil anos. SÃO 2 MILHÕES DE ANOS!!!!

Essa é a maior prova da evolução. Essa é a prova que não houve intervenção divina na história do homem. Dois milhões de anos ou mais, para aprender usar pedras como ferramentas. Depois, quase 2 milhões de anos para aprender a usar o fogo. Depois, quase 3 milhões de anos para aprender a usar abrigos. Não podemos nos admirar que o homem tenha atingido um grau de desenvolvimento extraordinário. Ele teve MUITO TEMPO para isso.

O que nos admira é que tenha conseguido sobreviver. Nossa raça, o homo sapiens moderno, apareceu há cerca de 125.000 anos, mas somente há 10.000 anos começou a plantar e iniciou o que chamamos de civilização. Ou seja: passou 115 mil anos evoluindo, lentamente galgando degraus do conhecimento, fazendo novas descobertas, criando novas técnicas e encontrando formas de melhorar sua vida. Veja o tempo: 1.150 séculos!

Esse tempo é imenso. As teorias de criação divina e de semeadura extra-terrestre desmoronam diante desse período fabuloso. Se pensarmos então em 4,5 milhões de anos....Depois de começar a agricultura, o homem precisou de mais 5 mil anos para construir suas primeiras cidades.

Vamos então, resumir essa fase de pré-história, que cobre 98% da história do homem na Terra. Isso mesmo! Pense nisso.

Um primata, há 4 milhões de anos, se destaca dos outros por possuir um cérebro maior e mãos que possibilitam o uso de ferramentas. É o **australopithecus ramidus** (a. ramidus). Não se conhece como esse primata conseguiu sobreviver e se espalhar por diversas partes do planeta. Numa lenta evolução, esse primata original gera uma família que se ramifica em duas. Um ramo é do **australopithecus afarensis** e outro é do **australopithecus anamensis**.

a.afarensis (Lucy)

Devido a esse lapso de tempo fenomenal, não se sabe se eram só esses dois ramos. Hoje, só temos vestígios desses 2 ramos. Não se sabe ainda, como foi a evolução do **a. ramidus** para os outros dois.

Após 1 milhão e meio de anos, o ramo do a. anamensis é extinto. O ramo do a. afarensis se subdivide em 3 novas famílias: Uma leva ao **homo habilis**, outra leva ao **a. africanus** e outra ao **a. boisei**.

Passados 2 milhões de anos, os seus descendentes já estão usando ferramentas de pedra e o fogo.

O ramo do a. boisei é extinto após 3 milhões de anos. O ramo do a. africanus leva ao **a. robustus** e é igualmente extinto na mesma época. O ramo do **homo habilis**, passado esse tempo, sofre ramificações que se acredita levam a um ramo do **homo erectus** e a outro do **homo sapiens.**

A família do h. erectus leva à do **neandertal** e é extinta.

O homo sapiens, há 500 mil anos, 3,9 milhões de anos depois do a. ramidus ter iniciado a família, começa sua evolução para chegar até nossos dias.

Coleção de crânios do gênero homo

Reconstrução a partir de pedaço do crânio do h. heildelbergensis

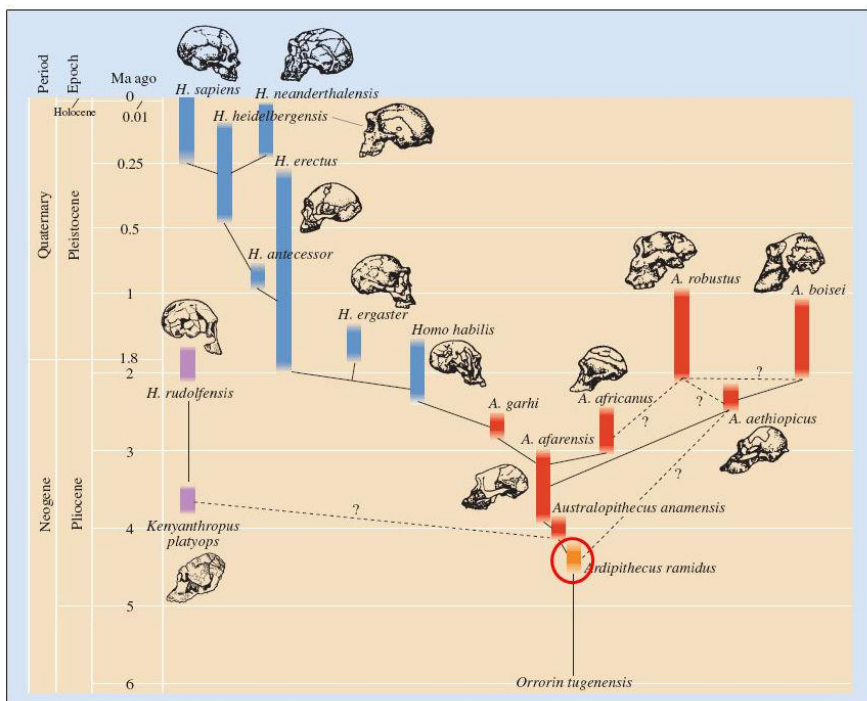
Veja bem que essas são informações resumidas ao extremo, pois o assunto é complicado. Como exemplo da complexidade desse estudo de paleontologia vejamos em quadros o que a ciência nos apresenta atualmente na matéria de evolução humana e do surgimento do homo sapiens.
No quadro seguinte temos os ramos e as interações realizadas pelos diversos personagens cujos fósseis foram encontrados:

2,5% примеси у неафриканцев
Homo sapiens sapiens (неоантропы) (?200 – 45 тыс. л.н. – современность)
Homo neanderthalensis (палеонтропы) Европы и Западной Азии (130 – 28 тыс. л. н.)
4,8% примеси у меланезийцев и австралийцев
Homo floresiensis (95 – 12 тыс. л. н.)
Люди из Нгандонга (100 – 200 тыс. л. н.)
Homo heidelbergensis Европы 130 – 800 тыс. л. н.
Homo sapiens idaltu (150 – 160 тыс. л.н.)
Люди из Самбунгмачана (400 тыс. л. н.)
???Homo antecessor (1,2 –780 тыс. л.н.)
Homo helmei (200 – 400 тыс. л.н.)
«Денисовцы» (?Homo heidelbergensis Азии ??? – 30 тыс. л. н.)
Homo heidelbergensis Африки (800 – 200 тыс.л.н.)
Питекантропы Явы (0,8 – 1,2 млн л. н.)
Синантропы Китая (1,2 млн л.н. – 300 тыс. л.н.)
«Еврантропы» Европы (1,2 млн л.н. – 300 тыс. л. н.)
Homo erectus (архантропы) Африки (0,8 – 1,4 млн л. н.)
Homo erectus (0,4 – 1,5 млн л.н.)
Homo georgicus (Дманиси) (1,7 млн л.н.)
Homo ergaster (1,4 – 1,6 млн л.н.)
Homo gautengensis (0,82 – 2 млн л.н.)
«Ранние Homo»
Australopithecus sediba (1,977 млн л. н.)
Paranthropus boisei (1,1 – 2,3 млн л.н.)
Homo microcranous??? (1,5 млн л.н.)
Массивные австралопитеки
Paranthropus robustus (0,9 – 2,5 млн л.н.)
Paranthopus aethiopicus (2,3 – 2,6 млн л. н.)
Homo rudolfensis (1,5 – 2,3 млн л.н.)
Australopithecus africanus (2,4 – 3,5 млн л. н.)
Homo habilis (1,5 – 2,3 млн л.н.)
Australopithecus garhi (2,5 млн л. н.)
Australopithecus afarensis (2,5 – 3,9 млн л.н.)
Kenyanthropus platyops (3,2 – 3,5 млн л. н.)
Australopithecus anamensis (3,9 – 4,4 млн л.н.)
Ardipithecus ramidus (4,4 млн л.н.)
Australopithecus bahrelghazali (3,0 – 3,5 млн л. н.)
Ardipithecus kadabba (4,3 – 5,8 млн л. н.)
Грацильные австралопитеки
Ранние австралопитеки или «преавстралитеки»
Orrorin tugenensis (5,7 – 6,2 млн л.н.)
Pongo (Орангутан)
Понгиды
Sahelanthropus tchadensis (6 – 7 млн л.н.)
Gorilla (Горилла)
Pan (Шимпанзе)
Pongo pongo pygmaeus
Pongo pongo abelii
Gorilla gorilla gorilla
Gorilla gorilla beringei
Pan troglodytes
Pan paniscus
Chororapithecus (10 – 10,5 млн л.н.)
Khoratpithecus (10 – 13,5 млн л.н.)
Nakalipithecus (9,8 – 9,9 млн л.н.)
Proconsul (15 – 18 млн л.н.)

No quadro abaixo vemos o que se sabe sobre a evolução do crânio dos primatas até chegar ao crânio do homo sapiens.

Neste quadro ainda pode-se encontrar informações do local do achado, a data, quem achou, etc. (para ver isso basta dar zoom no documento)

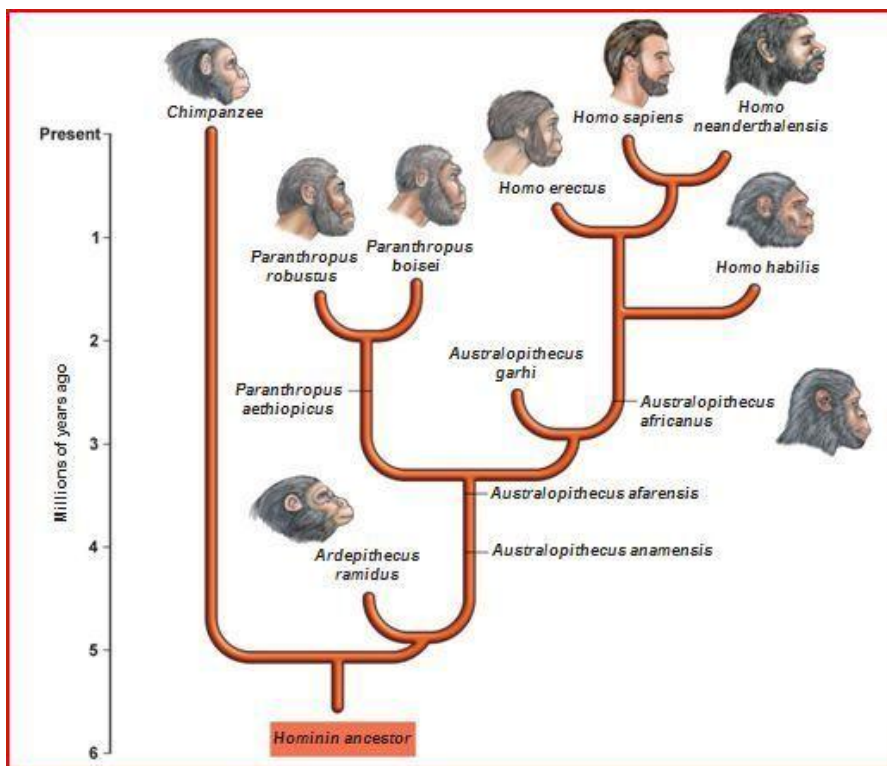
Não se tem a intenção de fazer comentários sobre esses dois quadros, pois tal assunto está fora do escopo desta obra. Para o leigo basta um rápido exame para notar a complexidade do tema e o imenso trabalho de investigação e pesquisa que está por detrás de uma única descoberta de um desses crânios.

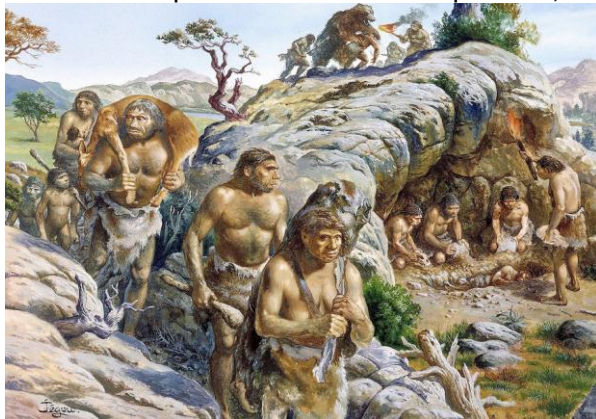
O próximo quadro nos mostra os ramos dessa evolução, da forma em que se acredita que tenha ocorrido. Para nossa intenção aqui basta que o leitor acompanhe a árvore até chegar ao homo sapiens.

Os cientistas acreditam que o ramo chamado de "homo" (o H. do quadro acima, barra azul) surgiu quando o a. afarensis sofreu uma mutação.

O cenário certamente foi algo parecido com o seguinte. Um a. afarensis nasce com uma falha no código genético, que lhe faz diferente dos outros: ele possui um aparelho fonador. Lembre-se sempre que o nosso DNA é 98% idêntico ao do chimpanzé. Por sorte, esse animal consegue sobreviver e gerar uma descendência, todos apresentando a tal "falha". Era o começo do ramo "homo".

Esse ser com essa mutação conseguiu sobreviver e gerou filhos que herdaram a mesma mutação. Essa mutação provocou duas consequências primordiais: o aumento da capacidade cerebral e a separação e socialização dos seres que tinham a mesma capacidade fonadora.

Logo, esses animais que produzem sons diferentes, algo que não são somente gritos, começam a procurar uns aos outros, fortalecendo a genética e iniciando um tipo de comunicação entre si que os outros macacos da tribo não possuíam.

Com o passar dos séculos, os macacos “normais” afastam-se dos seus primos “falantes”, pois verificam que levam desvantagem se ficarem com eles e serão excluídos do grupo. A tribo falante, aperfeiçoa sua comunicação e com ela, melhora a coleta de alimentos, permitindo que o ramo cresça e se desenvolva.

Cerca de 300 mil anos depois, o ramo homo está separado dos demais primatas e seus membros possuem duas características que vão comandar

o seu sucesso: um grande cérebro para poder processar informações bastantes sofisticadas e o poder de se comunicar pela voz, ou seja, falar.

Quando a comunicação se tornou fluente, o grupamento se socializou, criando diferentes funções para seus membros, inclusive os de administração e comando. Nessa ocasião essa raça já tinha plena consciência da morte e procura desesperadamente uma maneira de escapar do fim certo.

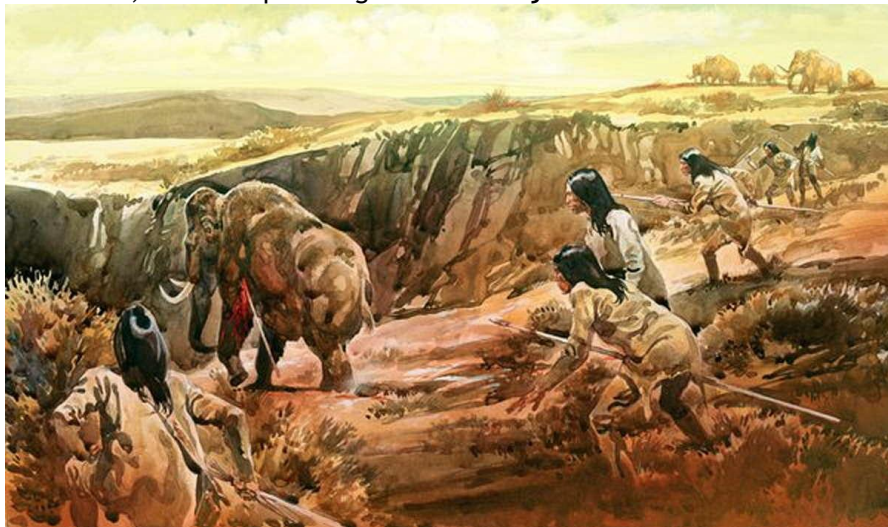
Em uma primeira fase, da qual não é possível precisar a data, algo entre 500 mil e 250 mil anos atrás, que o professor Braidwood[25] chama de "*estágio de coleta de alimentos*" ele cria pequenos núcleos, realiza caçadas, colhe frutos e começa a plantar alguma coisa.

Mas, sua grande fonte de alimento é a caça, e ele a segue com seus acampamentos. Não existe sobra de alimentos - pelo contrário, se pararem de caçar, morrem de fome - e a expectativa de vida é, no máximo, de 40 anos.

Seus métodos de caça, principalmente com animais grandes é jogá-los em um despenhadeiro ou encurralá-los entre montanhas e depois matá-los. Acredita em deuses que o protegem nas caçadas, pratica canibalismo

---

[25] "*Prehistoric Men*" - Robert Braidwood, Professor Emeritus in the Oriental Institute and Department of Anthropology at the University of Chicago (NT)

ritual e aos poucos vai dominando o fogo. Essa é a fase menos evoluída do homem, chamada por Morgan[26] de "**selvajaria**".

Há cerca de 140 mil anos, o homem aprende a usar o fogo e morar em cavernas. Passam-se 40 mil anos e agora o homem enfrenta o gelo e migra para fugir dele. Ásia, América e Austrália são povoados.

Passam-se 50 mil anos e agora os humanos já se comunicam através da linguagem. Há cerca de 30 mil anos, para fugir do rigor do gelo os humanos utilizam cavernas.

Essa fase de coleta dura cerca de 98 % do tempo total da história do homem. Mais uma vez, sou obrigado a lembrar que você deve pensar nesse tempo. É muito. A evolução é lenta para o nosso modo de vida, mas é um raio, se comparada com os 3,5 milhões de anos para o homem aprender a usar as primeiras ferramentas.

E assim chegamos há 10 mil anos, que, com o fim da última idade do gelo[27], inicia-se a agricultura e com ela o uso de anzol, arco, flecha e

---

[26] Lewis Henry Morgan - Antropólogo, etnólogo e escritor norte americano (1818-1881). Em seu livro “Ancient Society (1877)”, distingue três estados de evolução da humanidade: selvageria, barbárie e civilização. (NT)

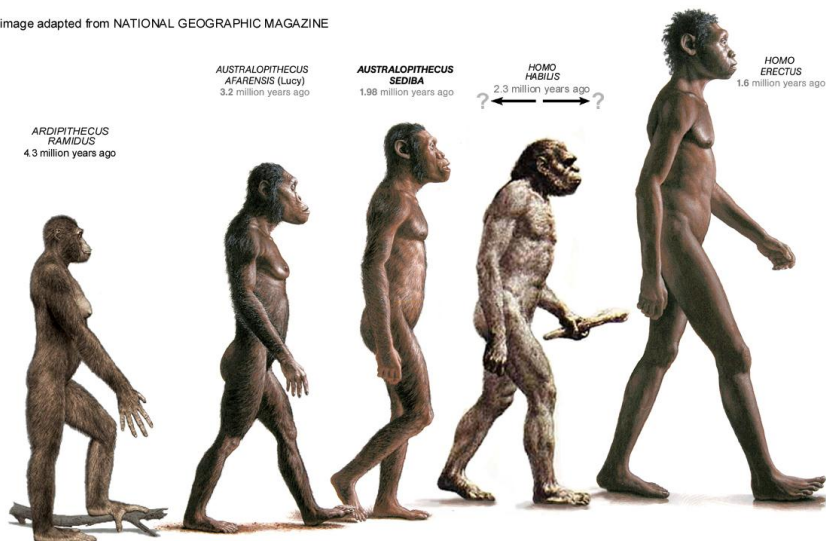
lança. Uso de numeração e contagem. Observação dos planetas e estrelas. Surgem a roda, roldana, sarilho. A tecnologia se aprimora com a tecelagem, curtume e cerâmica. Aprende-se a domesticar animais, fundir metais, usar plantas medicinais.

Com o fim do Würm III, entramos na atual era interglacial. Há dez mil anos a Terra voltou a se aquecer, fenômeno que faz parte da interglaciação. Com o recuo do gelo, o norte da África torna-se seco, o nível dos mares sobe e toda Europa é tomada por florestas. Caçar torna-se mais difícil e o homem é obrigado a criar novas ferramentas e armadilhas para tornar a tarefa mais eficaz.

---

[27] A Terra sofre períodos de glaciações de tempos em tempos. Esse fenômeno deixa quase todos continentes debaixo de gelo e neve por períodos imensos. As glaciações duraram milhares de anos e entre elas existe um período chamado de interglaciação. A última glaciação foi há 200 mil anos e durou 80 mil anos. Estamos na interglaciação Riss-Würm, há 100 mil anos, a qual somente sofreu um imenso degelo exatamente há dez mil anos, propiciando assim o começo da civilização (NT)

H. Weinert, em sua monumental "*L'Ascension Intellectuelle de l'Humanité*", encerra assim esse capítulo:

> "*Partindo da condição de antropomorfos, desprovidos de toda cultura, a aurora da civilização humana levanta-se muito lentamente (...) isto é, na metade do tempo que nos separa das origens. No fim dessa primeira etapa, nosso ancestral mostra-se "humano" de modo incontestável, morfológica e culturalmente(...) A melhor prova da lenta e progressiva ascensão espiritual da humanidade é o fato de sua origem, não apenas corporal, mas intelectual, perder-se na obscuridade da bestialidade primitiva. Progresso do corpo e progresso do espírito caminharam juntos: assim não houve, fisicamente, uma criação brusca do homem, também psiquicamente não houve outro começo possível a não ser a descendência a partir de ancestrais antropóides*."

Resumindo, marcando 10 mil anos atrás como ano zero, em meados do ano 1.000, era Mesolítica, surgem os artefatos para se trabalhar a madeira, as primeiras costuras e embarcações.

Entre 1.000 e 3.000, período da era Neolítica, na Europa já se encontram aldeias que sobrevivem de recursos da caça e das colheitas. Colhem trigo, linho e cevada. Domesticam-se o cão, o boi, a cabra o carneiro e o porco.

Em 4.000, termina a era Neolítica e com ela a Idade da Pedra, e o homem sai da pré-história para entrar na história.

Voltando a contagem de nossa era, estamos a 6 mil anos atrás ou seja, no ano 4 mil ac, entrando na Idade do Bronze. O homem, já contando com 4 mil anos de civilização refina seus conhecimentos sobre a natureza que o cerca.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

~2~

O surgimento da Religião

I - A Crença do Homem Primitivo

Ninguém pode contar com precisão como foi o desenvolvimento dos primeiros grupos humanos, mas, com poucas chances de erro, pode-se visualizar como surgiu a religião.

Esse homem primitivo, há cerca de 100 mil anos, não tinha conhecimentos. Assim que começou a usar a capacidade de falar iniciou a busca para compreender o mundo que o cercava. Ele estava aprendendo tudo com a sua experiência de vida na natureza. Ao mesmo tempo em que selecionava o que comer, como se abrigar, como se defender das feras e de outros homens, como manter e usar o fogo, se perguntava como era possível sua vida ser tão frágil e correr tantos perigos e como o

ambiente natural que vivia era tão pródigo em fenômenos – “mágicas” – estranhos e incompreensíveis.

O hominídeo primitivo sabia pouquíssimo da realidade da natureza (como hoje uma multidão ainda não sabe) e seu conhecimento do mundo que o cercava se resumia a acreditar que havia outro mundo, sobrenatural, que não estava ao seu alcance, mas era real. Essa era a sua conclusão simplesmente ao olhar para céu: “*Como é possível que existam coisas como o sol, a lua, estrelas e objetos luminosos que cortam os céus sem que caiam na Terra? Tudo que sobe cai. Por que esses que estão no céu não caem? Por que o céu é azul?*”

A curiosidade e o espanto aumentavam ainda mais, quando testemunhavam eventos naturais, como um raio, relâmpagos, o trovão (que 90% dos terráqueos atuais ainda não sabem o que sejam), o nascer e por do sol e da lua, um maremoto, terremoto, tempestade, chuva de granizo, etc. E o vento? E o ar? Existiam, mas eram invisíveis. E o arco com cores lindas que aparecia no céu de vez em quando, para logo desaparecer? Por que? Por que?

Era necessário encontrar uma explicação para isso. Assim era e sempre vai ser a natureza do ser humano. Sem qualquer conhecimento aquele ser primitivo então CRIA uma explicação surgida exclusivamente de sua observação do fenômeno e do raciocínio mais simplista que a ignorância lhe permitia:

> *"Tudo isso acontecia porque existiam dois mundos: o que eles estavam vivendo e um mundo acima, onde ocorriam fenômenos sobrenaturais, onde seres com mais poderes que os humanos, portanto superiores ou deuses, habitavam."*

Essa primeira explicação, nascida inteiramente da ignorância daquele ser, ficou para sempre gravada na raça humana.

Mas, onde estariam esses seres desse outro mundo? Novamente a explicação é simplória e cômoda. Eles não podem ser vistos, pois assim como o ar, são seres invisíveis. Tal como o ar, cuja ação é o vento, somente podemos ver e sentir suas ações: raios, tempestades, calamidades, etc.

Muito bem. Nosso bom homem das cavernas já pode dormir tranquilo, pois encontrou a explicação para dois problemas cruciais. Mas existiam outros.

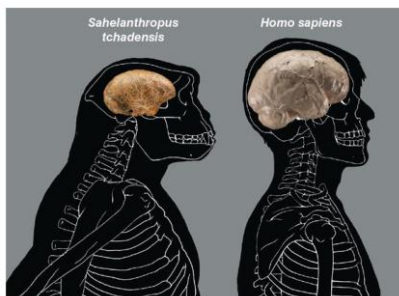
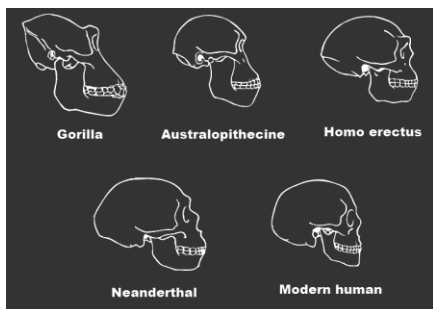
Aqui, um leopardo mata um membro da tribo. Ali, uma seca de vários meses faz com que todos quase morram de fome, Em outra parte, um vulcão explode, vomitando fogo e morte a vários quilômetros ao seu redor. Que poder é esse?
Novamente, o homem, no seu primitivismo ignorante, começa a crer que as forças da natureza, animais, os mares, rios e até mesmo montanhas e vulcões, todos são controlados por esses poderosos seres invisíveis do outro mundo.

Esse modo de concluir foi consequência do aumento da sua capacidade cerebral; ou seja, o aumento do tamanho físico do cérebro e de seu poder de processamento.

O CÉREBRO, através de intensa atividade bio-eletro-química, é o responsável pelo correto funcionamento de todos os órgãos do corpo, inclusive dele próprio.

Como coordenador desse conjunto de peças interligadas entre si, tem como diretiva principal manter o corpo em bom funcionamento, isto é, mantê-lo VIVO. É ele quem promove a principal organização dessa máquina, possibilitando, em última análise, a vida multicelular e as complicadas interações entre elas, formando diversas partes que montadas num só conjunto compõem essa maravilha da evolução que é o corpo humano.

Além disso, através de um mecanismo ainda desconhecido, o cérebro também proporciona ao corpo onde está alojado, uma propriedade de importância capital: a **consciência**.

A consciência, palavra de raiz latina, que significa conhecimento, senso íntimo, significa em termos biológicos, a faculdade por meio da qual se pode perceber aquilo que se passa no próprio corpo e no seu exterior e um estado que permite a identificação precisa, o pensamento claro e o comportamento organizado.

É essa percepção que fez com que o homem primitivo, sem qualquer conhecimento físico ou biológico, procurasse uma explicação plausível para fenômenos que o intrigavam, entre eles, principalmente, a morte.

Um corpo morto, por exemplo, por asfixia, está completo. Todas as suas peças estão intactas: tem pernas, braços, cabeça e coração, no entanto, não mais funciona. Esse era um fato. Se, porém, fosse feita uma observação nesse mesmo corpo morto por vários dias, seria notado que suas partes começavam a se desagregar e, literalmente dissolver. Com o passar do tempo, somente restaria o esqueleto – os ossos – que serviam de sustentáculos para a matéria mole.

O que o ignorante homem paleolítico não sabia é que a morte do corpo decorre da morte do cérebro, ou seja, o corpo morre depois e porque o cérebro parou de funcionar. Ele INFERIU por falta de conhecimentos que, no momento em que parou de funcionar, o corpo tinha perdido algo, ou seja, a capacidade de viver, a força vital.

Observando os outros animais quando morriam, notou que depois de mortos não havia diferença no que acontecia com os seus corpos e os dos homens. Tudo se processava da mesma forma. Isso reforçou a ideia da perda da força vital.

Assim, o poder de um leão, do veneno mortal de uma serpente, a força imensa de um elefante, tudo isso desaparecia com a morte. Observando as diferenças entre os seres vivos, concluiu, portanto, que essa força vital era diferente para cada animal, dando a eles, especificamente um

determinado poder, enquanto o homem praticamente tinha uma força vital menos poderosa de todas.

Assim como o ar era invisível e real, não houve qualquer dificuldade para se propor – e crer – que a força vital existia e era invisível e era responsável pela respiração, ou seja, o sopro que dá vida, além da animação, a inteligência e a consciência.

Em latim, sopro é "*spiritus*" e "*spirare*" é respirar, soprar. Igualmente "*anima*" significa alento, sopro, alma, o fator transcendente da vida que habita o corpo material, o elemento que faz a ligação do mundo onde o homem vive e o mundo dos deuses.

Então, usaremos o termo "espírito" para designar essa força vital que o homem primitivo acabara de conceituar, pensando ter descoberto de onde proviam a consciência e os mecanismos de funcionamento do corpo que ele conhecia, tais como respiração, batimentos cardíacos e temperatura estável.

Nesse ponto surge uma teoria tosca, pobremente elaborada, simplista e primitiva: a teoria de espíritos. No entendimento simplório dos pré-históricos, homens-macacos, somente a existência de espíritos explicaria o mundo a sua volta satisfatoriamente. Eles não precisavam de muito para aplacar sua curiosidade e os espíritos se mesclaram em sua vida tão satisfatoriamente, que a teoria perdura até hoje.

Assim, havia os espíritos das árvores, do sol, do leão, dos rios, do trovão e de tudo o mais que necessitasse uma explicação para algum fenômeno desconhecido. Para encaixar a existência dessas entidades num mundo visível, foram descritos como invisíveis.

A teoria precisava agora de provas para convencer os recalcitrantes e incrédulos. Além do poder de animais e forças da natureza, obviamente possuídos pelos espíritos, havia o ar que existia e era invisível. Se o ar é invisível e existe, por analogia, os espíritos são igualmente invisíveis e existem. Tal argumento convenceu a maioria. Por outro lado, havia a sorte que alguém tinha tido ao se livrar de morte certa de maneira inusitada (chamado hoje de milagre ou “mão de deus”). Havia as curas “milagrosas”. E havia uma imensidão de fatos inexplicados, necessitando respostas, que podiam ser encontradas na teoria dos espíritos.

A teoria deu um passo à frente, quando se associaram o poder desses espíritos com seres superiores. Nesse momento surgiram os deuses, criados pela ignorância dos homens, entidades que justificavam fatos inexplicáveis. Essas justificativas necessitavam que os deuses tivessem várias habilidades extraordinárias: invisibilidade, onisciência, onipotência, imortalidade, perenidade, além de fraquezas humanas como ira, amor, inveja, etc.

Assim, com o passar do tempo, essa teoria se firmou e não teve mais detratores. Além de explicar todo o mundo à sua volta, também resolvia um problema terrível, que mortificava e assombrava a todos: a certeza da morte.

Colocando a imaginação para funcionar, o primitivo notou que, se o espirito do leão, quando saísse de seu corpo morto, se perdesse ou também deixasse de existir, ao invés de voltar ao mundo sobrenatural de onde teria vindo, em breve não existiriam mais leões, nem os outros animais, nem o homem. Como esses seres vivos, nasciam e se multiplicavam, isso era sinal de que o espírito de um ser morto teria voltado ao mundo sobrenatural e depois retornara ao mundo natural habitando um novo corpo do mesmo tipo de ser.

Com isso, foi entregue ao homem a incrível teoria da imortalidade. A vida agora estava muito mais suportável. Não se morria mais. Agora se passava para outro lugar, invisível, a morada dos espíritos. Outras explicações pipocam de todos os lados: ataque epiléptico – está tomado por espíritos maus; enlouqueceu: foi abandonado por seu espírito; está doente: luta entre o espírito do paciente e os espíritos maus que querem se apossar do corpo; não simpatiza com a pessoa: ela tem “mau olhado”; a pessoa não procede bem: seu espírito é “mau”; etc.

A crença na vida eterna e nos espíritos configura-se numa falácia IMPOSSIVEL de ser erradicada. Simplesmente porque não deixa opção para o ser pensante que não a abraçar. Caso a pessoa não acredite nela é

obrigado a aceitar que não há imortalidade e, portanto, *post mortem nihil est* (depois da morte nada mais existe). Diante deste dilema, instintivamente, ninguém quer perder a esperança de não morrer e se agarra a ela como tábua de salvação.

Porém, o pior ainda estaria por vir. A esperteza humana fez surgir uma casta de aproveitadores os quais proclamavam que eram os elementos de ligação entre o mundo espiritual e o mundo humano.

Provavelmente algum esperto membro da tribo, talvez um curandeiro, e quase com certeza, uma mulher, em um longo lapso de tempo, descobriu que poderia enganar a todos proclamando deter poderes para se comunicar com esse mundo sobrenatural e interceder junto a seus habitantes - os deuses - em favor das pessoas. Bastando acertar de vez em quando, notou que seus poucos acertos apagavam os muitos erros, dando-lhe cada vez mais prestígio e poder, e com essa estratégia criou a religião e a classe dos sacerdotes.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

-3-

O surgimento da Religião

II – O Despertar dos Mágicos

Há cerca de 100 mil anos, o homem de Neandertal começou a enterrar seus mortos, ou o que restava deles, uma vez que eram canibais e provavelmente devoravam algumas partes dos mortos para com isso, conseguir adquirir algumas qualidades do morto, tais como bravura, força, inteligência.

Esses hábitos, frutos da ignorância e da crença em conceitos errados, eram normais para o nível de conhecimento do primitivo. Além disso, veja bem que, enterrar os mortos significa a crença em vida sobrenatural, pois nessa época os homens já deviam ter reparado em algum fenômeno ocorrido com algum membro da tribo e deviam ter concluído - sem base, sem conhecimento e erradamente - que sua origem provinha de algum tipo de espírito ou entidade não humana.

No princípio, os primitivos julgavam que se alimentar de determinadas partes do corpo morto, tais como cérebro, fígado, coração e testículos, conferia a propriedade de passar ao ser que as comia as qualidades do animal morto. Como tais alimentos são nobres, isso ajudou a fortalecer a espécie, bem como a promover o canibalismo.

Depois, em um exercício de pensamento, para minimizar a idéia da morte – que seu poder cerebral desenvolvido lhe tinha dado a conhecer - "descobriu" no espírito capacidades tais como a imortalidade e o poder de guardar a personalidade e a CONSCIÊNCIA do morto.

Como não era possível provar tais descobertas, para convencer a si e seus semelhantes, buscou em FENÔMENOS NATURAIS inexplicados uma prova palpável da existência do espírito dos mortos e uma possível tentativa de comunicação com os vivos.

Ou seja, uma teoria destrambelhada, sem qualquer fundamento concreto, surgida de mentes totalmente obtusas, sem um pingo de racionalidade, mas com um apelo FENOMENAL: a imortalidade. Quem pode ficar imune a esse apelo? Como não acalentar a idéia de que é possível sobreviver eternamente?

E as “provas” apresentadas com as manifestações de espíritos? Como descrer delas, quando se necessita desesperadamente do bálsamo de sua afirmação?

O espaço em branco do cérebro dos primitivos foi sendo ocupado por premissas como essas, totalmente falsas, produzidas pela ignorância dos processos vitais que se realizam no corpo. E, para nosso azar, ficaram gravadas em nosso código genético, principalmente pela poderosa ideia de se escapar da morte.

Aproveitando-se disso, descobrindo que manobrar com elementos desse mundo paralelo, criando divindades regentes, propondo leis, regras e códigos para um universo etéreo, era um fator para se adquirir poder e riqueza, num nível jamais imaginado, os humanos mais espertos – mágicos, feiticeiros, curandeiros ou sacerdotes – surgiram e se estabeleceram, tendo, desde os primórdios, sua autoridade reconhecida e sustentada pelos aglomerados sociais que porventura pudessem dominar.

Não se sabe como surgiram os primeiros pajés ou mágicos. Os estudiosos acreditam que, na idade paleolítica superior os homens tinham a crença que representar os animais abatidos ou as plantas que se queriam colher davam boa sorte e as caçadas e colheitas teriam sucesso. Para esculpir a figura de um animal ou pintá-la em uma caverna, eram necessárias pessoas capacitadas e essas pessoas precisavam de tempo. Como essa atividade era considerada importantíssima para a vida da tribo, todos concordavam em sustentar esses artistas, dispensando-os das tarefas de caça para que pudessem se dedicar a esse ritual.

Acredita-se ainda que, em uma determinada tribo, numa cerimônia antes de uma caçada, alguém se destaca nos rituais e a caçada tem grande sucesso. Na próxima vez, tentando repetir o êxito, os chefes convidam

aquele membro que se destacou a repetir os mesmos rituais da cerimônia anterior. Por uma coincidência, o êxito de novo se repete. Agora a própria pessoa está acreditando que seus rituais são mesmo adequados a agradar os espíritos, e pede para comandar todas as cerimônias. Os chefes aceitam e nasce aí um sacerdote.

Muito provavelmente os primeiros indivíduos dessa casta foram mulheres. Elas ficavam cuidando da tribo e das crianças, enquanto os homens recolhiam o alimento. Eram elas que cuidavam dos feridos e dos doentes. Assim aprenderam o uso de ervas medicinais e devem ter sido as primeiras a fazer magias e encantamentos para curar doenças.

O professor Childe nos diz:

> *"Dessa forma, discernimos confusamente o aparecimento dos primeiros especialistas - os primeiros homens que eram mantidos com excedentes de alimentos para cuja obtenção não tinham contribuído diretamente."*[28]

Ao compreenderem que tinham dado um golpe de sorte - enquanto os homens trabalhavam, guerreavam e caçavam, eles não mais se arriscavam a morrer em caçadas e batalhas, não se cansavam nessas empreitadas, ganhavam a melhor parte dos alimentos, ficavam na aldeia, podendo escolher mulheres e viviam mais - esses artistas se colocaram na condição de mágicos, pajés ou qualquer outra denominação, e atribuíram a si próprios poderes mágicos. Assim, nas caçadas, participavam de espírito e sua presença espiritual era mais forte que sua presença física.

A consciência de que é importante, faz o pajé cuidar para não perder seus privilégios. Faz parte de sua função a adivinhação, o curandeirismo e a criação de ritos e cerimônias para desempenhar seu trabalho espiritual.

---

[28] Gordon Childe, arqueólogo, em seu livro "What Happened in History" (NT)

Na tribo neolítica, nosso sacerdote agora cresceu de importância. Para as caçadas que fracassam ele passa a inventar desculpas e justificativas, sempre responsabilizando os caçadores ou fornecendo outro qualquer motivo, desde que desvie a atenção de sua pessoa, de seu cargo e de seus privilégios:

- A caçada não foi boa porque um jovem antes de partir urinou no tronco de determinada árvore. Isso não mais deve acontecer.

- O animal caçado matou dois homens da tribo porque os dois deixaram de passar cinza sagrada na fronte antes de sair.

- O animal caçado fugiu e todos passaram fome, porque um pássaro preto grasnou no acampamento na noite anterior. Esse pássaro traz azar.

E assim por diante, tais crenças fizeram surgir a mitologia[29] e as superstições.

Desse modo, o poder e a blindagem do sacerdote cresceram de modo exponencial. Com todos os privilégios conquistados, a casta sacerdotal tratou de confirmá-los, fortalecê-los e, principalmente colocou a capacidade inventiva para tornar as religiões cada vez mais opressoras, dominadoras e difíceis de serem abandonadas pelos seguidores.

Os pajés ou mágicos perceberam então, que não só a sociedade os estava mantendo como também os estavam respeitando e temendo. Isso os tornou poderosos. Agora, além da mágica tinham também o poder sobre seus semelhantes. Perceberam ainda que a dominação que exerciam sobre o povo,conseguida pelo temor de suas mágicas, encantamentos e espíritos, era mais eficaz que qualquer outro meio de convencimento. Perceberam que podiam manejar as rédeas da população, ameaçando-os com a morte e fazendo com que seguissem suas ordens para escapar dela e viver eternamente.

Assim, sempre aumentando seu poder, fortaleceram as superstições, complicaram os rituais e cerimônias, criaram deuses, deixando a população cada vez mais presa ao seu poder e ao imaginário engendrado por seu egoísmo e ignorância.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

---

[29] **Mitologia**: conjunto dos mitos de determinado povo - Coletânea dos mitos dos antigos gregos e romanos - Estudo dos mitos, suas origens, evolução, significado etc. – **MITO**: relato fantástico, afirmação fantasiosa (ref: ***mítico***, ***mitológico*** (NT)

-4-

O surgimento da Religião

III – O Poder dos Mágicos

Os homens, principalmente na atualidade, não se dão conta dos ciclos da natureza. Não percebem que, em sua vida vão se suceder eventos bons e desagradáveis, desde o melhor deles, que é seu nascimento até ao pior deles, que é a sua morte. Poucos percebem que os eventos com suas causas e efeitos, acontecerão quer se façam cerimônias aos espíritos, quer não. Sua ocorrência independe da fantasia dos caprichos de um inexistente mundo invisível.

No seu primitivismo ignorante, o homem começa a crer que, para ter sucesso em sua vida, os deuses, as forças da natureza e espíritos devem ser apaziguados e mimados com oferendas e sacrifícios. Mas, como fazer isso? Como fazer com que tais seres poderosos, esses deuses, ouvissem e atendessem os homens?

As tribos passam então, a realizar cerimônias coletivas - provavelmente idealizadas pelos mágicos - para ter sorte nas caçadas e colheitas. Elas acreditam que essas cerimônias e rituais, avalizadas pela palavra do pajé, poderiam influir de maneira favorável nas suas empreitadas.

Ainda o professor, Childe relata:

> *"Podemos, portanto, distinguir até na selvajaria da primeira idade da pedra os germes da religião, o sacrifício coletivo social para agradar os espíritos considerados como dotados de emoções e desejos humanos, em contraste com forças impessoais, mais vagas, que supunha serem controladas pela magia, freqüentemente com objetivos mais pessoais do que sociais."*[30]

Dessa forma, as tribos primitivas tinham todas em sua organização social uma casta dos extremamente respeitados e temidos pajés, mágicos, feiticeiros, curandeiros ou sacerdotes. Era a casta devotada ao mundo

---

[30] Gordon Childe, arqueólogo, em seu livro "*What Happened in History*" (NT)

espiritual que podia realizar tarefas “especiais” que não estavam ao alcance do homem comum.

Esses homens eram responsáveis pela re-ligação do homem com o mundo sobrenatural. A ligação era feita vindo do mundo sobrenatural para influenciar a o mundo natural. A re-ligação era a segunda via: o mundo natural tentando alcançar o mundo sobrenatural. Daí o termo “religião” ou seja, re-ligação.

Tal casta foi sempre considerada muito importante, principalmente pelos governantes, os quais ao favorecê-la, recebiam em troca um controle da população, que exercido por ela, era direcionado para que o poder executivo tivesse mais facilidades em lidar com os governados.

O feiticeiro da tribo foi o grande responsável por inventar as mitologias, superstições e rituais, por tentar prová-las, por ampliá-las e torná-las ferramenta de dominação.

Já vimos que o sucesso da teoria dos espíritos e deuses deve-se ao conforto e esperança na imortalidade que ela traz em seu bojo. Já o sucesso dos pajés, feiticeiros, magos, sacerdotes, ou seja lá o nome que se dê aos espertos mensageiros espirituais, baseia-se simplesmente em

dois efeitos bastantes conhecidos: um deles é conhecido como “efeito Jeane Dixon”. O outro como “efeito placebo”.

Os pajés aprenderam que o pensamento das pessoas tinha particularidades comuns a todos: havia a tendência de tratar a coincidência como algo sobrenatural e raro; havia uma curiosidade imensa sobre o futuro, fazendo com que “profetas” e “oráculos” tivessem um enorme valor dentro da sociedade; havia a tendência inexplicável de se valorizar tais indivíduos pelos acertos de suas previsões, abandonando-se por completo as suas falhas nas mesmas previsões.

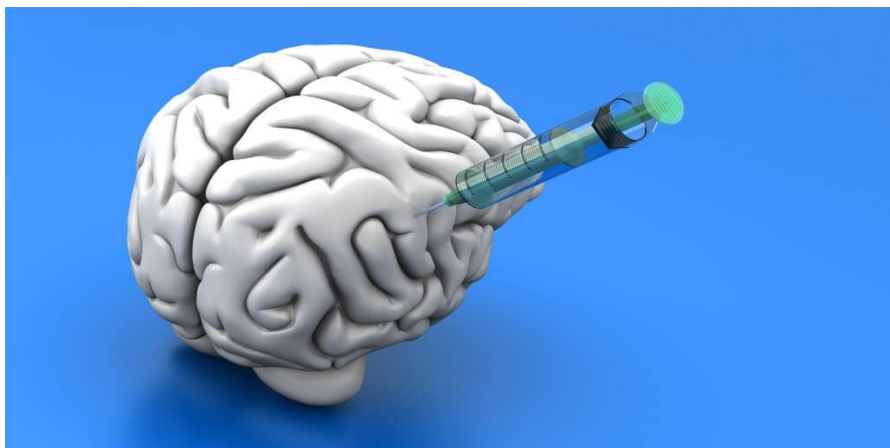
O efeito “Jeane Dixon” é a tendência das pessoas cultuarem o “profeta” ou “vidente” por um acerto entre centenas de previsões falhas. Aproveitando-se desse efeito o vidente faz uma enorme quantidade de previsões, usando todas as técnicas possíveis, de modo que, fatalmente, em cem, acerta uma ou duas. Quando divulga seus pouquíssimos acertos, é glorificado pelo povo, que se esquece totalmente de suas previsões erradas e da sua quantidade absurda.

Já o efeito placebo (falso remédio, como, por exemplo, pílulas de farinha de trigo, que o paciente ingere acreditando ser remédio verdadeiro) é obtido quando o paciente que tomou o placebo realmente melhora. Esse efeito é obtido inteiramente por autosugestão do paciente.

Assim, quando o pajé fazia centenas de previsões, acertando umas poucas, era reverenciado e respeitado por toda a tribo. Quando receitava algum chá – mesmo sem qualquer propriedade curativa - para os doentes e alguns melhoravam, também ganhava fama de curandeiro e se tornava indispensável dentro da sociedade. Para aqueles que pioravam ou morriam, era fácil ao pajé convencer as pessoas que o falecido estava possuído por um espírito muito forte ou jogar no próprio doente a culpa

de sua desgraça, apontando erros em seus procedimentos. Seu sofrimento era a expiação de seus erros.

Outro fator de extrema importância, que os pajés conseguiram entender, foi que tais efeitos somente eram bem sucedidos porque as pessoas acreditavam em tudo que lhes era informado. Elas tinham aquilo que conhecemos hoje por FÉ.

É incrível como a fé – a crença em algo que não pode ser provado – exerce uma desastrosa influência sobre o raciocínio lógico das pessoas, como que “desligando” tal capacidade e impedindo que seja utilizado pelo cérebro como validador de informações. Richard Dawkins, com propriedade definiu isso espetacularmente: “*A fé é um vírus da mente*”

Por exemplo, todos que possuem deficiência no uso do raciocínio para processar informações lógicas, acreditam em alma ou espírito. Essa crença é neolítica, aparece junto com a linguagem na gênese humana.

Ela é produto de dois fatores preponderantes, aparentemente paradoxais: a ignorância total do homem primitivo - um animal do ramo dos primatas que tinha aprendido a falar e com essa capacidade conseguia aumentar sua massa cerebral e poder de processamento, sobrepujando os outros animais - e a aquisição de consciência da fatalidade da morte.

Porém, fica a pergunta: Como os bugres da época, pessoas semi-selvagens, totalmente embrutecidas podiam ser dominadas tão facilmente por alguns poucos? Para responder tal pergunta temos que entender uma faceta da vida humana que, por ser simples, passa despercebida por todos.

Vivemos em um universo de causa e efeito. Não existe efeito sem causa e o homem busca incessantemente a causa de todos os eventos que toma conhecimento. Segundo a teoria ora aceita da formação do nosso universo por meio de uma grande explosão – o "Big Bang" - essa foi a causa primária. Lógico que existe uma causa para a ocorrência do Big Bang, mas essa ainda é desconhecida. Portanto o Big Bang, criou um universo funcionando de acordo com leis definidas e com infinitos eventos ocorrendo sucessivamente, cada um sendo causa de próximos, numa formidável reação em cascata.

A vida humana é um acidente no universo. É o efeito de uma junção de eventos que aconteceram simultaneamente em condições restritas, altamente selecionadas, e em local igualmente com particularidades extremamente raras. Se fizermos uma simulação, comprimindo a idade do universo em um ano (por volta de 16 bilhões de anos, segundo cálculos aceitos atualmente) o homem somente terá dez segundos de vida. Ou seja, além de ter sido um evento raro, a existência do homem é ridiculamente pequena e extremamente frágil.

Essa fragilidade o deixa ao sabor de todos os eventos que a natureza produz no planeta. E esses eventos são cíclicos de era em era. Ou seja, dentro de uma era, se repetem com uma notável regularidade. Assim, temos, por exemplo, as estações do ano, com cada estação possuindo suas características próprias. Aprendendo a prever e entender tais características, o homem conseguiu ter sucesso e progredir.

Acontece que os eventos cíclicos não ocorrem somente com as estações do ano. Ocorrem diariamente na vida das pessoas e se repetem regularmente. Porém o homem desconhece as leis de probabilidades e acredita que as coincidências sejam extremamente raras, ocorrendo quase sempre por intervenção sobrenatural, quando, na realidade, são eventos comuns, dentro de um quadro de ocorrências cíclicas.

Em vista disso, o homem primitivo, sem ciência e abrutalhado, INFERIU que as ocorrências de sua vida eram causadas por intervenção do sobrenatural. Quando digo que inferiu, significa que concluiu sem qualquer base, sem qualquer lógica, sem qualquer respaldo de algum conhecimento prévio verdadeiro.

E mais. Criou responsáveis pelos acontecimentos. Se um deles lhe era favorável, os responsáveis eram espíritos ou deuses que estavam calmos e alegres. Se o evento lhe era prejudicial, os responsáveis eram espíritos ou deuses que estavam zangados e/ou tristes.

Note-se que todo esse cabedal de teorias nasceu do intelecto do homem que tentava entender o mundo sem ter ferramentas e conhecimentos para isso. Após a aquisição dessas crenças, provavelmente, foram introduzidos os primeiros cultos a esses espíritos ou deuses.

Os acontecimentos se sucedem. Hoje, a tribo conseguiu fazer uma boa caçada. Ontem, alguém doente se restabeleceu. Depois, alguém se salva do ataque de uma fera. Ou a tribo encontrou umas cavernas ideais para servirem de moradia.

Talvez a grande maioria dos primitivos não pensasse muito nessas ocorrências, estando mais preocupados com as atividades de sobrevivência do dia a dia. Porém, pelo menos uma pessoa os analisava

por outro prisma: o pajé, feiticeiro ou sacerdote. Foi ele o responsável por chamar a atenção dos homens para a causa da ocorrência. “*Se a caçada hoje foi boa*” – provavelmente discursou ele – “*deve haver algum motivo. Saberão vocês qual é esse motivo?*”

O pajé neolítico, como os pajés modernos, queria reforçar sua posição e seu prestígio. Foi ele quem alertou – e continua alertando até hoje – os homens para que vissem em cada passo de suas vidas a mão do sobrenatural agindo. Somente mantendo viva essa preocupação, sua existência continuaria a ser necessária. E quanto mais inventasse e fantasiasse sobre esse mundo “espiritual”, mais teria controle sobre os homens e mais seria necessário, respeitado e querido.

A caçada foi boa. A guerra foi boa. A colheita foi boa. É necessário agradecer ao sobrenatural por esses sucessos. Breve, os cultos de agradecimento se tornam cultos de pedidos. Ou seja, agora se fazem cerimônias antes da ocorrência de um fato importante. É o pedido para uma boa caçada, para que chova na seca, para que não se fique doente, para que se tenha sorte na luta com os animais, nas guerras com outras tribos, etc.

Todas essas mazelas têm, portanto, sua origem nesse tripé de teorias – falsas – que o primitivo abraçou: o efeito Jeane Dixon, o efeito placebo e a idéia de que as coincidências não são freqüentes e que os eventos favoráveis são “graças” alcançadas pela intercessão de um ser espiritual e os eventos desfavoráveis são falhas da própria pessoa, que está sendo castigada por esse mesmo ser.

Assim, os sacerdotes tornaram a vida dos homens simples um verdadeiro tormento. As funções, que no principio, eram de curar e de fazer previsões - com e sem auxílio dos espíritos – com o passar dos séculos foram se ramificando e tornando-se mais complexas. Quase todos os grupos humanos primitivos adoravam o sol como deus criador e mantedor da vida, o que faz de fato essa estrela de quinta grandeza, com a vida na terra. Foram criados rituais para a sua adoração e para realizar pedidos de graças.

-5-

O surgimento da Religião

IV – Os Mágicos na Civilização

Vimos que a explicação para o mundo em que vivia, inferida de falsas premissas, fez com que o homem primitivo acreditasse em teorias fantasiosas e totalmente inexequíveis, muitas das quais perduram até hoje.

Além da promessa da imortalidade, o ser humano comum ainda consente que seja dominado por tais crendices por três motivos exponenciais:

a) falta geral de conhecimentos corretos, principalmente do funcionamento de seu corpo e, especialmente do seu cérebro

b) falta de raciocínio lógico. O raciocínio somente é produtivo se for feito partindo-se de princípios e conhecimentos verdadeiros. O raciocínio é ferramenta para lidar com a informação. Se for falsa, as conclusões do raciocínio o serão também.

c) Fé. A fé conduz o ser humano a conclusões SEM PROVAS, à limitação da descoberta do conhecimento verdadeiro e ao fraco desenvolviemnto do raciocínio. Quando se tem fé, se tem uma crença e para isso se abdica de raciocinar com lógica e de concluir.

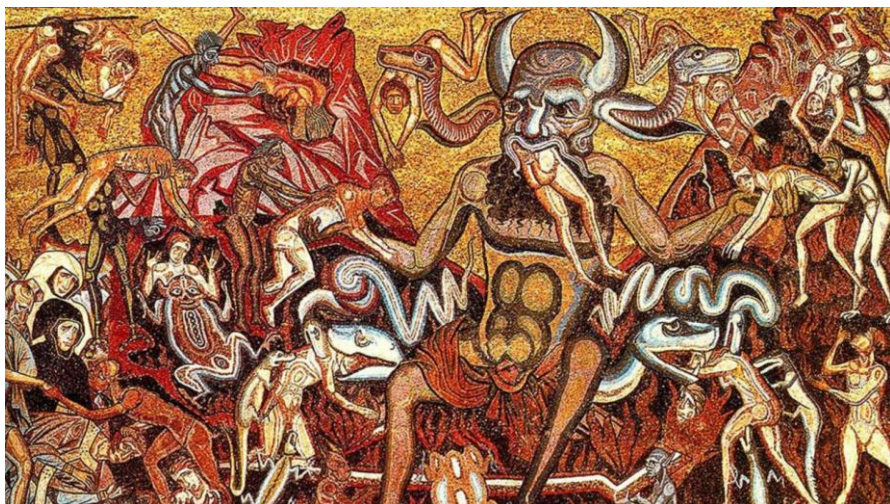
O conhecimento é adquirido lentamente. O funcionamento do corpo humano, por exemplo, somente se tornou mais claro depois do século 19. Ou seja, nos dez mil anos de civilização, o homem ficou praticamente 9.800 anos sem conhecer os verdadeiros mecanismos de seu funcionamento.

Mas, estamos falando de pessoas cultas e talvez apenas em um círculo especializado. Atualmente, a grande maioria da população mundial ainda desconhece 80% do funcionamento de alguns de seus próprios órgãos.

Quanto ao cérebro, garantidamente, o conhecimento de leigos é praticamente nulo. Isso significa que, nesse assunto, estamos ainda com o mesmo nível de conhecimento do homem das cavernas. E, apesar disso, somos mestres em OPINAR sem provas E SEM BASE, e, lamentavelmente OPINAR baseados em conhecimentos falsos.

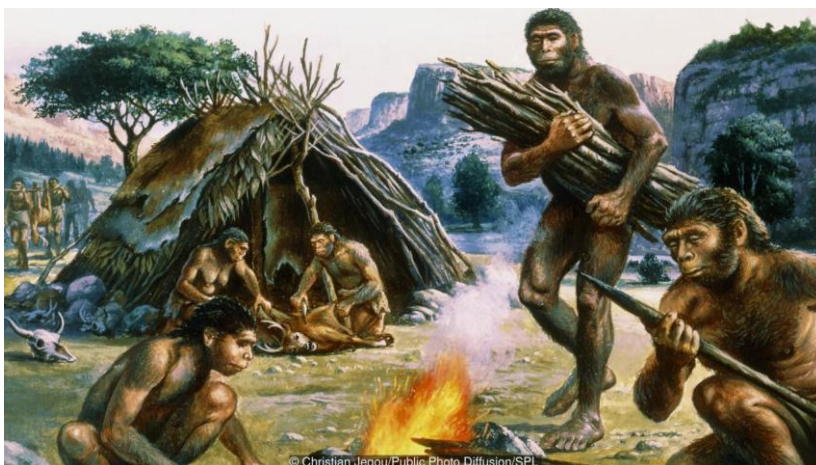
A humanidade, mesmo a despeito disso, progrediu até chegar ao antigo Egito, a fonte de toda inspiração religiosa do ocidente e do mundo. Mais uma vez, não se aplica aqui um estudo do aperfeiçoamento da religião e do mundo sobrenatural feito pelos sacerdotes egípcios, mas os que entendem inglês podem mergulhar nos livros de Gerald Massey, principalmente "*Ancient Egypt, The Light of the World*" uma enciclopédica obra em 12 volumes, ou ler aqui uma de suas conferências, "*O Jesus Histórico e o Cristo Mítico*", que traduzimos e publicamos.
(https://archive.org/details/OJesusHistoricoeCristoMitico)

Toda estrutura das religiões atuais nasceu lá, há milhares de anos, inclusive a criação da noção de inferno, como nota o arqueólogo Gordon Childe, em seu livro "*What Happened in History*":

> *"Deram (os magos) às nebulosas e fluidas superstições da barbárie - da qual acabavam de sair a Suméria e o Egito - as formas mais rígidas de dogmas teológicos, que, apoiados por Igrejas organizadas, defendiam os interesses dos sacerdotes, dos seus patronos reais e reis divinos. (...) com o inferno (...) estava criado o mais poderoso instrumento para o domínio da vontade incontrolável dos homens"*

E de onde provém o poder do inferno? Simplesmente do medo, do pânico, do terror que inspira ao infeliz que acredita nele. Os sacerdotes construíram um enredo sem lógica, apoiado em nada além da emoção e boa fé de pessoas ignorantes que preenchem a cabeça vazia de conhecimentos verdadeiros com teorias disparatadas racionalmente, mas eficientes em atingir o emocional e dominar a vontade das pessoas incautas.

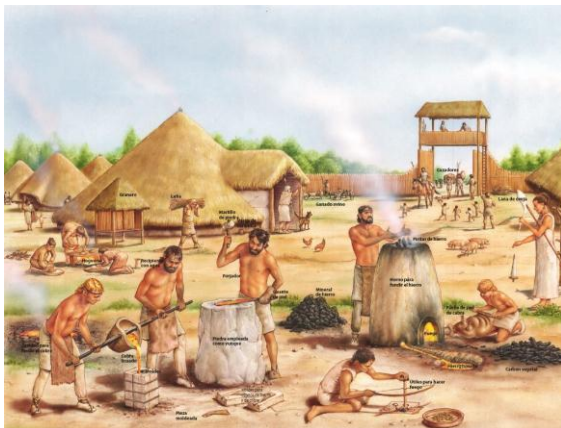
Passados mais de 5 mil anos, o sistema e as pessoas continuam os mesmos e, como nunca, o medo irracional de ter a alma (conceito igualmente irracional) - ou espírito, que os sacerdotes egípcios, só para complicar,

ensinavam ser dividida em 3 outras entidades - queimando eternamente (outro conceito irracional) no fogo do inferno (mais irracionalidade) domina os apavorados crentes em tais histórias.

Veja que não se designa um desses teomaníacos como um “amante de deus”, mas sim como “temente a deus”. Ou seja, alguém que tem medo de deus, dos castigos que ele promete aos que não seguem as regras saídas da boca de iluminados, revelados, filhos de deus, sacerdotes, que dizem que falam por ele.

Voltando à nossa história, para relembrar, há 10.000 anos (nosso ano 0) [8.000 ac] , o estágio de coleta de alimentos está em sua fase terminal no sudoeste asiático, no leste do Irã e no noroeste da Europa. Inicia-se então uma era de cultivo e domesticação incipientes - a era dos produtores de alimentos. Esse período vai até o ano 2.000 na Ásia, até o ano 3.000 no Irã e até o ano 4.000 na Europa.

Essa fase é caracterizada pela fixação do homem à terra, pela aquisição de animais, que serão protegidos dos predadores para servirem ao dono, pela introdução de novos deuses, pelo abandono das tradições da caça e pela construção de moradias.

No ano 5 mil, ou seja 3.000 ac, os aglomerados de produtores de alimentos foram crescendo e com o aparecimento de diversas invenções,

como a roda, o anzol, o domínio do fogo, fundições de metais, etc, surge a necessidade de dominar rios gigantes, que, eram o centro da vida desses aglomerados.

Com a invenção da tecnologia para manobrar os rios, uma região chamada de "Crescente Fértil" [o Egito - rio Nilo - e a mesopotâmia - rios Tigre e Eufrates] começa a despontar como ponto culminante de uma era que chamamos de civilização.

-6-

O surgimento da Religião

V – O Egito Antigo

"O Ontem me criou. Eis Hoje.
Eu crio os Amanhãs"
(Livro dos Mortos Egípcio)

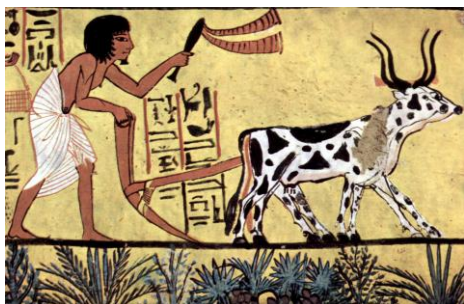
O que importa aqui é a civilização egípcia, pois foram eles que criaram e fundamentaram uma complicadíssima religião que forneceu elementos para que outras civilizações, como os sumérios, os babilônicos, hititas, assírios e as civilizações asiáticas baseassem suas próprias religiões.
Logicamente, foi influenciado pelos egípcios que a Pérsia antiga fundamentou seus cultos e Zoroastro criou sua religião.

Novamente, para quem quer se aprofundar no assunto, recomendo a leitura de Gerald Massey, indiscutivelmente o maior egiptólogo que tivemos e que é jogado no ostracismo por ter sido um grande crítico do cristianismo.

Portanto antes de nos dedicarmos a Zoroastro, vamos dar uma breve noção sobre a religião dos antigos egípcios.

No período neolítico, por volta do ano 7.200 ac (800) , com a desertificação das regiões às margens do Nilo, houve um afluxo de habitantes para cada vez mais perto do rio, onde eram construídas cabanas fora do alcance das cheias. Esses aglomerados de cabanas, com o passar dos anos, transformaram-se em aldeias.

Dois mil anos depois, no ano 5.200 ac (2800), migrações vindas do crescente fértil e de outros locais se fixaram às margens do rio Nilo. Esses estrangeiros trouxeram consigo seus animais, a roda, a escrita, o arado e começaram a transformar a vida no Nilo. Mas, a grande novidade

introduzida foram as técnicas de irrigação, que os sumérios já dominavam.

Por volta de 4.000 ac (4000) essas aldeias tornaram-se grandes povoações e em cada uma havia um clã. Esses clãs se aliavam para lutar uns com os outros e dessas alianças surgiram reinos. Existiram 4 reinos e depois um reino à leste e outro a oeste do delta do Nilo.¤

Em 3.700 ac (4.300), Osíris, rei do leste, depois de unificar os dois reinos adjacentes, conseguiu unificar-se com o reino do Oeste, chamado de Horus. Seu sucessor, também de nome Horus, conquistou um reino do sul, Seth, unificando assim todo o Egito. Pouco depois, Seth se revolta, separando-se.

O progresso da região se fez notar e são construídas cidades como Tebas, Memphis e Tânis. Após 200 anos, já havia dois reinos, o do Alto Egito e do Baixo Egito. Por esta época houve a união dos dois reinos, sob um só rei, então chamado de faraó.

Plaqueta de argila da Suméria com caracteres cuneiformes

Em 3.400 ac (4.600), os reis do Norte novamente conquistam o sul, fazendo nova unificação. A capital do Egito foi Heliópolis. Acontecem novas separações até que em 3.000 ac (5000), o rei Narmer unifica definitivamente o Egito. Nesse ponto começam a surgir as informações sobre sua religião.

Vale a pena mencionar que os registros antigos da história que estão disponíveis nos ORIGINAIS, são somente os Egípcios, que foram gravados em pedra e os Sumérios, que foram gravados em plaquetas de argila e hoje contam com mais de 60 mil plaquetas.

A religião dos egípcios estava estruturada, como nos outros povos, em deuses que tinham emoções como os humanos. Cada cidade possuía um deus protetor e esse deus era escolhido tomando como base os animais que viviam em volta das povoações, pelo temor que sua ferocidade, força e inteligência inspiravam na população. Por exemplo, o deus Set, era apresentado como um animal feroz, com um focinho comprido e o deus Horus, tinha cabeça de falcão. Os governantes atribuíam a si próprios poderes místicos derivados dos deuses.

Massey explica cuidadosamente as figuras de humanos com cabeças de animais desenhadas pelos egípcios, as quais não significavam um deus com essas formações monstruosas. Tais figuras eram pictogramas e significavam que o deus representado pelo corpo humano possuía as qualidades do animal, representado por sua cabeça.[31]

[31] "Ancient Egypt- The Light of the World" – Massey, Gerald - Sign-language and Mythology as primitive modes of representation – Book 1 (NT)

Nessa época, os egípcios construíram a tradição religiosa na qual misturando fatos históricos com misticismo, criaram a lenda de Osíris e Isis.

Estátua de Bronze de Osiris

A história dos deuses começa com Osíris, um deus da natureza, que governava inclusive o sistema do rio Nilo, senhor de todos os deuses. Osíris era filho do deus *Geb* (a terra) e da deusa *Nut* (o céu). Suas irmãs são *Isis* e *Neftis* e seu irmão é o deus do mal *Seth*. Foi Osíris quem tirou seu povo da selvageria e ensinou-os a civilização. O irmão de Osíris, Seth, por ciúme de seu poder, juntamente com 72 acólitos(!) consegue enganar Osíris (belo deus esse!) e o prende em um caixão que é selado com chumbo fundido e afundado no mar. Isis, que além de irmã, também era esposa de Osíris, consegue resgatar o caixão e revivê-lo, por intermédio de magias.

Muito vivo, Osíris tem outro filho com Isis, *Horus*, que é considerado fruto de sua segunda vida.

Mas Seth, inconformado, esquarteja Osíris em 12 pedaços. Isis, ajudada por Neftis, que também era esposa de Seth, encontra os tais doze pedaços e os enterra em 12 cidades egípcias. Assim Osíris torna-se o deus dos mortos e Isis a deusa dos embalsamadores.

Horus, que tinha crescido escondido, sendo criado por povos dos pântanos, resolve enfrentar Seth, e, nessa briga, perde um olho sendo castrado por Seth. A pendenga vai então ser julgada por um tribunal de deuses, denominado a *Grande Eneade*. Nesse julgamento, Isis, em dado

momento, defende Seth. Horus, enraivecido, corta a cabeça de sua mãe. Para substituí-la, os deuses dão a Isis uma cabeça de vaca. O deus da terra, Geb, declara então Hórus rei do Egito e envia Seth para o deserto.

Quando Hórus morre, deixa seu espírito encarnado no faraó, que também é deus aqui na terra. Após sua morte, o faraó se unia a Osíris e reinava absoluto no outro mundo, enquanto seu herdeiro continuava a encarnar o deus Hórus.

O caro leitor atento, já deve ter notado certa semelhança - irmão mata irmão - com alguma história que conhecemos, e como a fantasia foi montada para justificar o poder absoluto que o faraó tinha sobre o povo, além de criar uma obsessão com a morte e cerimônias funerárias. Peço sua atenção para o fato que Osíris reinava no mundo dos mortos. Esse mundo era o paraíso. Note ainda que não existe a idéia de inferno como lugar de castigo, nem na Suméria, nem no Egito, por enquanto.

Notar ainda que Abraão e o hebreus, somente iriam aparecer no mundo 1.000 anos depois. E sua Bíblia somente seria escrita cerca de 2.500 anos depois.

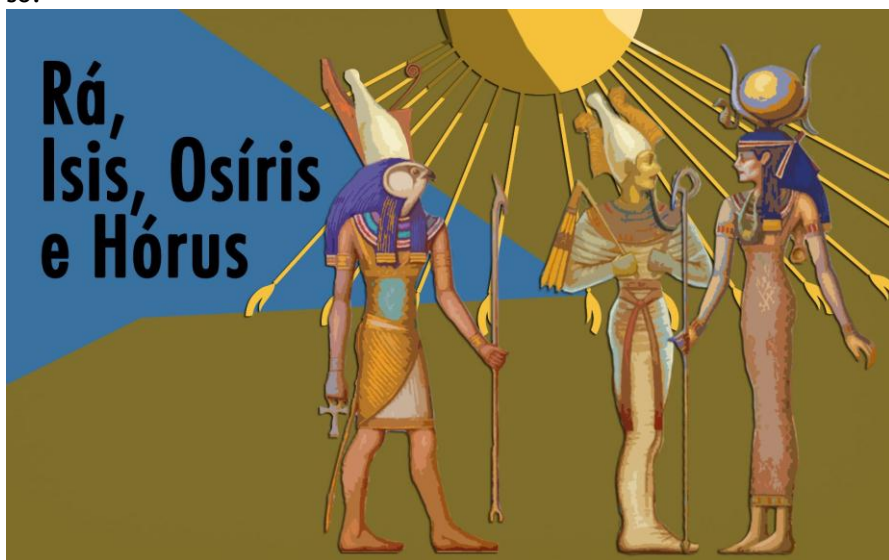
> *"Os egípcios viveram num mundo totalmente estranho ao nosso, surpreendentemente avançado por algumas realizações técnicas – arquitetura, trabalho em pedras e metais, obras de arte, pensamentos e moral – mas também espantosamente primitivo pelas estruturas essenciais de sua vida mental, por sua inaptidão inata e irredutível ao pensamento abstrato, por sua ingênua crença num mundo criado pelo homem e feito na sua medida"*[32]

Essa observação é confirmada pela existência de inumeráveis deuses (alguns estudiosos dizem que passam dos dois mil) existindo em cada cidade, templos e capelas para os padroeiros e oratórios para centenas de outros deuses menores. Qualquer manifestação da natureza era divinizada por eles, imaginando deuses responsáveis por todas as coisas e ocorrências.

---

[32] Sauneron, Serge – "Les Prêtes de L'Ancienne Egipt" - (Seuil - 1957) (NT)

Eis a cosmogonia[33] inventada pelos sacerdotes egípcios: No princípio existia *Noum* ou o oceano primordial. Noum não era criador, mas o berço onde os deuses eram criados. Dele saiu *Rá* (sol) que é o deus criador mais poderoso. Junto com Rá também existe *Aton* (o disco solar).

O deus Rá divide-se numa "santíssima trindade": o próprio Rá, o sol nascente (*Khépri*), e o sol poente (*Atoum*). Rá-Khépri-Atoum, três deuses num
só.

Atoum, também nasceu de Noum. De seus fluídos nasceram *Shou* e *Tefnout*. Da união desses dois foram produzidos o deus terra (Geb) e a deusa do céu (Nut). Esses dois geram mais dois casais de deuses, conforme visto na lenda de Osíris. Esses quatro casais e o deus Rá-Atoum formam a Enéade sagrada, o grupo de nove deuses primordiais de Heliópolis.

Esse era o sistema cosmogônico de Heliópolis. Hermópolis tinha outra variação, assim como também Tebas e Menfis.

[33] Conjunto de doutrinas, princípios (religiosos, míticos ou científicos) que se ocupa em explicar a origem, o princípio do universo; cosmogênese (NT)

-7-

A Religião no Egito - I

A noção de ordem é inteiramente desprezada pela antiga mentalidade egípcia e os aspectos das divindades ou de sua maneira de agir sobre a realidade eram interpretados das formas mais diversas, dependendo do lugar e da época. Assim, pode-se resumir a religião egípcia de uma forma muito superficial.

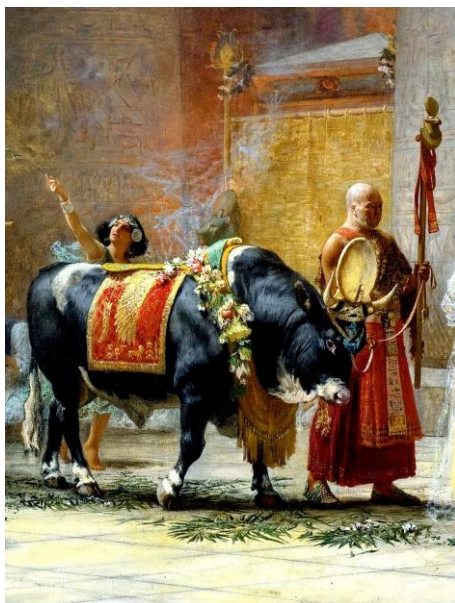
Concebiam três mundos: o céu, a terra e a *Douat* (céu inferior). No céu, reina o supremo príncipe, *Amon* ("o que jamais nasceu") juntamente com *Rá* ("o universal") - que contém a trindade: *Atoum*, *Hórus* ("coração de Rá") e o próprio Rá – e a deusa *Neith* ("eu sou o que é, o que será e o que foi").

Na Douat reina *Osíris*, mas ali existem outros *neter* (deuses), tais como: Isis, Neftis, Hórus (também), Anúbis e Thot.

Na terra, vivem o restante dos milhares de neter. Os neter não eram propriamente deuses, mas "forças espirituais" que representavam diferentes qualidades dos poderes divinos, podendo ser também "forças casuais" em ação no seu universo composto de céu, terra e douat.

Entre seus deuses temos *Anúbis*, filho de Rá, é representado com uma cabeça de cão e presidia o culto funerário. *Seth* possuía uma cabeça que surgiu da mistura de um cão, de um oryx e de um asno. *Hórus* tem a cabeça de um falcão (*bak* em egípcio). *Sebek* tem a cabeça de crocodilo, *Geb* (a terra) tem a cabeça de um ganso; *Nut*, às vezes, tem cabeça de vaca ou de abutre. *Hathor*, mulher de Sebek, pode ser representada como vaca e também como leoa. *Thot* freqüentemente é visto com traços de uma íbis, com cabeça de íbis ou babuíno e corpo humano.

O animal mais sagrado dos egípcios era o *Ápis* (*hep* em egípcio) um touro negro. Para ser sagrado, além de negro, o touro deveria possuir as seguintes características: ter na testa uma mancha branca, quadrada; no dorso, uma imagem de uma águia; sob a língua um nó em forma de

escaravelho; no lado direito uma mancha branca em forma de crescente e na cauda ter pelos brancos misturados aos negros.

Nascer um animal desse tipo é uma raridade e assim, quando se descobria um que apresentasse alguma semelhança com esse raro bicho, havia um grande alvoroço.

Eram chamados os sacerdotes especiais, os "Bastões de Ápis", que conduziam o animal para Mênfis em uma embarcação dourada, numa procissão pomposa e deslumbrante.

Nos seus primeiros 40 dias de vida amamentava-se unicamente em mulheres. Depois, era ornando ricamente e, além de venerado, também servia como fornecedor de oráculos.

Em Mênfis, onde gozava de uma adoração popular fora do comum, considerava-se que era uma encarnação do deus *Ptah*, antiga divindade agrária, simbolizando a força da natureza e criador de todas as coisas. Depois de sua morte, o touro Ápis passava a ser adorado como *Serápis* (Osíris-Apis), um deus que se tornou importante na época helenística.

Em Hermópolis, o animal mais sagrado era o íbis (*hib*), o pássaro de Thot. Em todo Egito, o falcão (bak) era o animal preferido para os deuses se encarnarem: Horus, Rá, Montou, Sokaris. Anty (animal que tem garras) *Doun-Ânuy* ("que tem garras esticadas") etc. Sebek era o crocodilo sagrado, sendo protegido, nutrido e domesticado. Um homem morto por Sebek era considerado um privilegiado.

Bastet era uma deusa com cabeça de gato (*myéou*). Esta deusa gata era adorada desde o antigo império e seu culto foi intensamente ampliado na XXII dinastia. Heródoto nos conta que mais de 700 mil pessoas se

deslocavam para assistir as festas em homenagem a Bastet. Os gatos eram desconhecidos na Europa e foram levados para lá pelos egípcios.

No Antigo Império, os primeiros reis eram comparados a Hórus. Algumas gerações após, o faraó aparece tomando o lugar de Hórus na Terra, como um enviado. Na IV Dinastia, porém, o faraó torna-se "filho de Rá" sendo, portanto, considerado um deus. No Novo Império, o faraó possui duas naturezas: divina e humana. Após a morte passa a ser somente divino.

Os templos são denominados "*het neter*" ou "a casa de deus". Aqueles que os habitavam, quer fossem sacerdotes ou seculares, formavam a comunidade mais culta e instruída do Egito. Os sacerdotes eram chamados de "*Itou neter*", "pais divinos" ou "*hemou neter*", "servidores de deus".

O escritor grego Porfírio traça um perfil favorável dos sacerdotes, derramando-se em elogios a eles. Porém, vários textos egípcios relatam fatos que desabonam totalmente essa categoria. Seu perfil era, freqüentemente, o de pessoas sedentas de poder, tramando intrigas, corruptos, assassinos, devassos, uns perfeitos canalhas.

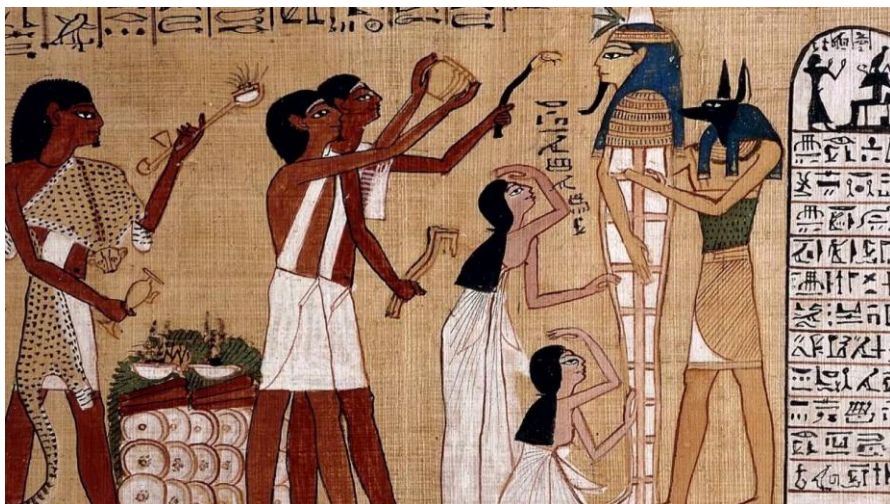
Para se tornar sacerdote, podia-se herdar o cargo, comprá-lo ou ser favorito do faraó, que nomeava as pessoas para esse importante cargo. Depois de escolhido, o eleito tinha que satisfazer uma série de critérios e estudar muito para adquirir conhecimentos de gramática, da escrita, teologia e liturgia da religião, além de conhecer as centenas de deuses, com seus títulos e atributos. À medida que iam aprendendo, iam subindo de nível hierárquico.

Os sumo sacerdotes de várias cidades importantes eram verdadeiros reis. Tinham os títulos pomposos de "Grande Vidente", "Grande Mestre das Artes", "Primeiro Profeta de Amon", "Grande Sacerdote de Amon", entre outros, dependendo da cidade.

Havia os sacerdotes "estolistas", que se ocupavam dos vestuários dos ocupantes do templo, os "leitores", que guardavam os escritos sagrados, escreviam livros, praticavam a medicina e feitiçaria. Os "horólogos" estavam encarregados da astronomia e do calendário e os "horóscopos" cuidavam da astrologia. As mulheres do templo ou eram cantoras ou participavam do culto de um determinado deus. Essas últimas eram comandadas por uma superiora chamada de "Mulher divina do deus".

Todos os egípcios acreditavam na vida depois da morte e tinham isso como uma meta a ser alcançada. O corpo do morto deveria estar intacto e conservado, pois acreditava-se que a felicidade no outro mundo

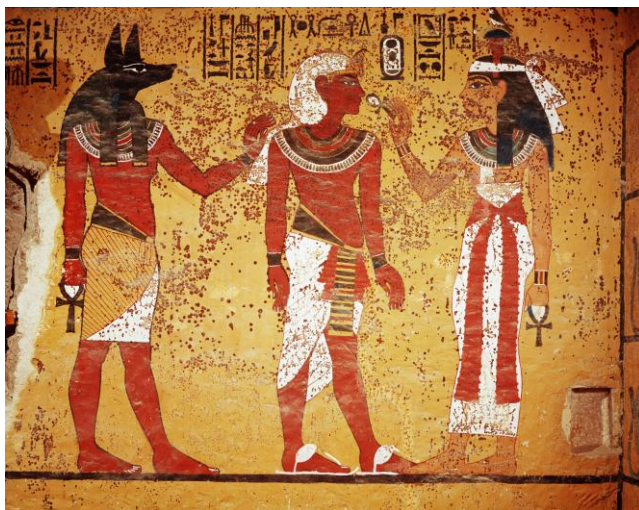
dependia do estado do corpo. Quem podia, fazia túmulos imensos; quem não podia, enterrava o morto na areia do deserto, mas sempre com seus objetos e com bastante comida.

No ano 3.000 ac (5.000), os escribas egípcios e sumérios estavam empenhados em organizar e sistematizar as crenças, ritos e cerimônias, que, apesar de bárbaros e incoerentes, eram os únicos disponíveis na ocasião. Dessa forma criaram uma espécie de mitologia - note bem, mitos para nós, cujo estágio de conhecimento desmonta tais fantasias - à qual se entregavam integralmente, com todas as forças de seu corpo e de seu pensamento.

Por essa filosofia, o culto aos deuses era destinado a alcançar boas colheitas, chuvas na hora certa, vitórias na guerra, sorte no amor e nos negócios, riqueza, saúde e vida longa. Ao contrário dos sumérios, que não davam muito importância à imortalidade, os egípcios acreditavam piamente que a vida em outra esfera era uma continuação da vida terrena, sendo a morte uma mera transição.

Apesar dessa passagem ser quase automática, havia uma série de virtudes ou uma moral estabelecida que deveria ser observada para se obter uma passagem sem problemas para a outra vida. Desse modo eram necessários

uma série de ritos mágicos - **vendidos pelos sacerdotes** - entre os quais o embalsamento e a observância de um padrão de comportamento.

Nos sepulcros dos nobres existem inscrições tais como "*Dei pão aos famintos, vesti os nus... Jamais oprimi alguém para tomar suas propriedades...*" Veja que essa filosofia, 2.000 anos antes de Cristo, foi aproveitada pelos sacerdotes romanos, quando estavam estabelecendo a Igreja cristã como religião do império romano.

No ano 2.600 ac (5.400), começou o culto ao deus sol - Rá - que se tornou deus supremo do Egito. Os egípcios não cultuavam a figura do deus, mas seu espírito. Os romanos, quando tomaram conhecimento dos incontáveis deuses do Egito ficaram assombrados. Juvenal escreveu: "*Que monstros são venerados pelo demente Egito? Uma parte dele idolatra o crocodilo, Outra reverencia a Íbis, em outro lugar, brilha a efígie dourada de um macaco de cauda longa.*"[34]

Assim, Hórus era um falcão; *Cnum* um carneiro; *Tot*, uma ibis; *Hator*, uma vaca e *Sebek*, um crocodilo. A deusa *Taweret* - que protegia as

[34] Massey diz que Juvenal (em Sat 15.1) definitivamente não entendeu nada do que aprendeu sobre o Egito – "Ancient Egypt – The Light of the World" (NT)

mulheres no parto - era representada como um animal com cabeça de hipopótamo, dorso e cauda de crocodilo, patas de leão e seios de mulher.

Havia ainda *Bes*, uma divindade em forma de leão, protetor das crianças, das diversões e do parto; *Apis*, o touro sagrado de Menfis; *Bak*, o falcão em cuja figura vários deuses encarnavam - *Ra, Montou, Sokaris, Anty e Doun-anuy* - *Bastet*, uma deusa com cabeça de gato; *Sekhmet*, deusa leoa.

A religião no Egito foi a mais benévola dentre às das primeiras civilizações e estava em constante atualização. Os faraós eram os responsáveis pela criação e desaparecimentos de deuses, uma vez que eram, igualmente, divinos.

Assim, o deus *Ptah*, padroeiro de Memfis, durante certa época, foi louvado como criador, depois veio Rá e, por volta do ano 2.000 ac (6.000), quando um faraó vindo de Tebas assumiu o reino, colocou em primeiro plano o deus Amon, deus do ar e da luz, que podia assumir a forma de um carneiro ou ganso. Logo Amon se fundiu com Ra, criando um deus chamado de *Amon-Ra*, que viria a se tornar o mais poderoso deus do Egito.

Amon-Ra, podia receber o espírito de qualquer outro deus e conter em si vários deuses, mas, apesar de poderoso, nunca conseguiu ofuscar Osíris, Hórus e Isis.

Para ter uma existência de sucesso os deuses dependiam de dois fatores: a vontade do faraó e o poder dos sacerdotes. Dessa forma, quando o faraó o permitia, os sacerdotes ficavam a se digladiar, cada grupo querendo que seus deuses fossem os mais poderosos e os mais cultuados. Amon era um deus obscuro da cidade de Tebas, que, quando fez um faraó, na XVIII Dinastia, o elevou a deus principal.

O faraó *Amenotep* IV - no ano 1.360 ac (6.640) - um fanático religioso, tinha sua própria religião. Adorava o deus *Aton* - o disco do sol - e, depois de certo tempo, resolveu rebaixar todos os deuses, declarando que o deus supremo era unicamente Aton.

Não contente com isso, mudou seu nome para *Akenaton* - o espírito de Aton - e mandou construir uma nova capital, ao norte de Tebas, que

chamou de *Aquetaton* - o horizonte de Aton - mas que ficou conhecida como Amarna. Iniciou uma perseguição contra Amon-Ra e mandou que se apagasse das inscrições seu nome e obrigou a quem tinha o nome dos antigos deuses a trocá-lo.

Akhenaton e Rá

Obcecado pela questão religiosa, Akenaton descuidou-se do governo, que iniciou uma derrocada. Ao morrer, seu sucessor, *Tutancaton*, abandonou Amarna, que ficou deserta, restabeleceu o culto aos antigos deuses, banindo Aton, mudando seu nome para *Tutancamon*. Seu sucessor, *Horemeb*, mandou destruir Amarna e apagar o nome de Akenaton e Aton de todos os lugares.

Akenaton foi o único faraó a instituir o culto a um único deus. Quando o povo, revoltado pelo mau governo, o pressionou para reabilitar Ra, Akenaton criou uma trindade sagrada, que se fundia com Aton:

Aton, o disco solar, pai de Rá
Ra, o antigo deus sol, filho de Aton
Shou, filho de Rá

Ou seja, três deuses (avô, pai e filho) em um só. Todos eram Aton. Se o caro leitor não pode compreender, talvez esteja pensando agora na Santíssima Trindade e já tenha uma pista de onde os sacerdotes cristãos tiraram essa idéia.

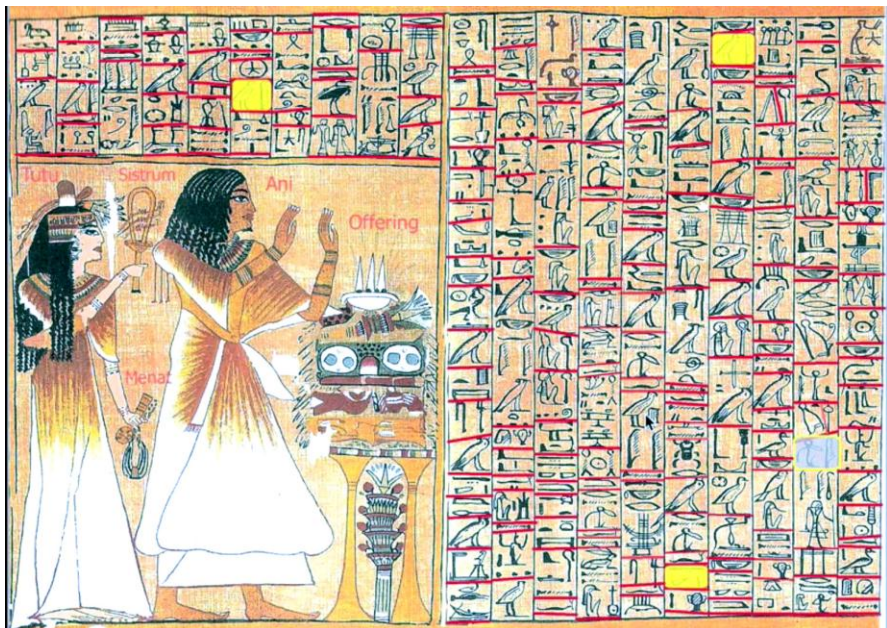
Os egípcios eram obcecados com a morte e a vida futura. Deixaram vários livros tratando desse assunto, que nos revelam o que acreditavam. Além disso, acreditavam que a personalidade humana era composta de um corpo visível e de vários elementos invisíveis.

O elemento de maior força mágica era o nome, quer de pessoas quer de identidades extra-humanas. Assim, saber o nome de um ser era ter poder sobre esse ser. O Livro dos Mortos tem como uma das preocupações principais tentar conhecer o nome das entidades ocultas, para que se possa controlá-las.

O corpo humano era chamado de *khet*, (mais aplicado ao cadáver humano) e sua sombra era conhecida como *chout*. Portanto o homem possui, como elementos visíveis, seu corpo, seu nome e uma sombra. A alma, elemento invisível, era dividida em três partes:

akh
ba
ka.

O *akh* é uma força espiritual e sobrenatural, o oposto à matéria do corpo. Esse elemento pertence à esfera celestial, não sendo afetado pela natureza humana. “Encontrar-se com o akh” significava morrer.

O *ba* é a força espiritual existente no corpo. Seria o equivalente a alma, que os cristãos acreditam possuir. É um espírito universal, que anima o corpo e cuja partida significa a morte. O ba, fica livre depois da morte, podendo ir aonde quiser. Ele contém as características do seu corpo e quando o abandona, esse corpo morre. Porém, após a morte, pode continuar na terra como um ser independente e interferir na vida dos outros humanos.

O *ka*, é uma das noções mais abstratas do pensamento egípcio. Seria uma manifestação das energias vitais da pessoa, possuindo uma função criadora e outra conservadora. O ka poderia ser explicado como o caráter da alma, ou do ba, que precisaria ser constantemente nutrido. Ele seria então um escudo para defender a vida do seu possuidor. Era uma força espiritual que "clonava" a parte boa da personalidade e a imagem do corpo onde habitava. Assim, o ka, como uma espécie de proteção, guardava a pessoa, tentando mantê-la sempre em um estado de perfeição. Intimamente ligado à natureza humana, o ka necessitava ser alimentado e não podia ficar sem comer e beber. As oferendas de

alimentos nas tumbas dos mortos tinham como função principal alimentar o ka do falecido.

Essa noção de uma alma composta por três elementos – forças espirituais – com características tão abrangentes é que tornou possível manter a noção de uma vida após a morte, incluindo aí, uma vida posterior ao cadáver.

Então, quando o indivíduo morre, seu akh retornava ao céu, seu ba iria para outro mundo e seu ka ficaria ao lado do corpo, que por isso deveria ser guardado e protegido. Caso o corpo se perdesse, com ele iria o ka e o ba, e, no outro mundo, ficaria sem identidade.

~8~

A Religião no Egito - II

Por volta de 1.600 ac (6.400), a classe média atingiu um desenvolvimento considerável e isso causou uma série de mudanças na justiça e na religião, ambos sofrendo mudanças para se adaptar à nova classe.

Devemos notar que, inicialmente, no Antigo Império, somente os reis tinham direito a essa vida pós-morte. A necessidade de fortalecer economicamente os cofres do estado e dos templos é que levou os sacerdotes, já no Médio Império, a estender essa vida futura a todos que pudessem pagar por ela.

No Egito, a imortalidade, que no princípio era um privilégio dos reis divinos e os nobres a quem o rei o havia distinguido, passou a estar disponível a quem pudesse pagar. Era necessário pagar os embalsamadores e comprar os passaportes mágicos - vendidos pelos sacerdotes - para entrar na outra morada. Essa foi uma fonte de renda

considerável para o clero, que não tardou a estendê-la aos mais pobres, que - como sempre - eram mais numerosos.

Para ajudar o candidato a múmia, que não tinha posses, a se convencer a economizar para que a família pudesse pagar seu sepultamento e comprar os passaportes, os sacerdotes egípcios inventaram uma instituição cruel e terrível: o inferno.

Childe observa a respeito:

> *"... estava criado o mais poderoso instrumento para o domínio da vontade incontrolável dos homens"*[35]

O inferno criado pelos sacerdotes egípcios, existia já em outras civilizações, porém, não era considerado lugar de castigos. No máximo, um local onde o morto passaria, por um azar, mas, do qual cedo ou tarde sairia para o paraíso. O incômodo era a demora em chegar lá. Os sacerdotes egípcios, transformaram o inferno em lugar de castigo e inventaram as torturas mais cruéis para quem fosse para lá.

---

[35] Childe, G - What Happened in History (NT)

Mas para cair em tal desgraça só era possível para quem não tivesse os tais passaportes. Dessa forma, para escapar do castigo, bastava comprar os papéis mágicos, que os sacerdotes vendiam. A procura era tanta, que os tais passaportes eram feitos aos milhares, deixando-se espaço em branco para se colocar o nome do favorecido.

Havia ainda amuletos e talismãs que eram igualmente vendidos para garantir uma passagem longe do inferno. Isso, além de poder econômico, reforçou o poder temporal dos sacerdotes egípcios, cuja fama era reconhecida até na Babilônia.

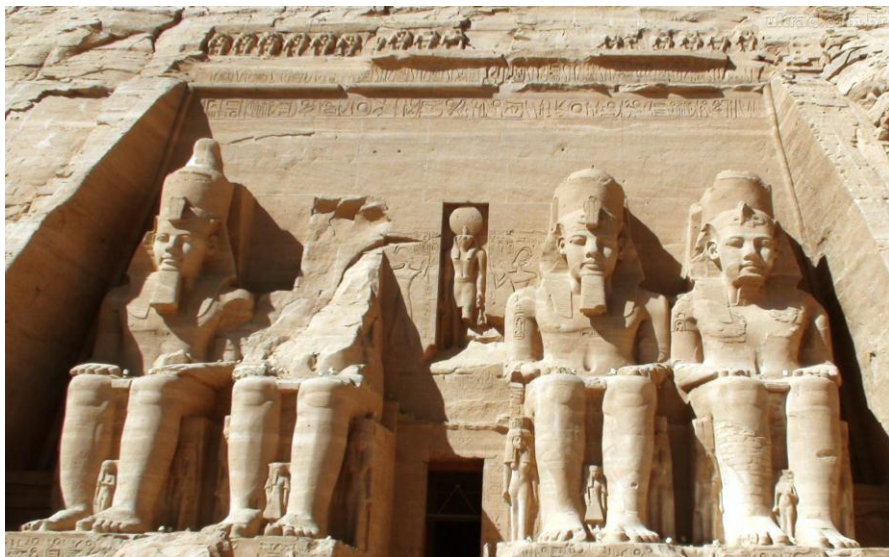
Nesse ponto, peço que você pare e pense. O inferno foi inventado. As penas do inferno foram inventadas. Nada de revelação divina. Você, que como eu, ficou assustado na infância com os terríveis castigos que, lhe ensinaram, aguardavam os maus, deve estar revoltado. Mentiras. Mentiras. Mentiras. Como é ruim ser enganado, que tortura psicológica para uma mente infantil. Será que seus filhos vão lhe perdoar por isso? Será que seus filhos chegarão a saber da verdade ou serão "libertados" para uma escravidão religiosa, grosseira, castradora, obscurantista e sectária ? Pense.

Enquanto isso, os sacerdotes continuavam mais poderosos que nunca. Por volta do ano 1.140 ac (6.860), no reinado de *Ramsés III*, o Egito estava passando por sérios problemas econômicos. O faraó, com idéia fixa em construir túmulos gigantescos, a um custo astronômico, continuava com o projeto de levar adiante tais monumentos.

A par disso, estava o custo de manutenção de um exército imenso, formado quase que exclusivamente por mercenários, que devorava boa parte das reservas do reino.

O clero, principalmente os sacerdotes de Amon-Ra, eram, então, os maiores devoradores do tesouro nacional, com uma fome cada vez maior. Só durante o reinado de Ramsés III, o tesouro real doou aos sacerdotes 169 localidades de adoração, enormes quantidades de ouro, prata e pedras preciosas, além de 113.000 escravos, 495.000 cabeças de gado, 1.100.000 lotes de terras e 88 navios.

Isso causou um enfraquecimento das reservas econômicas do reino, bem como a perda de autoridade do faraó, que sofreu até atentado contra sua

vida, levado a cabo pelos súditos descontentes. Note que a situação era gravíssima, pois o faraó era a encarnação de deus e estavam querendo matá-lo.

Quando Ramsés III morreu, o país, enfraquecido, começou a sofrer invasões; os hititas, antigos aliados do Egito, tinham desaparecido e a Assíria estava conquistando cada vez mais territórios e cortando todas as rotas de comércio.

O reino entrou em uma queda vertiginosa, afundado em corrupção, usurpação e anarquia. Os sacerdotes tomaram o poder e inicia-se uma sucessão de faraós sacerdotes, que afundam o reino cada vez mais. O roubo dos túmulos é incontrolável, e os faraós começam a mudar de local as múmias dos antepassados, na esperança que fiquem livres dos ladrões. O final do reino está próximo.

Outra invenção dos sacerdotes egípcios foi a do tal julgamento da alma do defunto. O "Livro dos Mortos" dos egípcios - escrito no ano de 1.000 ac (7000) - relata como o defunto enfrenta diversas etapas, até conseguir chegar a se reunir eternamente com Osiris.

As quatro etapas principais eram:

A Saída para o Dia
O Levantar de um Novo Sol
O Novo Nascimento
O Julgamento.

A Saída para o Dia

Esta é a primeira etapa, quando o defunto (seu ka) sai da tumba para a luz do dia. O objetivo do ka é unir-se ao sol, e enquanto caminha na necrópole em sua direção vai aprendendo a livrar-se das várias armadilhas que o mundo da morte espalha e vencer as potências das trevas que tentam impedir que alcance seu objetivo. Para isso, necessita da ajuda de Rá e somente vai obtê-la se tiver créditos na sua vida humana.

Se conseguir passar essa etapa, chega às "Portas do Além" e é recebido como vitorioso. Agora, unido ao Sol, pode contemplar seus restos mortais deixados na terra que, nesse ponto, alcançam a paz.

O Levantar de Um Novo Sol

Identificado com Rá, o defunto tem agora sua alma leve e pode percorrer todo o império do sol, para encontrar um modo de conseguir seu renascimento. Como antes, uma série de forças contrárias tenta impedi-lo. Para vencê-las é necessária novamente a ajuda de Rá, o que é implorado com uma interminável ladainha de súplicas. Após a última invocação bem sucedida, o defunto é admitido na nova terra. Isis vem recebê-lo e proclama a sua vitória.

O Novo Nascimento

Agora o defunto que está sob o poder da plena luz de Rá, é identificado como um deus vencedor de seus inimigos. Com essa condição, já pode renascer, o que faz, incorporando uma grande quantidade de deuses em sua personalidade. Está pronto, portanto, para enfrentar o julgamento.

O Julgamento

Nessa última etapa, o morto encaminha-se à Dupla Sala da Verdade-Justiça, onde seu ba será avaliado. Nesta sala estão presentes Osiris, Hórus, Anubis e Thot. Então, o defunto conta aos deuses toda a sua história, terrena e as aventuras no mundo dos mortos.

Depois, ocorre a pesagem do ba em uma balança. Num dos pratos está seu coração e no outro a *Maat* representada pela pena. Anúbis se encarrega da operação de pesagem. Thot é o escrivão.

Nesse momento, o defunto inicia uma longa recitação negativa de suas ações na terra, tais como:

> *"não causei sofrimento aos homens;*
> *não fui violento com meus parentes;*
> *não cometi crimes;*
> *não blasfemei contra os deuses;*
> *não cometi atos detestados pelos deuses...."*

Depois dessa defesa, responde perguntas do guardião da porta, que lhe faz duas perguntas: seu nome oculto e qual o nome da divindade suprema. O morto responde: Teu nome é Shou e o deus supremo é Osiris. Saindo-se bem, pode passar pelos portais, sendo anunciado ao deus supremo, conseguindo unir-se a Osíris pela eternidade.

Esse é um resumo bastante incompleto da verdadeira dimensão da religião do antigo Egito e como ela serviu de modelo para todas as outras. Todos os inventores de religiões, desde então, tomaram emprestado a inspiração egípcia e, como Zoroastro, fundaram uma nova crença, adptando seus principais temas e simplificando rituais

Em 300 ac (7.700), ou seja, após 4.900 anos, desapareceu a antiga civilização Egípcia. Foram 49 séculos.

Mesmo assim, foram 49 séculos de escuridão, se analisarmos a parte religiosa de sua cultura. Quanta bobagem, que ginástica mental para criar milhares de deuses, organizar cultos e cerimônias, totalmente ineficazes e ilógicas, pelo menos no sentido do transcendental.

Compare com a civilização ocidental, a sua, caro leitor, que tem apenas 20 séculos. Durante 49 séculos, essa religião foi mantida, sobreviveu, enriqueceu, guiou a vida de um povo. Hoje sabemos que tais deuses não existem.

Podemos fazer várias indagações que uma simples análise dessas histórias nos despertam:

- Se realmente esses deuses não existem, como os egípcios não descobriram isso?
- Como acreditavam cegamente nesses deuses?
- Quais as provas que eram apresentadas ao povo para que a crença em tais deuses nunca fosse abalada?

E mais: Se as pessoas fossem racionais, começariam a se fazer mais três perguntas:

1- Por que deus precisa de intermediários para informar sua vontade aos homens?

2 - Qual é a finalidade do homem para deus? Por que deus precisa do homem? Deus precisa de algo?

3 - Pode a suprema perfeição gerar algo imperfeito a não ser por vontade própria? Nesse caso qual seria a finalidade de um ser perfeito, que se basta a si mesmo, que não precisa de nada, ingênito, eterno, imutável, gerar algo imperfeito? Para brincar? Para experimentar?

Pense!

Além de Gerald Massey, já mencionado anteriormente, deixo aqui uma pequena bibliografia para que os interessados no assunto possam auferir mais conhecimentos:

Barguet, Paul – *Le Livre des Morts des Anciens Egyptiens*
Brissaud, J Marc – *L'Egypte des Pharaons*
Daumas, François – *La Vie dans l'Egypte Ancienne*
Erman, A – *La Religion des Egyptiens*
Kolpaktchy, Grégoire – *Livre des Morts des Anciens Egyptiens*
Morenz, Siegfried – *La Religion Egyptienne*
Vandier, Jacques - *La Religion Egyptienne*
Weigall, Arthur – *Histoire de l'Egypte Ancienne*
Childe, G - *What Happened in History*

-9-

Fatos da História do Irã (Pérsia)

A religião da Pérsia (Irã) antes da época de Zoroastro não é acessível diretamente, pois não existem fontes confiáveis mais antigas que o próprio profeta. É preciso que seja estudada indiretamente baseando-se em antigos documentos, através de uma abordagem comparativa.

Zoroastro, como todo bom agente da revelação, foi influenciado pelo sistema religioso da região que compreende a área que vai do Egito, até a Turquia ao norte e a leste até a India.

Na página anterior vemos um mapa recente da região. Abaixo mapa em diversas épocas:

Este mapa mostra os locais onde surgiu a civilização, ou seja, onde agrupamentos humanos iniciaram, há cerca de 10 mil anos, as plantações e criação de animais.

A condição para o progresso de tais assentamentos foi a existência de rios formidáveis, tais como o Nilo, o Tigre e o Eufrates e até mesmo o Jordão. Tais rios proporcionaram, ao lado de suas margens, uma vasta área agricultável e foi nela que os humanos tiveram sucesso e conseguiram avançar aos poucos saindo de uma situação deplorável e perigosa para uma realidade mais animadora e segura, com a construção de casas e depois a instalação de cidades.

No mapa a seguir, em verde, mostram-se as áreas propícias para a agricultura naquela época (crescente fértil)

A Pérsia, (atualmente, IRÃ), fica do sudoeste da Ásia, entre a antiga U.R.S.S. e o mar Cáspio, ao Norte, o Afeganistão e o Paquistão a Leste, o golfo Pérsico ao Sul, o Iraque e a Turquia a Oeste.

Em 900 ac (7.100 wy), nos confins orientais do Império Assírio, no Irã, dois povos adquiriram alguma importância: os medos ou medas, ao Sul do Mar Cáspio, e os persas, ao Norte do golfo Pérsico.
De 700 a 600 ac (7.300 a 7.400 wy), sobretudo no reinado de Ciaxares [633 – 511 ac](7.367- 7.489 wy), os persas ficaram sob o domínio dos medas. Mas Ciro, da dinastia dos Aquemênidas, rei de Anzan [552 – 528 ac] (7.442 – 7.472 wy), depôs o soberano meda Astiages 559 ac (7.441 wy) e, tomando-lhe o lugar, fundou um novo império.

Ciro, depois de obter a aliança dos caldeus e egípcios, acabou com o poder de Creso, rei da Lídia [546 ac] (7.454 wy) e conquistou a Ásia Menor. Voltando-se depois contra os caldeus, tomou Babilônia [539 ac] (7.461 wy). Em 525 ac (7.475 wy) , Cambises II conquistou o Egito.

Império Aquemênida

(obs: para aumentar o mapa deve-se dar zoom no documento)

Com Dario I [521 – 486 ac] (7.479 – 7.514 wy), o Império persa atingiu o apogeu, recebeu organização administrativa completa e teve as fronteiras dilatadas até o Pendjab[36], a bacia do Indo e a Cítia. Dario I foi menos feliz em suas empresas contra os gregos; foi vencido em Maratona [490 ac] (7.510) e, pouco depois, seu filho Xerxes I seria derrotado em Salamina [480 ac] (7.520) e Platéias [479 ac] (7.521). Dario III Codomano foi o adversário infeliz de Alexandre, o Grande; vencido em Arbelas [331 ac] (7.669), fugiu e foi assassinado.

A conquista de Alexandre destruiu o Império Persa. Com sua morte [323 ac] (7.677), a Pérsia ficou sob a autoridade dos selêucidas [305- 64 ac] (7.695-7.936), descendentes de um de seus generais, Seleuco.

O vasto Império Seleucida desfez-se rapidamente, reduzindo-se à Siria. Em 256 ac (7.744), a invasão dos partos originou nova dinastia, a dos Arsácidas, fundada por Arsaces I, que lutou, primeiro, contra hordas

[36] **Pendjab:** território ao norte da Índia, entre o Paquistão e a Cachemira. (NT)

cíticas e depois contra os romanos, que três vezes tomaram a capital, Ctesifonte.

Enfraquecido por essas lutas, o Império Arsácida foi conquistado pelo Sassânida Atdachir em 224 (8.224). O Estado Sassânida (séc. III-VII), centralizado, hierarquizado, opôs temível resistência a Roma, sobretudo nos reinados de Chapur I [241-272] (8.241-8.272), Chapur II [316-379] (8.316-8.379), Cósroes I [531-579] (8.531-8.579) e Cósroe II [595-628] (8.595-8.628). A dinastia Sassânida foi derrubada, em 642 (8.642), pela conquista árabe (omíadas).

Primeiro dependente do califado de Bagdá, o país caiu, em seguida, nas mãos de dinastias iranianas Tairidas, [826-876] (8.826-8.873); Safáridas, [863-902] (8.863- 8.902); Sarnânidas, [874-899] (8.874 – 8.899); Buaiidas, [932-955] (8.932- 8.955), depois turcas Seldjúcidas, 1.055 (9.055).
No séc. XIII, a Pérsia passou ao poder dos mongóis, que nela se mantiveram até o séc. XV.

Em 1.502 (9.502), Ismail, fundador dos Sefévidas, instalou-se em Bagdá e fez do xiismo[37] a religião oficial.

O principal representante da dinastia foi Abas I [1.587-1.629] (9.587-9.629), cujos sucessores se esgotaram em lutas estéreis.

Em 1786 (9.976), subiu ao trono a dinastia dos Qadjars. Sofreu durante muito tempo a influência da Rússia, à qual cedeu, em 1.813 (9.813) e 1.828 (9.828), importantes territórios, e mais tarde a da Inglaterra, interessada em sua produção petrolífera.

No governo dos últimos Qadjars [1.834-1.925] (9.834- 9.925), a Pérsia entrou na esteira da civilização ocidental. Muzaffar al-Din promulgou uma Constituição em 1.907 (9.907). Em 1.925 (9.925), Riza Khan derrubou a dinastia dos Qadjars. *Ao* mesmo tempo, a Pérsia adotou oficialmente o nome Irã.

[37] **xiismo**: termo coletivo para referir-se a várias seitas muçulmanas que constituem 10% do mundo islâmico. Os demais muçulmanos são sunitas. (NT)

Cronologia da História na Pérsia

Contagem Ocidental	Ano Mundial	Evento
Século IX ac	7.000	Aparecem as civilizações medas e persas
Século VII a VI ac	7.367	Reinado de Ciaxeres, rei meda - Dominou os persas
559 ac	7.441	Ciro, aquemênida, depõe Astiages, meda – Inicio da Dinastia AQUEMÊNIDA
546 ac	7.454	Ciro conquista a Ásia Menor
539 ac	7.461	Ciro conquista a Babilônia
525 ac	7.475	Cambises I conquista o Egito
521 ac	7.479	Dario I – Conquista do Pendjab - Apogeu do Império Persa
490 ac	7.510	Dario I é derrotado pelos Gregos em Maratona
480 ac	7.520	Xerxes I é derotado pelos gregos em Salamina
479 ac	7.521	Xerxes I é derrotado pelos gregos em Platéia
331 ac	7.669	Dario III é derrotado por Alexandre, o grande, em Arbelas. Fim do Império Persa – Fim da Dinastia AQUEMÊNIDA
305 ac	7.695	Início da Dinastia dos SELÊUCIDAS
256 ac	7.744	Fim da Dinastia SELÊUCIDA – Início da Dinastia ARSÁCIDA
224 ac	7.776	Fim da dinastia ARSÁCIDA – Início da Dinastia SASSÂNIDA
Ano 0	8.000	Início da Era Cristã
642	8.642	Conquista Árabe. Fim da Dinastia SASSÂNIDA
826	8.826	Dinastia Iraniana TAIRIDA
863	8.863	Dinastia Iraniana SAFÁRIDA
874	8.874	Dinastia Iraniana SARNÂNIDA
932	8.932	Dinastia Iraniana BUAÍIDA
1.055	9.055	Dinastia turca SELDJÚCIDA
1.250	9.250	Início da dominação MONGOL
1.472	9.472	Fim da dominação Mongol
1.502	9.502	Dinastia SEFÉVIDA
1.786	9.786	Dinastia QADJAR
1.925	9.925	Fim da dinastia QADJAR – Influência da civilização Ocidental

~10~

Religião do Irã na era pré-Zoroastriana

A religião da Pérsia (Irã) antes da época de Zoroastro não é acessível diretamente, pois não existem fontes confiáveis mais antigas que o próprio profeta. É preciso que seja estudada indiretamente baseando-se em antigos documentos, através de uma abordagem comparativa.

O primeiro estudo a ser feito é definir qual a origem geográfica dos povos dessa região. Várias teorias foram apresentadas e descartadas, aceitando-se, atualmente, que o núcleo original dos povos indo-europeus situa-se entre o Báltico e o Aral. Esse local é a famosa Hiperbórea - "matriz das nações" - como era chamada pelos antigos.

De 3.000 a 2.000 ac (5.000 a 6.000 wy) ocoreram migrações para o leste e sul, com os povos espalhando-se por todo o oriente. Dessas ramificações, os Indo-Arianos pertencem ao ramo oriental, que, por volta de 1.700 ac (6.300 wy) sub dividiram-se em vários grupos, sendo um desses chegado ao Irã. Em persa *Eran* (Avesta: *airya*) significa "perfeito". Estrabão[38] chamou o Irã de *Ariana,* o seja, o país dos "nobres", dos "perfeitos".

Sua religião foi reconstruída através de elementos comuns contidos nos livros sagrados do Irã e da Índia: principalmente o *Avesta*[39] e os *Vedas*[40].

Ambos mostram o mesmo tipo de politeísmo[41], com quase todos os mesmos deuses, principalmente o indiano *Mitra* (o *Mithra* da Pérsia), o

---

[38] **Estrabão**: geógrafo e historiador grego (7.937? – 8.023?). Afirmou haver viajado da Armênia à Sardenha e do mar Negro à Etiópia. Somente se conservam alguns fragmentos de seu trabalho histórico. Sua Geografia é uma descrição detalhada do mundo tal como se conheceu na Antigüidade. (NT)

[39] **Avesta**: o livro sagrado do zoroastrismo (NT)

[40] **Vedas**: o livro sagrado dos hindus (NT)

[41] **Politeísmo**: sistema ou crença religiosa que admite mais de um deus (NT)

culto ao fogo, cerimônias de sacrifício com a bebida sagrada[42] (na Índia, o *soma*; na Pérsia, o *haoma*) e outras coincidências.

Além disso, há uma lista de deuses arianos em um tratado assinado em 1.380 ac (6.620) entre o imperador hitita e o rei de Mitani. Nessa lista estão *Mitra, Varuna, Indra* e os dois *Nasetyas*. Todos esses deuses são também encontrados nos Vedas, mas somente o primeiro, no Avesta, apesar de que *Indra e Nañhaithya* aparecem no Avesta como demônios e *Varuna* pode ter sobrevivido com outro nome.

Portanto, aconteceram importantes mudanças no lado iraniano, das quais nem todas podem ser atribuídas ao profeta.

Parece que os indo-arianos cultuaram especialmente, dentre seus deuses, o *daiva* (o equivalente indo-ariano e antigo persa ao *daeva* do Avesta e ao

[42] **Haoma** significa suco - era a bebida sacrifical. Seu preparo era secreto e somente elaborado pelos sacerdotes. Era tão importante que recebia homenagens como as prestadas aos deuses. Uma parte das oferendas nos sacrifícios era destinada ao haoma. Nos sacrifícios sangrentos era essencial. Acredita-se que somente os sacerdotes a bebiam. Aos outros era servido principalmente água. Provavelmente era uma bebida alucinógena, semelhante ao famoso alucinógeno Soma, descrito nas escrituras védicas. (NT)

deva do sânscrito, relacionado com deus, do latim) que significava “celeste” e o *asura*, uma classe especial de espíritos com poderes ocultos.

Esta situação influenciou a Índia Védica; mais tarde *asura* passou a significar demônio, devido ao aspecto sinistro do poder invisível de *asura*.

No Irã a evolução foi diferente: os *ahuras*[43] eram glorificados, enquanto os *daevas* foram classificados no grupo dos demônios.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

[43] **ahuras**: o equivalente a ASURA em sânscrito (NT)

Cronologia

Contagem Ocidental	Ano Mundial	Evento
Século 13 ac?	6.700 ?	Moisés - Profeta e legislador hebreu - época incerta - existência incerta
1.100-500 ac	6.900-7.500	Compilação do Rig-Veda
600 ac ?	7.400 ?	Nascimento do profeta Zoroastro (Zarathrusta) época incerta
563 a 486 ac	7.437-7.514	Buda - o fundador do budismo
551 a 479	7.449-7.521	Confúcio o fundador do confucionismo
549 a 330 ac	7.451-7.670	Dinastia Aquemenida - Primeiro Império Zoroastriano
540-468 ac	7.460-7.532	Mahavira o fundador do Jainismo
220 ac a 227 dc	7.780-8.227	Dinastia Arsacida - Segundo império (parcial) Zoroastriano
200	7.800	È escrito o Bhagavad Gita - Texto hindu
6 ac a 30 dc	7.994 a 8.030	Jesus. Fundador do cristianismo - época incerta - existência incerta
70 a 100	8.070- 8.100	Escritos os primeiros livros cristãos
216-275	8.216-8.275	Mani (Maniqueu)- fundador do maniqueismo
220	8.220	Dinastia Sassanida - Terceiro Império Zoroastriano
651	8.651	Fim da Dinastia Sassanida - Todos os livros sagrados do Zoroastrismo foram compilados
400	8.400	Duas seitas budistas: zen e amidismo
570-632	8.570-8.632	Maomé o fundador do Islamismo
622	8.622	Hejira: Maomé voa para Yatrib (Medina)- Inicio do Islamismo
650	8.650	Fim do Império Sassanida conquistado pelos árabes - perseguição aos zoroastrianos
910	8.910	chegada dos PARSIS à Índia

Zoroastrismo

O Zoroastrismo é uma religião pré-islâmica do Irã, que ainda existe ali, em áreas isoladas e mais prosperamente na Índia, onde os descendentes dos imigrantes zoroastrianos iranianos (Persas) são chamados de *parsis* ou *parsees*. Na Índia essa religião é chamada de parsiismo.

Foi fundado pelo profeta e reformador iraniano Zoroastro, e contém aspectos tanto monoteístas[44] como dualistas[45]. Todas as grandes religiões ocidentais – judaísmo, cristianismo e islamismo – foram FORTEMENTE influenciadas por ela.

Ahura Mazda na forma de disco alado sobre duas esfinges

Resumindo, a estrutura social e religiosa dos antigos indo-europeus baseia-se em três funções distintas:

- Soberana /sacerdotal
- Guerreira
- Produtora e nutriente

Na primeira função, encontra-se Ahura Mazda (Varuna indiano). Ele é um deus mágico, soberano, supremo. É o guardião do *Arta*, a ordem exata cósmica e ritual. As estrelas são seus espiões; o sol, seu olho; e seu manto, o céu estrelado.

---

[44] **monoteísmo**: religião ou crença que somente admite um deus supremo (NT)

[45] **dualismo:** princípio, comum a diversas religiões e seitas, que professa a existência irredutível do corpo e do espírito, do bem e do mal- Padrão recorrente de pensamento desde os primórdios da filosofia, que busca compreender a realidade e a condição humana dividindo-as em dois princípios básicos, antagônicos e dessemelhantes (p.ex., forma e matéria, essência e existência, bem e mal, aparência e realidade etc.) (NT)

Associado a Ahura Mazda, está Mithra (Mitra indiano), pai divino, legislador, defensor da ordem social, guardião da palavra dada, protetor das alianças e mantenedor da soberania nas terras conquistadas.

Assegura as pastagens, a domesticação dos animais e representa junto a Ahura Mazda os chefes e guerreiros iranianos. Ao seu lado estão Sraosa (Aryamam indiano), protetor da comunidade e Asi (Bagha indiano) o guardião das riquezas dos deuses.

Na segunda função, existem vários deuses guerreiros, entre eles, *Verethraghna* (Indra indiano). É descrito como bom companheiro do soldado, campeão armado com o raio, matador de demônios e representa a violência necessária.

Ao seu lado está Vayu, deus do vento, representando a força brutal à qual nada resiste. É o deus dos soldados e dos mortos. Encarna o sopro vital. Seu reino fica entre o céu e a terra, sendo o primeiro deus a receber as oferendas feitas pelos humanos. Dirige o destino.

Outro deus importante dessa função é Rudra, protetor da caça e dos animais selvagens. È um temível arqueiro e protege as empreitadas perigosas e o desmatamento de novas terras.

Na terceira função, estão os gêmeos Nasetyas, protetores da saúde, da jovialidade, da riqueza, da fecundidade, da cura e da luz de todas as manhãs.

Existe ainda a deusa Anahita (Sarasvati na Índia) “a úmida, a forte, a imaculada” Ela é pura, heróica e maternal, movimentando-se num carro puxado por quatro cavalos brancos, que contém a chuva, o vento as nuvens e o granizo, sendo uma deusa polivalente, personificando um rio mítico que distribui a vida.

Os deuses se dividem em duas categorias: os ahuras e os devas. Os primeiros encarnam a boa conduta e os segundos se esforçam para transgredir a ordem do mundo, a arta, impondo o mal.

Assim, a liturgia[46] iraniana define sua função, ou seja, inserir o mundo humano na majestade soberana da arta, cuja manutenção é responsabilidade exclusiva dos deuses.

Para isso, é necessário aos humanos, realizar o ritual ensinado pelos deuses. O ariano tem dever sagrado de prestar sacrifícios diários (3 vezes: ao nascer e pôr do sol e ao meio dia) e em várias outras ocasiões: nos solstícios[47], equinócios[48] e lunações[49], nos funerais, casamentos, partidas para a guerra, para obter cura e para ter filhos.
Os sacrifícios podem ser de três formas:

- Sangrento
- Licor sagrado
- Fogo

O ritual de sacrifícios é chamado de Yasna. A administração de sacramentos é, na sua maior parte, realizada pelo pai de família. É ele quem reconhece a criança em seu nascimento, e murmura em seu ouvido o seu nome; procede a iniciação do jovem quando este atinge a idade apropriada e preside os funerais.

---

[46] **liturgia**: o conjunto dos elementos e práticas do culto religioso (missa, orações, cerimônias, sacramentos, objetos de culto etc.) instituídos por uma Igreja ou seita religiosa - Conjunto das formas (palavras, gestos) utilizadas na realização de cada um dos ofícios e sacramentos; rito **sacramento**: ato religioso que tem por objetivo a santificação daquele ou daquilo que é objeto desse ato e frequentemente uma renovação do juramento do fiel ao objeto do ato (NT)

[47] **solstício**: cada uma das duas datas do ano em que o Sol atinge o maior grau de afastamento angular do equador, no seu aparente movimento no céu, e que são 21 ou 23 de junho (solstício de inverno no hemisfério sul e de verão, no hemisfério norte) e 21 ou 23 de dezembro (solstício de verão no hemisfério sul e de inverno, no hemisfério norte) o solstício de inverno é o dia do ano em que o Sol, ao meio-dia, atinge seu ponto mais baixo no céu, e tem-se o dia mais curto do ano e a noite mais longa. O de verão é o dia do ano em que o Sol, ao meio-dia, atinge seu ponto mais alto no céu, e tem-se o dia mais longo e a noite mais curta do ano (NT)

[48] **equinócio**: momento em que o Sol, em seu movimento anual aparente, corta o equador celeste, fazendo com que o dia e a noite tenham igual duração. Ponto vernal = equinócio de primavera – Ponto de libra = equinócio de outono (NT)

[49] **lunação:** período de tempo (cerca de 29 dias e meio) entre duas luas novas consecutivas (NT)

No caso de sua morte cabe a seu sucessor tal procedimento. A única exceção é o casamento, que é presidido pelos próprios noivos. O clero[50] somente realiza cerimônias solenes, que exigem um ritual complicado.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتى وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

---

[50] **clero:** o corpo dos sacerdotes ou dos eclesiásticos, em sua totalidade ou limitado a uma igreja, região, país etc. (NT)

~11~

A Reforma de Zoroastro

"Dentre as religiões reveladas, o Zoroastrismo é a mais velha do mundo, e provavelmente, mais influenciou a humanidade, direta ou indiretamente, do que qualquer outra fé."
Mary Boyce, *Zoroastrians: Their Religious Beliefs and Practices* (London: Routledge and Kegan Paul, 1979, p. 1)

Não existem informações sobre o nascimento de Zoroastro (Zarathushtra). Os estudiosos iranianos defendem a tese que nasceu entre 1.400 e 1.300 ac (6.600 e 6.700). Outros afirmam que foi numa época posterior, pois somente entre 700 e 600 ac (7.300 e 7.400), aparecem os registros de seus ensinamentos, ressalvando-se que tais ensinamentos possam ter passado séculos sem registro escrito.

Ahura Mazda

Ele era um monge de um determinado *ahura* conhecido como "sábio", a quem o próprio Zoroastro, uma vez, mencionou em seus hinos como "o (outro) *ahuras*".

Da mesma forma Dario I [521 – 486 ac] (7.479 – 7.514 wy) e seus sucessores cultuaram *Auramazda* (Ahura Mazda[51]) "e os outros deuses que existem" ou "*Ahura Mazda*, o maior deus". Esses dois fatos históricos estão claramente relacionados: em ambos, os rudimentos do monoteísmo estão presentes, apesar de ser apresentado de forma mais sofisticada pelo profeta Zoroastro.

Ahura Mazda foi inspirado em Hórus

Ainda não foi possível encontrar um contexto histórico para os *Gathas* – os hinos de Zoroastro. Nenhuma pessoa ou lugar mencionado neles é conhecido em qualquer outra fonte.
O que se pode afirmar com segurança é que Zoroastro viveu em algum lugar do leste do Irã, longe do mundo civilizado da Ásia Ocidental, antes da época em que o Irã foi unificado por Ciro II, o Grande.

[51] **Ahura Mazda:** literalmente "Senhor Sábio" (NT)

Se os Aquemênidas alguma vez ouviram falar dele, não mencionaram seu nome em suas inscrições nem fizeram menção aos seres que rodeiam o deus supremo e que foram mais tarde chamados de *amesha spentas*, "generosamente imortais" – um item essencial da doutrina de Zoroastro.

A religião na época dos aquemênidas era controlada pelo *magus*[52] (magos) que Heródoto[53] descreve como uma tribo dos Medas, com poderes especiais, tais como adivinhar a data da morte, combater animais malignos e interpretar sonhos.

Novamente, uma conexão histórica com Zoroastro – que Heródoto também ignora – é nebulosa. A data em que a doutrina de Zoroastro alcançou o Irã Ocidental não é conhecida, mas deve ter sido antes da época de Aristóteles [384 – 322 ac] (7.616-7.678), que menciona seu dualismo.

Quando Dario subiu ao poder em 522 ac (7.478), teve que combater um usurpador, Gaumata, o mago, que se passava por Bardiya, o filho de Ciro, o Grande, e irmão do rei Cambises. Este mago tinha destruído os santuários, *ayadanas*, que foram restaurados por Dario. Uma explicação possível para isso é que Gaumata tinha adotado o zoroastrismo, uma doutrina que tinha seguidores no povo comum e portanto tinha destruído templos e altares dos deuses da nobreza.

Dario, tendo conseguido o trono com a ajuda de alguns nobres, não poderia favorecer tal culto, apesar de adotar *auramazda* como meio de unificar o império. Xerxes sucessor de Dario, menciona em uma de suas inscrições como, em um determinado lugar (não identifica), ele substituiu o culto de *Auramazda*.

O islamismo conseguiu uma vitória decisiva em Al Oadisiyah em 635 (8.635), sobre os exércitos de Yazdegerd III, o último sassânida.

No começo, o Islamismo tolerou a antiga religião, mas, em muitas províncias, as conversões por persuasão ou pela força foram maciças.

---

[52] **magus:** sacerdote (plural: magi) – similar a mobed (persa), que significa sumo sacerdote do zoroastrismo (NT)

[53] **Heródoto:** historiador grego [484? – 425 ac] (7.516?-7.575), conhecido como o pai da história. Viajou pela Ásia Menor, Babilônia, Egito e Grécia, o que lhe proporcionou valiosos conhecimentos. Sua obra *Histórias* é o primeiro trabalho histórico importante em prosa. (NT)

O Zoroastrismo fomentou a rebelião e causou perseguições no seu próprio meio. Havia bolsões de sobreviventes, principalmente em Persis, o antigo centro dos impérios Aquemênidas e Sassânicos. Eram editados livros para salvar os elementos principais da religião de um ameaçador desastre.

O desastre realmente ocorreu, mas não se sabe exatamente quando e como. Os zoroastrianos chamados de *Gabars* pelos muçulmanos, sobreviveram no Irã, como uma minoria perseguida em pequenos enclaves em Yazd e Kerman.

Do décimo século em diante, grupos de zoroastrianos emigraram para a Índia onde encontraram asilo em Gujarat. Parece que suas ligações com seus conterrâneos no Irã estavam totalmente quebradas no século 15.

A conexão foi restabelecida em 1.477 (9.477), principalmente com a troca de cartas, e durou até 1.768 (9.768). No governo britânico, os Parsis, que antigamente tinham sido humildes agricultores, começaram a enriquecer através do comércio e depois pela indústria. Tornaram-se a mais próspera e “moderna” comunidade, centralizada em Bombaim.

Antes adotavam a língua (Gujarati) e as vestes da Índia. Depois adotaram os costumes ingleses, o vestuário inglês, a educação das moças e a abolição do casamento de crianças. Em seus empreendimentos e em sua vida diária adotaram o exemplo do ocidente.

Do século 19 em diante, tinham condições de ajudar seus parentes menos favorecidos no Irã, tanto através de presentes como em intervenções governamentais.

Também se adaptaram à cultura da Índia, minimizando o que era repugnante aos hindus (o sacrifício do sangue) e aceitaram alguns preceitos da astrologia[54] e da teosofia[55]. Por outro lado, ao serem

[54] **Astrologia:** doutrina, estudo, arte ou prática, cujo objetivo é decifrar a influência dos astros no curso dos acontecimentos terrestres e na vida das pessoas, em suas características psicológicas e em seu destino, explicar o mundo e predizer o futuro de povos ou indivíduos; uranoscopia (NT)

[55] **Teosofia:** sabedoria divina - refere-se ou ao misticismo dos filósofos que acreditam que podem compreender a natureza de Deus por apreensão direta, sem revelação, ou refere-se ao esoterismo de colecionadores de filosofias místicas e ocultas que afirmam estar em presença de grandes pretensos segredos de sabedorias antigas.(NT)

atacados por missionários cristãos pelo seu dualismo, davam ênfase ao aspecto monoteísta de sua doutrina.

Apesar de Heródoto ter escrito que os Persas não possuíam templos, foram encontrados alguns, sob forma de terraços, de torres ou salas quadradas. As *Chahartaqs* (edifícios sagrados com 4 portões ou portas) estavam disseminadas por todo o Irã. Existiam altares permanentes desde o período Sassânida e são mostrados em moedas como um fogo ardente.

Os altares de fogo *Farnbag, Gushnasp* e *Burzen-Mihr* eram dedicados respectivamente aos sacerdotes, guerreiros e fazendeiros. O fogo de Farnbag ficava primeiramente em Khwarezm, até que, entre 700 e 600 ac (7.300 e 7.400), de acordo com a tradição, *Vishtaspa*, o padroeiro de Zoroastro, o transportou até ao Kabulistan; depois, Khosrow, entre 500 e 600 (8.500 e 8.600) o transportou até o antigo santuário de Kariyan em Fars, que ainda não foi descoberto.

O fogo de Gunshnasp, localizado em Shiz, era o antigo fogo dos magos (na Média), mas se transformou no símbolo da unidade da monarquia e da religião. O fogo de Burzen-Mihr nunca foi muito considerado como os dois outros, devido aos camponeses, ao contrário dos reis e clérigos, jamais terem possuído qualquer soberania.

Apesar dessas designações individuais, os fogos eram classificados em duas categorias principais: os *Aduran*, fogos das cidades e os *Varhran*, fogos das províncias e reais.

Os Magians, apesar de não serem originalmente Zoroastrianos, aparentemente entraram em contato com os ensinamentos do profeta no entre 500 e 400 ac (7.500 e 7.600). Eles possuíam o monopólio da religião na corte Aquemênida.

O termo mago ainda era usado no período Arsácida. Desde então, no governo dos sassânidas, foi desenvolvida uma hierarquia com a criação dos *magupat*, ou chefe dos magos, e seus superlativos *magupatan magupat* (criado de acordo com o modelo *shahanshah*, “reis dos reis”).

Entre outros sacerdotes, havia o *ehrpat*, originariamente um professor de religião, que estava envolvido de forma especial na manutenção do fogo.

O termo moderno equivalente à palavra *herbad* ou *ervad* designa um sacerdote de segunda categoria, que nas cerimônias mais importantes somente atua como um assistente do sacerdote. Acima dele estava o *mobed*[56]. Sobre todos esses funcionários estava o *dastur*, uma espécie de bispo, que dirigia ou administrava um ou mais templos importantes. O sacerdócio é hereditário, mas todos os sacerdotes tinham que passar por uma ou mais cerimônias de investidura, mais rigorosas e importantes que as praticadas pelos fiéis comuns.

Todos os jovens parsis devem ser iniciados quando atingem a idade de 7 anos (na Índia) e 10 anos (na Pérsia). Recebem a toga (*sadre*) e o cinto (*kusti*) que deverão usar até o fim da vida.

Existem três tipos de purificação, em ordem de importância: o *padyab*, ou ablução; o *nahn*, ou banho e o *bareshnum*, um ritual complicado realizado em locais especiais com a participação de um cão – cuja orelha esquerda é tocada pelo candidato e cujo olhar faz fugir os espíritos do mal – e, que se estende por vários dias.

[56] **mobed**: termo persa sinônimo de magus. No zoroastrismo significa sumo sacerdote.(NT)

A penitência envolve a recitação do *patet* (a firme resolução de não pecar novamente) e a confissão dos pecados a um dastur ou, na falta deste, a um sacerdote comum.

A cerimônia principal, o *Yasna*, que era essencialmente o sacrifício do *haoma* (a bebida sagrada) é celebrada diante do fogo sagrado com a recitação de extensas partes do Avesta. São acompanhadas de oferendas de pão e leite, e formalmente, de alimentos ou gordura animal.

O fogo sagrado deve ser mantido aceso continuamente e deve ser alimentado pelo menos cinco vezes ao dia. As orações são também feitas cinco vezes por dia. A instalação de um novo fogo exigia uma cerimônia extensamente complicada. Existiam também rituais de purificação e de regeneração do fogo.

Depois da morte, é trazido um cão até o corpo; ele deve ser um cão de "quatro olhos" (isto é, ele deve ter um tipo de farol sobre cada olho, para aumentar a eficiência de seu olhar) Tal ritual é repetido cinco vezes ao dia. Depois do primeiro, é trazido o fogo ao quarto, onde ficará queimando por três dias após a remoção do corpo para a Torre do Silêncio. O translado deve ser feito durante o dia.

O interior da Torre do Silêncio era construído em forma de três círculos concêntricos, um para os homens, outro para as mulheres e o terceiro para as crianças. Os corpos eram ali colocados nus. Os abutres não

demoravam muito – uma ou duas horas – para devorar toda a carne, deixando somente os ossos, que secos pelo sol, eram depois jogados no poço central. Oficialmente, os ossos eram guardados em um ossuário, o *astodan*, para livrá-los da chuva e dos animais.

A manhã do quarto dia após a morte é considerada a mais solene ocasião no ritual fúnebre, pois nela é que a alma que partiu chega diante das divindades que, então, iniciam o seu julgamento. São os famosos três dias que a alma precisa para deixar o corpo do morto.

Os Festivais, nos quais o culto era parte essencial, são aspectos característicos do Zoroastrismo, uma crença que impõe ao homem a agradável tarefa de ser feliz.

Os principais festivais no ano Parsi são os seis festivais sasonais, *Gahanbars*, e o dia em memória aos mortos, no final do ano. Ainda, cada dia do mês e cada um dos 12 meses tinham um padroeiro. O dia que tem o nome do mês é o dia da grande festa do padroeiro do mês.

O festival do Ano Novo, *Noruz*, é a festa mais bela e alegre do Zoroastrismo, sendo uma comemoração em honra a *Rapithwin*, a

personificação do meio dia e do verão. O festival para Mithra, ou *Mehragan*, se dava tradicionalmente no outono era tão comemorado quanto as festas de primavera de Noruz.

ینِگهِ هاتم آئَت یِسنِه پَیتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا یائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا یَزَمَیدِه.

~12~

Crenças e Mitologia

"Que tua mente possa ser o senhor de tua vontade; que tua alma possa ser o senhor de tua vontade e que tu possas viver com alegria na alma todas as noites de tua vida"

Vd. 18.27

Somente os hinos, ou Gathas, são atribuídos a Zoroastro. Foram escritos em distintas métricas e num dialeto diferente do resto do Avesta, com exceção de sete capítulos, principalmente em prosa, que parecem ter sido compostos pouco antes da morte do profeta.

Todos esses textos estão incluídos no *Yasna*, que é uma das principais divisões do Avesta, sendo recitados pelos sacerdotes durante uma cerimônia do mesmo nome, significando "sacrifício".

O *Visp-rat* (Todos os Juízes) é um Yasna, acrescido esporadicamente por invocações e oferendas aos *ratus* (senhores) de diferentes classes de seres.

O *videvdat* ou *Vendidad* (A Lei que Condena os Daevas) consiste de duas seções introdutórias contando como a Lei foi dada aos homens, seguida por 18 seções de regras.

A *Siroza*, enumera as divindades que são padroeiras de cada um dos 30 dias do mês.

Os *Yashts* (hinos) são homenagens a cada um dos 21 deuses, tais como Mithra, Anahita ou Verethraghna.

O *Hadhoxt Nask* (Seções para a Salvação) descreve o destino da alma após a morte.

O *Khurda Avesta*, ou Pequeno Avesta, é composto por textos de pouca importância.

O Avesta é, pois, uma coleção de textos compilados em estágios sucessivos, até que foram completados na dinastia Sassânida. Era, pelo menos, quatro vezes maior do que aquilo que existe atualmente.

Um resumo dos 21 livros, ou *Nasks*, (dos quais, somente um foi preservado, assim como no *Videvdat*) é fornecido em um dos principais tratados escritos durante a breve renascença Zoroastriana no domínio do islamismo, no século IX, o *Denkart*, ou “Atos da Religião”. Foi escrito em Pahlavi, a linguagem dos Sassânidas.Outras obras em pahlavi incluem, além da tradução e comentários do Avesta, o *Bundahishn* (“Criação Primordial”) que é uma cosmologia[57].

Os livros em pahlavi, em sua maior parte, são anônimos, tais como *Menok-i Khrat* (“Espírito da Sabedoria”) um resumo lúcido da doutrina, baseado na razão, e o livro de *Artay Viraf*, que descreve a descida de Viraf ao mundo dos mortos bem como sua viagem ao céu e ao inferno e os prazeres e castigos que aguardam os virtuosos e os maus.

Existem poucos livros com autores, como os dos dois irmãos Zatspram e Manushchihr, ou o de Marda-farruk *Shkand-Gumanik Vichar* (“A Definitiva Dissipação de Dúvidas”) uma apologia[58] da religião Mazdeana direcionada contra o Maniqueísmo[59], o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo.

[57] **Cosmologia**: estudo da estrutura e a evolução do universo em seu todo, preocupando-se tanto com a origem quanto com sua evolução. (NT)
[58] **Apologia:** discurso ou texto em que se defende, justifica ou elogia (especificamente. alguma doutrina, ação, obra etc.) (NT)
[59] **maniqueísmo**: Filosofia considerada herege pelos cristãos, criada por Manés – Maniqueu ou Manete – que viveu na Pérsia por volta de 274 (8.274). Manés, como os primitivos gnósticos, juntou numa vasta síntese o cristianismo e o paganismo oriental. Assim, os escritos cristãos forneceram as bases e os acessórios foram incorporados do parsismo e do budismo. Para explicar o bem e o mal, atribuía à criação dois princípios:

- um, essencialmente bom, chamado deus, o espírito, a luz
- outro, essencialmente mau, chamado de demônio, a matéria, as trevas

Ao primeiro princípio chamou de Príncipe da Luz e ao segundo, Príncipe do Mundo, ou Satã ou Matéria. A humanidade foi criada pelo deus mau e só pode ser redimida pelo Paracleto, que é o próprio Manés. Os maniqueus eram divididos em duas classes: os auditores ou

Mithra era associado intimamente com Varuna, e com o semelhante a Varuna no Irã. Deve-se presumir que Mithra estava incluído na fórmula "Mazda e (os outros) ahuras", mas Mithra é chamado no antigo Avesta (não pertencente aos Gathas) de ahura, como também *Apam Napat*, um fogo ou brilho nas águas, correspondente ao *Apam Napat* dos Vedas.

Sobre Verethraghna (a entidade ou espírito da vitória) parece que desde que assumiu as funções de Indra, que era um daeva, não pode mais ser chamado de ahura, mas, para marcar que pertencia ao mundo dos ahuras, foi chamado de *ahuradata*, "criado por um ahura".

Essa é a moldura da religião dos ahuras, hostil ao culto aos daevas, na qual a mensagem de Zoroastro deve ser entendida. Ele enfatizou a importância central de seu deus, o sábio Ahura, fazendo-o acompanhar de uma legião de entidades, numa coalizão contra as forças do mal, com os poderes de todos os outros deuses.

O dualismo moral expressado na oposição *Asha-Druj* (verdade-falsidade) vem desde, pelo menos, a época Indo Ariana, pois os Vedas também o conheciam, como *rta-druh*, apesar do contraste não estar tão bem acentuado como no Avesta. Entre esses dois princípios, os Espíritos Gêmeos fizeram uma escolha trágica, com o Supremo Benfeitor se tornando em pensamento, palavras e obras num partidário de *Asha*, um *ashavan*, enquanto o outro se tornou *dregvant*, partidário de Druj. Depois deles, chegou a vez dos daeva, quando todos eles erraram na escolha. Desde então, os daevas tentam corromper também a escolha dos humanos.

Ao exército dos ashavans, comandado pelo espírito Supremo Benfeitor, foram mobilizadas as hostes dos dregvants, comandadas pelo Espírito Destrutivo, *Angra Mainyu*. Cada combatente enfrenta o seu exato equivalente: a mente do Bem contra o a mente do Mal e *Aramaiti* sendo enfrentado por *Taromaiti*.

---

neófitos e os perfeitos. Eram regidos por doze apóstolos assistidos por 72 bispos. No século IX o maniqueísmo, que havia desaparecido, renasceu com as seitas dos cátaros ou albigenses. Qualquer doutrina baseada nesses dois princípios é chamada de maniqueísmo.Ver **Capítulo 21** (NT)

Nessa batalha, todo universo material é, através das entidades, potencialmente envolvido, tendo o Espírito do Benfeitor como padroeiro do homem; Asha, do fogo; a Mente do Bem, do touro e do domínio dos metais; Aramaiti, da terra, da integridade e imortalidade das águas e das plantas.

Alem disso, já que as entidades são ao mesmo tempo divinas e humanas (devido ambas as qualidades do homem, espiritual e material, partilharem do divino) todos acreditam que o sábio Ahura pode conviver entre eles.

Depois de Zoroastro, ocorreram mudanças consideráveis na teologia[60] que ele professou. As entidades foram reduzidas a meras divindades, sendo até, separadas em machos e fêmeas. Nunca mais seus nomes foram usados para designar as faculdades humanas.

Na cosmogonia[61], como exposta no Bundahishn, Ormazd (Ahura Mazda) e Ahriman estão separados pelo vácuo. Parecem que sempre existiram, através de toda a eternidade, até que um ataque odioso de Ahriman inicia o processo da criação. A origem dessa atitude é desconhecida, mas estava implícita desde que Ormazd tomou o lado do Espírito Benfeitor na disputa contra o Espírito Destrutivo. Já que Ahura Mazda não mais podia ser o pai de dois adversários, a contenda se tornou inevitável.

A solução foi proposta pelo Zurvanismo[62], com *Zurvan* (tempo) sendo o pai de Ormazd e de Ahriman. Porém tal solução contraria a própria essência do Mazdaismo e foi, portanto, condenada como herética. O Zurvanismo foi amplamente aceito, até mesmo, talvez, prevaleceu na época dos sassânidas. São encontrados vestígios dele na ortodoxia[63] Mazdeana, sob forma de alguns atributos que não podem ser explicados de outra forma.

---

[60] **Teologia**: estudo da religião e coisas divinas (NT)
[61] **cosmogonia**: estudo do comportamento evolucionário do universo e da origem de suas características. (NT)
[62] **zurvanismo**: é uma variação do zoroastrismo, que nega o seu dualismo, aceitando somente a existência do tempo (zurvan) ilimitado, eterno e não criado, como fonte de todas as coisas. (NT)
[63] **ortodoxia**: normas ou dogmas estabelecidos, tradicionais - leis consideradas como verdadeiras por uma crença (NT)

Na ortodoxia Mazdeana, quando Ormazd ao criar o mundo material, inicialmente produziu uma forma de fogo proveniente da Luz Infinita, da qual todas as coisas viriam nascer. Essa forma de fogo é “brilhante, branca, arredondada e visível à distância”. *Gayomart*, o homem primordial, foi também concebido sob forma esférica, assemelhado ao céu. Manushchihr escreveu que “*Ormazd, o senhor de todas as coisas, produziu um tipo de fogo, a partir da Luz Infinita, cujo nome era semelhante a Ormazd e cuja luz era semelhante ao fogo*”. Este trecho somente pode ser considerado como uma adaptação deselegante do texto Zurvanita que, com efeito, pregava que Zurvan criara Ormazd.

O quarteto Mazdeano é difícil de se entender, somente pode ser explicado como uma adaptação zurvanita. Isso pode ser encontrado em vários textos, citando, além de Zurvan, três outros nomes dados a deuses separados, porém que possuem a essência do principal (hipostase), também chamado no Maniqueísmo, o deus de quatro faces.

Entre as várias formas sob as quais o quarteto Zurvanista se manifesta, o que associa Zurvan com a Luz, o Poder e a Sabedoria, parece ser a origem do quarteto Mazdeano.[64]

---

[64] A hipostase desse quarteto é claramente a fonte para a santíssima trindade dos cristãos – **hipostase** é a união de várias essências de vida numa só pessoa. .(NT)

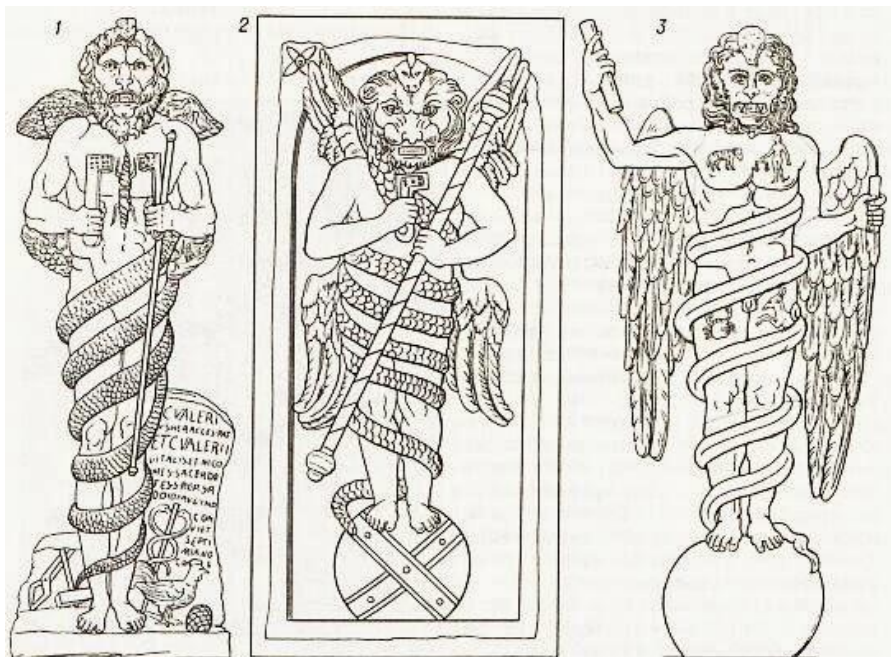
Ormazd, no Bundahishn, possui outros três nomes, que são Tempo, Espaço e Religião. Para obter esse quarteto, foi suficiente substituir Zurvan por Tempo, Luz por Espaço, Sabedoria por Religião e Poder por Ormazd, colocando-se este último como o principal.

O quarteto Mazdeano influencia o calendário em Nisa em 90 ac. A especulação Zurvanita que o precedeu, provavelmente é de uma época que chega aos primeiros séculos do período Arsácida [250 ac] (7.750) e iniciou-se fazendo uma conexão com a difusão da astrologia e quando o helenismo[65] estava enfraquecendo.

Para poder vencer Ahriman, Ormazd criou o universo para ser o campo de batalha. Ele sabia que essa guerra seria limitada no tempo – deveria durar 9 mil anos – o que foi combinado com Ahriman.

[65] **Helenismo:** é o conjunto da civilização grega. Sempre representou o espírito pagão de resistência ao cristianismo. No tempo do imperador Juliano, tornou-se uma verdadeira religião. Na época bizantina, o helenismo invadiu a igreja grega. (NT)

Depois que cada um produziu suas respectivas criações materiais, o primeiro ataque de Ahriman foi vencido por Ormazd que contou com a ajuda da oração *Ahuna Vairya* (a mais sagrada oração Zoroastriana) tendo obrigado Ahriman a ficar prostrado por um período de 3 mil anos, o segundo de um total de quatro.

Então, ele foi reanimado pela prostituta (a mulher primordial) e voltou ao ataque, dessa vez, no universo material. Matou o primeiro touro, de cuja medula originaram-se os vegetais e cujo sêmen foi coletado e purificado na lua, para depois dar origem aos animais úteis. Depois, Ahriman matou Gayomart, o homem primordial, de cujo corpo se originaram os metais e cujo sêmen foi coletado e purificado no sol. Uma parte dele produziu o ruibarbo, do qual o primeiro casal de seres humanos iria nascer.

O primeiro casal de seres humanos foi pervertido por Ahriman e foi somente com a chegada de Zoroastro, depois de 3 mil anos, que a supremacia de Ahriman chegou ao fim. Agora, Ormazd e Ahriman lutarão

em igualdade, até o final dos últimos 3 mil anos, quando finalmente o primeiro triunfará.

A idéia do homem como um microcosmo[66], já ilustrada na cosmogonia, é melhor desenvolvida no Bundahishn. O homem é mortal devido ao ataque de Ahriman. Mas, ele não morre por inteiro. Existem cinco partes "imortais" nele:

- *ahu* – vida
- *daena* – religião
- *baodah* – conhecimento
- *urvan* – alma
- *fravashi* – almas preexistentes

O último termo significa textualmente "herói preeminente". A concepção que provocou ser este termo aplicado aos "*manes*" (espíritos -*pitarah* no Irã), é a existência de um poder defensivo e protetor que continua a emanar dos nobres depois de sua morte.

Essa noção aristocrática parece ter sido vulgarizada da mesma forma que, na Grécia, toda pessoa morta se transformava em herói, ou, no Egito, em Osíris. Zoroastro descartou o fravashi, mas continuou com o daena. Este termo significa "religião" tanto no seu sentido objetivo como no subjetivo.

As crenças Indianas e Iranianas na vida após a morte, possuem vários aspectos em comum, datando provavelmente de antes do período Indo-iraniano: um encontro com mulheres, cães vigiando uma ponte, uma jornada celestial.

Em antigos textos indianos, os *Upanishads*, a alma é recepcionada no céu por 500 *apsaras* (donzelas nuvens). No Irã, se a pessoa teve uma vida justa, sua alma encontra a própria religião (daena) na forma de uma linda jovem; ao contrário, ele encontra uma repulsiva megera.

Tanto em um como no outro, de acordo com vários textos, antes desses encontros, a alma deve atravessar uma ponte, *Cinvat*. Ela é atestada na

---

[66] **microcosmo**: o homem, o corpo humano considerados como um pequeno universo, uma imagem reduzida do mundo - Mundo pequeno, mundo em miniatura - Pequena sociedade (NT)

Índia no *Yajurved* e no Upanisads, onde aparecem as jovens donzelas e os deuses. No Gathas, é chamada de Ponte do Julgamento, pois conduz as boas almas ao paraíso e as perversas caem no inferno.

As que não caem, passam ainda por outro julgamento, sendo conduzidas até diante de Mithra e seus dois companheiros *Sraosha* e *Rashnu*. Depois, sobem por estágios sucessivos, começando pelos bons pensamentos (as estrelas), boas palavras (a lua) e boas obras (o sol) até chegarem ao paraíso (as luzes infinitas). Nos Vedas somente é dito que a jornada das boas obras fica no caminho do sol. No paraíso, a alma é conduzida por *Yohu Manah*, a Mente Suprema, ao trono dourado de Ormazd.

Se a alma conseguir ser admitida no céu, receberá uma sala, um trono, uma vestimenta, um diadema de luz e uma coroa.

O inferno também possui quatro estágios simétricos. E existe um local intermediário para as almas cujo balanço de boas ações empata com o de más ações (purgatório).

Zoroastro costumava invocar salvadores, os quais apareceriam no mundo como a aurora de um novo dia. Acreditava ser ele próprio, um deles. Depois de sua morte, **a crença em salvadores aumentou**. Esperava-se a sua volta, se não pessoalmente, pelo menos na forma de seus três filhos

que deveriam nascer, em intervalos de milhares de anos, originados de seu sêmen. O ultimo desses três salvadores, *Astvat-ereta*, ou encarnação da justiça, era simplesmente chamado de Salvador (*saoshyans*).

Quanto à escatologia[67], somente nos livros pahlavi este tema está sistematicamente desenvolvido. Ele é dominado pela idéia de um final retorno ao inicial estado de coisas. O primeiro casal humano se alimentou primeiramente de água, depois de vegetais, de leite e finalmente de refeições completas. As pessoas do milênio final, depois da vinda dos três salvadores, deverão se alimentar na ordem reversa, ou seja, refeições completas, leite, vegetais para chegar finalmente a se alimentar somente de água.

Os combatentes primordiais também voltarão a aparecer no final dos tempos. O dragão que foi morto para libertar as águas prisioneiras aparecerá novamente durante a ressurreição, para ser morto de novo por outro herói.

Na grande batalha derradeira, os exércitos dos bons vão combater os dos maus, com cada soldado de Ormazd combatendo e derrotando o seu equivalente do mal. Isso vai restaurar o estado de paz que existia no princípio. Os maus serão então submetidos ao ritual de metal derretido e fogo.

O fogo e *Aryaman* derreterão os metais das montanhas até que possam correr como rios de fogo. Todos os humanos ressuscitados deverão atravessá-los, quando somente os maus irão queimar, enquanto para os justos eles se parecerão como rios tão suaves como leite morno.

O sofrimento dos maus deverá durar três dias e, depois desse período, toda a humanidade desfrutará de uma imensa felicidade. Na terra aplainada, pois o metal derretido ira encher todos os vales, homens e mulheres, ora em diante iluminados - pois estarão sem pecado - gozarão a felicidade de uma vida familiar. O inferno será lacrado para sempre, Ahriman perderá todos os seus poderes e será aniquilado.

---

[67] **escatologia:** Doutrina que estuda o fim do mundo (NT)

Os preceitos de ética[68] Mazdeanos se concentravam sobre a manutenção da vida e a luta contra o mal. Para manter a vida deve-se conseguir a sobrevivência criando gado e com a agricultura, além de procriar. Para lutar contra o mal é preciso combater os demônios e quaisquer outros seres, homens ou animais, que sejam dominados por eles.

Parece que estes dois pontos de vista são coincidentes, já que as forças do mal são as forças da morte: o bem é o oposto do mal, assim como a luz é o oposto da escuridão e a vida é o oposto da morte. Os preceitos da vida podem ser transpostos a preceitos de luta; por exemplo, comer e beber pode ser interpretado pelo *Zatspram* como uma luta contra o demônio fêmea *Az*, "concupiscência".

Porém são também dois pontos de vista contraditórios: como o homem pode lutar contra as forças do mal sem eliminar certas formas de vida, como os animais venenosos? Aqui, prevalece o segundo ponto de vista: o Irã ignora, até na teoria, o respeito universal pela vida, do modo como é praticado no Budismo, ou que justifique a dieta vegetal da Índia brâmane.

Motivos sociais (por exemplo, o desejo de manter privilégios de família) aparentemente explicam o casamento consangüíneo, uma forma aguda de endogamia[69].

A próxima vida será determinada pelo balanço entre as boas e más ações, palavras e pensamentos de toda a vida. Este princípio, todavia, é abrandado para desculpar a fraqueza humana. Nem todas as faltas serão

---

[68] **ética:** parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, enfocando especialmente a essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social - Em doutrinas racionalistas e metafísicas, estudo das finalidades últimas, ideais e, em alguns casos, transcendentes, que orientam a ação humana para o máximo de harmonia, universalidade, excelência ou perfeição, o que implica a superação de paixões e desejos irrefletidos - Estudo dos fatores concretos (afetivos, sociais etc.) que determinam a conduta humana em geral, estando tal investigação voltada para a consecução de objetivos pragmáticos e utilitários, no interesse do indivíduo e da sociedade -Conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade. (NT)

[69] **endogamia**: termo aplicado a certos costumes pelos quais um membro de uma comunidade, tribo, clã ou unidade social contrai matrimônio com outra pessoa do mesmo grupo. Em alguns casos, os membros são proibidos de casar-se com pessoas que pertençam a uma unidade social diferente. (NT)

registradas ou, eternamente, terão um peso negativo. Existem dois meios de apagá-las: confessando-as ou transferindo os méritos super-rogatórios (o equivalente ao “Tesouro dos Méritos”[70] de Cristo e os santos, da Igreja Católica Romana) o que justifica as orações e cerimônias pelos que partiram.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

---

[70] **Tesouro de Méritos**: a incrível teoria da Igreja Católica para justificar as indulgências (perdão dos pecados) e livrar falecidos do sofrimento do purgatório. As indulgências – assim como o inferno, tal como o descreve as religiões ocidentais – foram criações dos sacerdotes egípcios. No reino médio [2.000 ac] (6.000) os sacerdotes egípcios resolveram estender o conceito do julgamento das almas – que existia há mais de um milênio e era aplicado somente aos faraós e nobres, onde quase nada era mencionado sobre os castigos destinados a tão importantes figuras – às classes mais baixas, descrevendo o inferno e uma série de penas terríveis às almas dos transgressores. Tais punições poderiam ser evitadas se o indivíduo COMPRASSE um certo “passaporte mágico” feito pelos sacerdotes em grande escala, onde havia um espaço para que se escrevesse o nome do felizardo. Dessa forma, a viagem da alma para o paraíso era feita sem qualquer perigo, evitando-se o julgamento e uma possível condenação ao inferno. Gordon Childe em seu importante “*What happened in History*” diz que, com a invenção do inferno, os sacerdotes egípcios criaram *“o mais poderoso instrumento para o domínio da vontade incontrolável dos homens”*. Zoroastro aprendeu e aplicou tais teorias em sua religião. A igreja cristã, como sempre, plagiando conceitos de religiões antigas, em 1.230 (9.230), com o Cardeal Hugo de Saint-Cher, criou uma teoria afirmando que o sangue derramado por um mártir era mais do que suficiente para apagar seus pecados, havendo pois uma “sobra” de mérito que seria depositado num “banco”. Com o passar dos tempos e com a morte de milhares de mártires, esse “banco” acumularia um “tesouro de méritos”, que poderia ser usado pela igreja PARA QUITAR AS PENAS das almas que estavam no purgatório. Ou seja o mérito de uma pessoa salvaria outra, que, para merecê-lo deveria ter comprado em vida, as tais de indulgências. Uma reles imitação da esperteza dos egípcios. O melhor dessa história é que a “chave” desse banco pertencia SOMENTE à igreja cristã, estando pois exclusivamente ela, autorizada a conceder tal bonificação. Essa teoria foi confirmada como teológica por Boaventura e Tomás de Aquino (dá para imaginar porque são tão famosos) e a VENDA de indulgências assumiu uma proporção tão vergonhosa que motivou Lutero a se separar da igreja romana. O concílio de Trento (8.998) estabeleceu que *“a Igreja tem o poder de Cristo para distribuir indulgências e que estas são mui salutares ao povo cristão*.” Essa esdrúxula e lucrativa teoria é a fonte da crença popular de que a oração ou intercessão de uma pessoa boa pode ajudar um indivíduo mau. Ou seja, se acontece algo de bom a alguém perverso é porque sua mãe, que é uma santa, rezou e fez promessas para isso. E a lógica, a razão e o bom senso que se danem....(NT)

~ 13 ~

Zoroastrismo – Visão Geral

Israel está irremediavelmente preso ao seu vizinho Oriental em matéria de religião, o que pode ser facilmente comprovado tanto em alguns pontos de menor importância, como em outros de importância capital, tais como o dualismo, a angeologia[71] e a escatologia.

Isaias 40-48 é completamente similar ao Gatha 44:3-5, como foi mostrado por Morton Smith. Alem dos procedimentos comuns de questões retóricas, há a noção de um deus que criou o mundo, especialmente, a luz e a escuridão. A mesma idéia de um deus criador é comum a toda parte ocidental do mundo semita. Mas a noção que deus criou a luz e a escuridão aparece em ambos os profetas.

É verdade que Zoroastro associou a luz e a escuridão apenas para acordar e dormir e não existe nenhum texto Iraniano que diga que deus criou o bem e o mal. Apesar disso, a justaposição, em Isaias, da luz-escuridão com o bem-mal, é inegavelmente de origem iraniana.

Depois do exílio, a tradicional esperança em um rei-messias, oriundo da casa de David que reconduziria Israel a ser novamente uma nação independente, triunfando sobre todos os seus inimigos, deu lugar, gradualmente, a um conceito mais universal e mais moral.

A salvação de Israel ainda era essencial, mas deveria ocorrer num quadro de renovação geral; o surgimento de um salvador significaria o fim deste mundo e o nascimento de uma nova criação; seu julgamento de Israel se

---

[71] **angeologia** : a doutrina teológica dos anjos e seu estudo – anjos: seres puramente espirituais, servidores de Deus e mensageiros entre Ele e os homens cuja existência é uma crença que as religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo) adaptaram do Zoroastrismo – do grego angel=mensageiro (NT)

transformaria em um julgamento geral, classificando a humanidade em boa e má.

Este novo conceito, ao mesmo tempo universal e ético, lembra tão fortemente o Irã, que muitos estudiosos atribuem a ele a influência em Israel. John R Hinnels viu essa influência principalmente na derrota do demônio pelo salvador, na condução do homem ao cenário do julgamento, na ressurreição dos mortos e na administração do julgamento.

A ocasião em que os israelenses foram atingidos por essa influência, segundo Hinnells, pode ter sido nos contatos entre os judeus e os partos que se iniciaram entre 300 e 200 ac (7.700 e 7.800) e que atingiram seu clímax por volta de 100 ac (7.900).

Apesar de Pitágoras não ter sido aluno de Zoroastro, existem semelhanças notórias na doutrina do Irã com a da Grécia. A visão do mundo de Anaximandro[72] é a mesma do Avesta. Heráclito[73] parece que ficou impressionado em Efeso pelas práticas dos magos, bem como por sua teoria da natureza flamejante da alma. A isso se deve o surgimento, por volta de 500 ac (7.500) na Grécia, na crença do destino da alma no paraíso.

A pesquisa por raízes iranianas para o Gnosticismo[74] deve ser encarada sob nova perspectiva, se for aceita a recente tendência de que o Gnosticismo é realmente uma heresia[75] cristã.

---

[72] **Anaximandro**: [611-547 ac] (7.389- 7.453), filósofo, matemático e astrônomo grego. É considerado o descobridor do ângulo que forma o plano da eclíptica (o círculo máximo da trajetória anual aparente do Sol na esfera celeste, como se vê da Terra) e o do equador celeste. Sua contribuição mais relevante foi elaborar, em prosa, a primeira obra sobre o Cosmos e as origens da vida. Algumas vezes é mencionado como fundador da Cosmologia. (NT)

[73] **Heráclito**: [540-475 ac] (7.460-7.525), filósofo grego. Foi um dos iniciadores da metafísica. Defendia que o fogo era a origem primordial da matéria, o princípio que, através de condensação e rarefação, criava os fenômenos do mundo sensível. Afirmava que o mundo estava em mudanças constantes. Sua única obra conservada é “Da Natureza das Coisas”. (NT)

[74] **gnosticismo:** Sistema de filosofia religioso, cujos partidários diziam ter conhecimento completo e transcendental da natureza e dos atributos de deus. Segundo eles, o mundo em que vivemos foi emanado por um deus inefável, do qual nada se pode afirmar. O mundo foi habitado primeiramente por espíritos puros e depois veio a matéria, o princípio do mal. Daí, sua condenação absoluta da vida material (ref: **gnóstico** e **gnose**) (NT)

Os antigos gregos viam em Zoroastro o arquétipo[76] da visão dualista do mundo e do destino da humanidade. Acredita-se que Zoroastro tenha instruído Pitágoras na Babilônia e tenha inspirado as doutrinas dos caldeus em astrologia e magia.

Não há dúvidas de que o Zoroastrismo influenciou o judaísmo no seu desenvolvimento e o cristianismo na sua criação. Os cristãos, seguindo a tradição dos judeus, identificam Zoroastro com Ezequiel, Nimrod, Seth, Balaão, Baruch[77] e mesmo, através deste último, com o próprio Cristo.

Por outro lado, Zoroastro, como o provável responsável pela criação da astrologia e da magia, pode ser considerado o sumo herético. Em tempos mais recentes, o estudo do Zoroastrismo, é parte decisiva na reconstrução da religião e da estrutura social dos povos Indo Europeus.

Apesar do zoroastrismo nunca ter sido, mesmo no pensamento de seu fundador, agressivamente monoteísta, como, por exemplo, o judaísmo ou o islamismo, ele representa a original tentativa de unificar sob o culto de um deus supremo uma religião tão politeísta como a dos antigos gregos, latinos, indianos e outros povos antigos.

Seu outro aspecto importante, ou seja, o dualismo, nunca foi entendido de uma forma rigorosamente absoluta. O Bem e o Mal travam uma batalha desigual, na qual, antecipadamente, é assegurada a vitória do primeiro. Portanto, a onipotência de Deus, fica somente temporariamente limitada.

---

[75] **heresia:** interpretação, doutrina ou sistema teológico rejeitado como falso pela Igreja Católica. Os teólogos a definem como um erro voluntário e persistente que se opõe a um dogma da igreja católica - teoria, idéia, prática etc. que nega ou contraria a doutrina estabelecida (por um grupo) - ação, dito ou atitude que desrespeita a religião (NT)

[76] **arquétipo:** qualquer modelo, tipo, paradigma - modelo ou exemplar originário, de natureza transcendente, que funciona como essência e princípio explicativo para todos os objetos da realidade material (NT)

[77] **Ezequiel, Nimrod, Seth, Balaam, Baruch:** Ezequiel profeta israelense - foi um dos cativos deportados para a Babilônia em 597 ac (7.403) - a quem é atribuído a autoria do livro profético da Bíblia, chamado Ezequiel - **Nimrod**: figura mitológica da Bíblia, apresentado como um poderoso caçador abençoado por deus - **Seth**: deus egípcio – **Balaão**: profeta estrangeiro cultuado pelos judeus - **Baruch**: discípulo de Jeremias, escreveu um livro - que faz parte da Bíblia - para os cativos da babilônia. (NT)

O homem deve participar dessa luta, devido à sua capacidade de livre escolha. Assim, deve competir com seu corpo e alma e não contra o seu corpo, pois a oposição do bem contra o mal não possui a mesma essência que a do espírito contra a matéria.

Ao contrário das atitudes cristãs e maniqueístas, o jejum e o celibato são proibidos, a não ser como parte de rituais de purificação. Apesar disso, a luta do homem tem um aspecto negativo: ele deve se manter puro, ou seja, evitar a contaminação pelas forças da morte, entrar em contato com matéria morta, etc. Então, a ética zoroastriana, apesar de ser, em seu todo, nobre e racional, possui um aspecto ritual que está comprometido. Globalmente, o zoroastrismo é otimista e tem continuado assim, mesmo com os seus fiéis sendo submetidos à crueldade e opressão.

O zoroastrismo não é uma religião tão puramente ética, como se pode deduzir a princípio. Na prática, apesar de ser uma doutrina de livre escolha, um zoroastriano fica tão envolvido numa batalha meticulosa contra a contaminação da morte e os milhares de causas da degradação, contra a ameaça, até mesmo durante o sono, de demônios onipresentes, que, freqüentemente, não acredita que está levando uma vida livre e moral.

Alem dessa atitude, a crença no poder do destino constantemente culmina no fatalismo[78], que é facilmente associado ao Zurvanismo; algumas vezes contaminado pelo materialismo.

No Menok-i-khrat, relata-se a ele da seguinte forma: "*mesmo que alguém esteja armado com o valor e a força da sabedoria e do conhecimento, ainda assim não é possível lutar contra o destino*". No entanto, em seu aspecto global, conforme nota R C Zaehner, "*as premissas teológicas*" do zoroastrismo "*são baseadas em uma visão essencialmente moralística da vida*".

Já Mary Boyce, resume magistralmente a importância do primeiro profeta – e único original – a organizar uma crença, dentro do possível, de maneira lógica:

---

[78] **fatalismo:** doutrina segundo a qual os acontecimentos são fixados com antecedência pelo destino - atitude moral ou intelectual segundo a qual tudo acontece porque tem de acontecer, sem que nada possa modificar o rumo dos acontecimentos - atitude dos que acreditam nessas idéias (NT)

"Zoroastro foi, portanto, o primeiro a propagar as doutrinas de um julgamento individual, céu e inferno, a futura ressurreição do corpo, o último julgamento geral e a vida eterna para o corpo ressuscitado e a alma, novamente reunidos. Tais doutrinas se tornaram tópicos comuns de fé da maioria da humanidade, devido ao seu plágio pelo judaísmo, cristianismo e islamismo, apesar de, somente no próprio zoroastrismo, encontrarem sua integral coerência lógica."

Mary Boyce, *Zoroastrians: Their Religious Beliefs and Practices* (London: Routledge and Kegan Paul, 1979, p. 29)

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

-14-

Mitraísmo - Introdução

"Mithras, Deus da manhã, nossas trompas despertam até as muralhas! Roma está sobre as Nações, mas Vós estais acima de tudo!"
Rudyard Kipling - *"A Song to Mithras"*

No panteão[79] dos Vedas do Hinduismo, Mitra era um dos deuses da categoria de Adityas, ou princípios regentes do universo. Ele representava a amizade, integridade, harmonia e tudo que fosse importante para o sucesso da manutenção da ordem na existência humana. Costuma ser representado junto com o deus Varuna, o guardião da ordem cósmica, cujas atribuições são complementadas pelo guardião da ordem humana.

Era tido também como o espírito do dia, com características solares. Na mitologia Iraniana seu equivalente era Mithra, que eventualmente veio a ser venerado como o deus de um dos cultos mais misteriosos, o Mithraismo.

O Mithra, no Irã antes de Zoroastro, era o deus do sol, da justiça, dos contratos e da guerra. No império romano era conhecido como Mithras e entre 100 e 400 (8.100 e 8.400) era venerado como patrono da lealdade ao imperador. Depois que o imperador Constantino converteu-se ao cristianismo, no começo do século IV, o Mithraismo foi substituído por esta nova religião.

---

[79] **panteão:** Conjunto dos deuses de uma nação ou religião – templo romano dedicado a todos os deuses (NT)

Antes de Zoroastro os iranianos tinham uma religião politeísta e Mithra era o seu deus mais importante.

Primeiramente, era o deus dos contratos e obrigações mútuas. Numa tábua cuneiforme da época de 1.500 ac (6.500), que contém um tratado entre os Hititas e os Mitanis, Mithra é invocado como deus do juramento. Além disso, em alguns textos védicos indianos o deus Mitra (a forma indiana de Mithra) aparece como "amigo" e como "contrato". A palavra mitra pode ser traduzida dessas duas maneiras, porque contratos e obrigações mútuas fazem amigos. Em resumo, Mithra pode significar um tipo de comunicação entre os homens e qualquer fator que estabeleça boas relações entre eles.

Mithra também era chamado de Mediador. Era o deus do sol, da luz solar que banha tudo, assim como também era o deus do juramento. Os gregos e romanos também o consideravam o deus do sol. Era também o deus dos reis e o deus das obrigações mútuas entre os reis e seus soldados, desse

modo, era também o deus da guerra. Era também o deus da justiça, que era garantida pelo rei. Em qualquer parte que se cumprisse a justiça e os contratos, Mithra era venerado.

A mais importante cerimônia mithraica era o taurobolium[80]. Não se sabe se esta cerimônia apareceu antes ou depois de Zoroastro, que a criticou, fornecendo um indício que ela fazia parte de antigos ritos pagãos do Irã. Isso é reforçado por um texto indiano, no qual Mitra reluta em participar do sacrifício de um deus chamado Soma, que é representado freqüentemente por um touro branco ou pela lua.

Nos monumentos romanos, Mithra, contrariado, sacrifica o touro branco, que então é transformado na lua. Esses detalhes paralelos parecem que comprovam que o sacrifício era praticado antes de Zoroastro. Os contratos e os sacrifícios eram relacionados, uma vez que nos tempos antigos os tratados eram celebrados e sancionados com refeições comuns.

O episódio principal da mitologia Mithraica era a criação do mundo. Ela nos conta que o deus do sol enviou seu mensageiro, o devorador, até mithra e ordenou-lhe que sacrificasse o touro. Mithra, a contragosto, assim o fez – em vários relevos ele é mostrado virando a cabeça para o lado, em sinal de tristeza. Porém, no exato momento da morte do touro,

[80] **taurobolium**: sacrifício do touro (NT)

um grande milagre aconteceu. O touro branco foi transformado na lua, a capa de Mithra foi transformada na abóbada celeste, com os planetas brilhantes e as estrelas fixas; do rabo do touro e do seu sangue surgiram os primeiros grãos e as parreiras; dos seus órgãos genitais correu o sêmen sagrado que foi recolhido em um vaso. Toda criatura na terra foi formada através de uma mistura do sêmen sagrado. Assim começa um hino do rito de Mithra: *"Vós nos redimiste também pelo derramamento do sangue eterno..."*

Foram criadas também as plantas e as árvores. Os dias e noites começaram a alternar-se, a lua iniciou seus ciclos, as estações do ano estabeleceram sua dança dentro do ano e o tempo foi criado.

Porém, acordadas pela súbita luz, as criaturas das trevas emergiram para a terra. Uma serpente lambeu o sangue do touro e um escorpião tentou sugar o sêmen sagrado dos seus órgãos genitais. Nos relevos, freqüentemente também se vê um leão.

Com a morte do touro e a criação do mundo, a contenda entre o Bem e o Mal começa: esta é a condição para a existência da vida humana.
O devorador representa o ar; o leão, o fogo; a serpente, a terra e o vaso, a água. Desse modo os quatro elementos (ar, fogo, terra, água) passaram a existir e deles todas as coisas foram criadas.

Depois do sacrifício, Mithra e o deus do sol se banquetearam, comendo carne e pão e bebendo vinho. Então Mithra subiu na carruagem do deus do sol e foi com ele, cruzando o oceano, através do ar, para o fim do mundo.

Observe-se o sol atrás da cabeça de Mithras

Este mito foi recontado pelo Mithraismo Romano sob o ponto de vista da filosofia Platônica[81]. O sacrifício se dá numa caverna, uma imagem do mundo, como na caverna descrita por Platão na sua "República". O próprio Mithra é confundido com o criador (demiurgo[82]) de *Timæus*: "*ele é chamado demiurgo e pai de todas as coisas*", como o demiurgo de Platão. Os quatro elementos, o vaso, a criação do tempo e o ataque de animais perigosos sobre a criatura recém criada são temas bem conhecidos de *Timæus*.

A doutrina Mithraica da alma está intimamente ligada com o mito da criação e com a filosofia de Platão. Como em *Timæus*, a alma do homem desce dos céus. Ela atravessa as sete esferas dos planetas, enfrentando seus vícios (como os de Marte e os de Vênus) e é finalmente aprisionada pelo corpo. A missão do homem é libertar a parte divina (a alma) dos grilhões do corpo para que possa novamente subir através das sete esferas para a eternidade, o imutável reino das estrelas fixas. A ascensão aos céus foi representada pelo próprio Mithra, quando ele deixou a terra na carruagem do deus sol.

Os santuários de Mithra eram cavernas subterrâneas, que tinham óbvias limitações de tamanho. Nenhum dos santuários descobertos por escavações podiam receber mais que uma centena de pessoas, e a maioria, bem menos. Todas as cerimônias eram feitas sob luz artificial.

A caverna sempre tinha um poço. O acesso quase sempre era feito através de um sistema de passagens subterrâneas, que eram usadas nas cerimônias de iniciação.

Nesta religião de soldados, somente homens eram admitidos e, parece que, nunca existiu uma organização hierárquica.

Os neófitos[83] eram divididos em sete graus:

Corax – corvo
Nymphus – noivo
Miles – soldado
Leo – leão

[81] **platonismo**: filosofia platônica (de Platão) (NT)
[82] **demiurgo:** Criatura intermediária entre a natureza divina e a humana - Na filosofia platônica, o deus criador do universo, o organizador da matéria (NT)
[83] **neófito**: iniciante, calouro, aprendiz, pessoa que vai ser batizada (NT)

Perses – Persa
Heliodromus - mensageiro do sol
Pater – pai

A cada categoria correspondia uma determinada máscara (corvo, persa e leão) ou vestimenta (noivo). A promoção a cada grau significava a ascensão da alma após a morte. A série de sete iniciações parece que eram simbolizadas pela passagem através de sete portais e a subida de uma escadaria de sete degraus. Cada grau tinha como patrono um dos sete deuses planetários. O membro da seita que fosse aplicado, passava gradualmente das esferas dos deuses menores até conseguir finalmente, alcançar a região das estrelas fixas.

Pouco se sabe sobre as cerimônias de iniciação. Existem textos antigos que narram abluções (batismo[84]), purificações e castigos severos, para coibir e libertar, além de determinadas senhas cerimoniais. Afrescos em Cápua (Itália) mostram os neófitos vendados, ajoelhados e prostrados. Provavelmente das cerimônias constava a encenação de uma morte e ressurreição

As cavernas de Mithra eram decoradas com afrescos, relevos, estátuas de divindades menores e dos deuses planetários. Um corredor estreito era flanqueado em ambos os lados por largos e proeminentes assentos nos quais os fiéis podiam ajoelhar-se ou reclinar-se. Numa das extremidades do corredor sempre havia um afresco ou relevo representando o sacrifício do touro. Em alguns casos, o relevo podia ser girado para apresentar a parte de trás da pedra, que mostrava o banquete de Mithra e do deus do sol.

É certo que a cerimônia do sacrifício do touro raramente era praticada, enquanto que a comunhão[85] dos neófitos era sempre realizada nos cultos de Mithra.

Por mais de 300 anos os governantes do Império Romano adoraram o deus Mithras. Era conhecido através da Europa e Ásia pelos nomes de Mithra, Mitra, Meitros, Mihr, Mehr e Meher.

---

[84] **batismo**: Admissão solene no grêmio de uma religião ou seita, iniciação (NT)
[85] **comunhão**: ação de fazer alguma coisa em comum ou o efeito dessa ação - sintonia de sentimentos, de modo de pensar, agir ou sentir; identificação, união, ligação – sacramento da eucaristia no cristianismo (NT)

A veneração a esse deus começou há cerca de 4.000 anos na Pérsia, quando foi logo absorvido pelas doutrinas da Babilônia. A fé espalhou-se para o oriente através da Índia e China e chegou ao ocidente através de toda a extensão das fronteiras do Império Romano; da Escócia ao deserto do Saara e da Espanha ao Mar Negro. Foram encontrados locais de culto a Mithras na Inglaterra, Itália, Romênia, Alemanha, Hungria, Bulgária, Turquia, Pérsia (Irã), Armênia, Síria, Israel e no norte da África.

Em Roma descobriram-se mais de cem inscrições dedicadas a Mithras, 75 fragmentos de esculturas e uma série de templos Mitraicos situados em todas as partes da cidade. Um dos maiores templos de Mithras construídos na Itália ficava onde está localizada hoje a Igreja de S. Clemente, perto do Coliseu em Roma.

A enorme disseminação do apelo e popularidade do Mitraísmo, como a última e mais refinada forma de paganismo[86] pré-cristão, foi discutida pelo historiador grego Heródoto, pelo biógrafo Plutarco[87], pelo filósofo neoplatônico[88] Porfírio[89], pelo herético gnóstico Orígenes[90] e pelo patriarca cristão Jerônimo[91]. **As surpreendentes coincidências do mitraísmo com o cristianismo sempre chamaram a atenção de muitos historiadores.**

Mithras era adorado por seus seguidores como sendo "*a luz do mundo*", símbolo da verdade, justiça e lealdade. Era o mediador entre o céu e a terra e **membro de uma Santíssima Trindade**.

---

[86] **paganismo** - religião que não adota o batismo ou adota o politeísmo (NT)

[87] **Plutarco** [46-125] (8.046-8.125), biógrafo e ensaísta grego. (NT)

[88] **neoplatonismo** – Doutrina filosófica fundada por Amónio Sacas em Alexandria entre 200e 300 (8.200 e 8.300). Misturava idéias místicas com as de Platão. Principais representantes: Plotino, Porfírio e Jâmblico (NT)

[89] **Porfírio**: Filósofo grego [234-305] (8.234 – 8.305) famoso pela sua biografia do filósofo Plotino. Feroz adversário do cristianismo, escreveu "Contra os Cristãos", obra que foi queimada pela Igreja em 448. (NT)

[90] **Orígenes:** [185-254] (8.185- 8.254), professor, teólogo e célebre escritor cristão, nascido em Alexandria, Escritor fecundo, suas obras incluem cartas, tratados de teologia dogmática e prática, apologias, exegeses e críticas de textos. (NT)

[91] **Jerônimo:** [345-419] (8.345-8.419), erudito bíblico nascido na Dalmácia (atual Croácia e Eslovênia). Patriarca e doutor da Igreja cristã, sua obra mais importante foi a Vulgata. (NT)

De acordo com a mitologia Persa, Mithras nasceu de uma virgem que era chamada “*Mãe de Deus*”. O deus permaneceu solteiro por toda a sua vida, sendo valorizados entre seus adoradores os atributos de autocontrole, resistência e renúncia à sensualidade. Mithras representava um sistema de ética no qual era encorajada a irmandade para que se obtivesse a união contra as forças do mal.

Os fiéis de Mithras acreditavam piamente em um paraíso celestial e num inferno terrível. Acreditavam que os poderes bondosos de deus seriam ativados por seu sofrimento e lhes garantiriam a justiça final da imortalidade e a salvação eterna num mundo que estaria por vir. Esperavam por um dia do juízo final no qual os mortos iriam ressuscitar e num conflito final que destruiria a ordem existente de todas as coisas produzindo o triunfo da luz sobre a escuridão.

Mithras, o *sol invictus*

O fiel era obrigado a se purificar através de um batismo ritual, cuja cerimônia incluía também o consumo de pão e vinho, que simbolizavam o corpo e sangue do deus. Os domingos eram sagrados e o nascimento do deus era celebrado anualmente em 25 de dezembro. Depois de ter completado sua missão na terra, esse deus fez uma última ceia com seus companheiros, antes de ascender aos céus, para, dali, proteger para sempre seus fiéis.

No entanto, seria uma simplificação demasiada sugerir que o mitraísmo foi o único precursor do antigo cristianismo.

Juntamente com Cristo[92] e Mithras, havia inúmeros outros deuses (tais como Osíris, Tammuz, Adonis, Balder, Attis e Dionísio) que, segundo a tradição, haviam morrido e ressuscitado.

Muitos personagens heróicos clássicos, como Hércules, Perseu e Teseu, eram conhecidos como tendo nascidos através de uma união de uma mãe virgem e um pai divino.

Praticamente todas as práticas e festividades de religiões pagãs que não puderam ser suprimidas ou tornadas proibidas foram incorporadas aos rituais do cristianismo, à medida que ele se espalhava pelo mundo.

Finalmente, mais um detalhe: conta a tradição que Zoroastro somente começou a difundir suas idéias, depois dos 30 anos.....

یِنگهِ هاتم آئَت یِسنِه پَیتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا یائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا یَزَمَیدِه.

[92] **Cristo** - Do grego: khristos, latim: christu. Significa messias, ungido, rei, pessoa consagrada pela unção (NT)

- 15 -

As origens Persas do Mitraísmo

Para que se possa compreender totalmente a religião do Mitraísmo é necessário estudar sua fundação na Pérsia, onde, antigamente, eram adorados uma multidão de deuses. Entre esses estava ***Ahura-Mazda***, deus dos céus e ***Ahriman***, deus das trevas. Nos séculos VI e VII AC foi produzida uma grande reforma no panteão Persa por Zoroastro (Zaratustra), um profeta do reino da Bactria[93]. Ahura-Mazda foi elevado a deus supremo de todas as divindades, enquanto o deus Ahriman tornou-se a mais recente corporificação do mal.

Da mesma forma que Akenaton, Abraão, Heliógabalo[94] e mais tarde, Maomé[95], iniciaram religiões henoteísticas[96] a partir do culto de suas respectivas divindades, Zaratustra criou um dualismo henoteístico com os

---

[93] **Bactria** – território que atualmente corresponde ao Afeganistão, Paquistão e noroeste da Índia (NT)

[94] **Akenaton, Abraão, Heliogábalo:** Akenaton: Amenófis IV [1.377 ac] (6.623) faraó egípcio que adotou o monoteísmo, adotando o sol como deus supremo (aton) mudando seu nome para Akenaton – aquele que agrada aton, - Abraão, patriarca bíblico e, segundo o livro do Gênesis pai dos hebreus. Consta que viveu entre os anos 2.000 e 1.500 ac (6.000 e 6.500). Nasceu em Ur, na Suméria. Heliogábalo, imperador romano, que igualmente adotou o sol como deus supremo (NT)

[95] **Maomé:** [570-632] (8.570-8.632), principal profeta do Islã. As fontes sobre sua vida estão nos textos escritos, em árabe, por eruditos muçulmanos. Nasceu em Meca, cidade da Arábia ocidental. Tinha 40 anos quando vivenciou sua primeira experiência profética: em uma caverna do monte Hira, nos arredores de Meca, o arcanjo Gabriel ordenou-lhe “pregar” (iqra). Enquanto viveu, continuou a ter revelações, todas compiladas depois de sua morte, para a elaboração do Alcorão. Em 622 (8.622), o profeta foi obrigado a fugir de Meca para a localidade de Yatrib (Medina) Este acontecimento, conhecido como Hégira, foi o marco inicial do calendário muçulmano. (NT)

[96] **henoteísmo** - um termo cunhado por Max Muller, que significa crença e possível culto em múltiplos deuses, tendo um deles como supremo. Também chamado de monoteísmo incluso ou politeísmo monárquico. As comunidades que mantém uma relação exclusiva com uma divindade, entretanto, sem negar a existência de outros deuses são denominadas monolatrias. (NT)

deuses Ahura-Mazda e Ahriman. Uma das conseqüências da escravidão dos judeus pela Babilônia [587 ac] (7.403) e mais tarde sua libertação por Ciro, o Grande, da Pérsia [548] (7.462), foi que o dualismo de Zoroastro influenciou a crença dos judeus na existência de HaShatan, a adversário maligno do deus Yahweh, e mais tarde propiciou a evolução da dicotomia[97] cristã Satã-Jeová. O dualismo da religião persa tornou-se o alicerce de um sistema ético que dura até nossos dias.

A reforma de Zoroastro agrupou as centenas de divindades Persas, estruturando-as dentro de um sistema hierárquico complexo de "*Imortais*" e "*Reverenciados*", subordinados tanto a Ahura-Mazda quanto a Ahriman. Neste imenso panteão Mithras foi agraciado com o título de "*Juiz das Almas*", tornando-se a representação divina de Ahura-Mazda na terra e incumbido de proteger os justos das forças demoníacas de Ahriman. Mithras era considerado onisciente, não podia ser enganado, infalível, vigilante eterno e incansável.

A influência do profeta persa Zaratustra – conhecido pelos gregos como Zoroastro - nas religiões dos judeus e cristãos e em toda a civilização ocidental é muito pouco conhecida, mas não deve ser subestimada. Sua vida e idéias mudaram a natureza da civilização no ocidente, colocando-a num rumo que se iniciou nas culturas estáticas do antigo Oriente Médio. **Sem esse impacto, o judaísmo seria irreconhecível e o cristianismo, provavelmente, jamais teria existido**.

Principalmente, a civilização ocidental deve a Zaratustra o seu conceito fundamental de tempo linear, ao contrário do conceito cíclico e essencialmente estático das épocas antigas. Este conceito, que estava implícito em sua doutrina, tornou possíveis as noções de progresso, reforma e aperfeiçoamento.

Até aquela época as antigas civilizações, principalmente a egípcia, eram profundamente conservadoras. Acreditava-se que a ordem ideal tinha sido dada a elas pelos deuses em alguma época dourada mitológica. Sua função era se integrar às tradições estabelecidas o mais solidamente

[97] **dicotomia** - repartição de um conceito em dois outros, geralmente contrários e complementares, já que abarcam toda a extensão do primeiro - divisão em duas partes iguais - princípio que afirma a existência de dois elementos essenciais, o corpo e a alma, na constituição do ser humano (NT)

possível. Para que fossem reformadas ou modificadas de algum modo, era necessário desviar-se do ideal, desfigurando-o.

Zaratustra forneceu ao pensamento persa (e através dele, ao grego) uma dimensão teológica com uma finalidade e um objetivo a serem alcançados. "*Todas as pessoas,*" declarou ele, "*participavam duma batalha sobrenatural entre o bem e o mal, sendo a terra, assim como o próprio corpo do homem, os cenários dessa batalha*".

Esse dualismo essencial foi adotado pelos judeus, que, somente após o contato com o Zoroastrismo, incorporaram o demonismo e a crença em anjos em sua religião. Reformando seus ensinamentos, a serpente, que no conto do Gênesis não passava de uma cobra, ficou definitivamente associada ao demônio e a crença em possessões demoníacas, como demonstram os evangelhos[98], tornou-se uma obsessão cultural.

Zaratustra afirmava que tinha recebido uma revelação divina e tentou estabelecer o culto a um deus supremo (Ahura-Mazda) por volta de 700 ac (7.300), que, no entanto, depois de sua morte, foi ofuscado pelo antigo politeísmo Ariano. Todavia duraram, até a época atual, vários outros aspectos de sua teologia através das religiões que os absorveram.

No Avesta, o livro sagrado da religião de Zoroastro, atribui-se a Ahura-Mazda a criação de Mithras para que pudesse garantir a autoridade dos contratos e o cumprimento das promessas. Realmente, a palavra Mithras, em persa, significa "*contrato*". A tarefa divina de Mithras era assegurar a prosperidade geral através de relações contratuais benéficas entre os homens. Acreditava-se que um país seria azarado se um contrato fosse quebrado.

Acreditava-se que Ahura-Mazda tinha criado Mithras para ser tão grande e poderoso quanto ele mesmo. Ele deveria combater os espíritos do mal para proteger as criaturas de Ahura-Mazda e fazer Ahriman tremer. Mithras era considerado o protetor das almas justas contra os demônios, que procuravam arrastá-las para o inferno, e seu guia até o paraíso. Como senhor dos céus, era encarregado do esplendor psicológico, conduzindo ao paraíso a alma dos bons que morriam.

[98] **evangelho** – significa: Boa nova. Narração da vida de Jesus e sua doutrina – em inglês: gospel – palavra de deus (NT)

De acordo com tradições persas, **o deus Mithras foi encarnado em um salvador humano, esperado por Zaratustra. Mithras nasceu de *Anahita*, uma mãe virgem, imaculada, venerada antigamente, antes da reforma hierárquica, como deusa da fertilidade**. Acreditava-se que Anahita tinha concebido o salvador através do sêmen de Zaratustra preservado nas águas do lago Hamun, na província Persa de Sistan. Acredita-se que a **ascensão de Mithras** aos céus ocorreu no ano 208 ac (7.792), 64 anos após seu nascimento. Moedas Partas e documentos levam a datas diferentes dentro de um intervalo de 64 anos.[99]

Mithras era o "*Rei dos Reis*" extremamente reverenciado pela nobreza e monarcas, que o consideravam um padroeiro especial. Muitos nobres tomavam o seu nome fazendo uma composição com o de Mithras. Seu nome foi usado nas dinastias de Pontus, Parthia, Capadócia, Armênia e Commagene por imperadores com nome de Mithradates. Mithradates VI, rei de Pontus (norte da Turquia) que, de 120 ac (7.880) a 63 ac (7.937) ficou famoso por ser o primeiro monarca a praticar imunização através da ingestão de veneno em pequenas doses.

Os termos *mitridatismo* e *mitridato* (um elixir farmacológico) têm suas origens depois dele. Os príncipes partos da Armênia eram todos sacerdotes de Mithras, e todo um distrito daquele país era dedicado à mãe virgem Anahita. Muitos templos mitraicos foram construídos na Armênia, o que a transformou em um dos últimos baluartes do mitraísmo.

O maior santuário de Mithras do oriente próximo foi construído na Pérsia em Kangavar, dedicado a "*Anahita, a Mãe Virgem Imaculada do Senhor Mithras*". Outros templos mitraicos foram erguidos em Khuzestan e na parte central do Irã, perto da localidade hoje conhecida como Mahallat, onde, no templo de Khorheh ainda existem algumas colunas. Escavações em Nisa, mais tarde batizada de Mithradatkirt, puseram a descoberto mausoléus e capelas de Mithras. Santuários e mausoléus foram construídos na cidade de Hatra, na parte superior da Mesopotâmia. No oeste de Hatra, em Dura Europos, foram encontrados templos com estátuas de Mithras a cavalo.

[99] A data desse acontecimento – 208 ac (7.792) – mostra que o "salvador" nasceu por volta de 300 ac (7.700). Ou seja, três séculos antes de Cristo e três séculos depois do desaparecimento de Zaratustra. Ao contrário de Jesus, Ahura Mazda não batizou seu filho com um nome humano, ficando conhecido apenas como a encarnação do deus Mithras. (NT)

O mitraísmo Persa era mais um conjunto de tradições e rituais que uma doutrina estruturada. Todavia, quando os Babilônios adotaram dos persas os rituais e mitologia mitraicos, promoveram um profundo refinamento na sua teologia. Os sacerdotes babilônios associaram Ahura-Mazda ao deus Baal, Anahita à deusa Ishtar e Mithras a Shamash, seu deus de justiça, vitória e proteção (e ao deus do sol do qual o rei Hammurabi "recebeu" seu código de leis em 1.800 ac [6.200]).

Como resultado das associações solares e astronômicas dos babilônios, Mithras foi reverenciado, mais tarde, pelos adoradores Romanos como "*Sol Invictus*" ou ***sol invencível***. O próprio sol era considerado como "*o olho de Mithras*". A coroa Persa, da qual derivam todas as coroas da atualidade, foi projetada para representar o disco dourado do sol consagrado a Mithras.

Entre 600 e 500 ac (7.400 e 7.500), o judaísmo foi profundamente transformado pelo contato com o Zoroatrianismo - que era virtualmente a religião oficial da Babilônia naquela época - durante o cativeiro dos judeus na Babilônia.

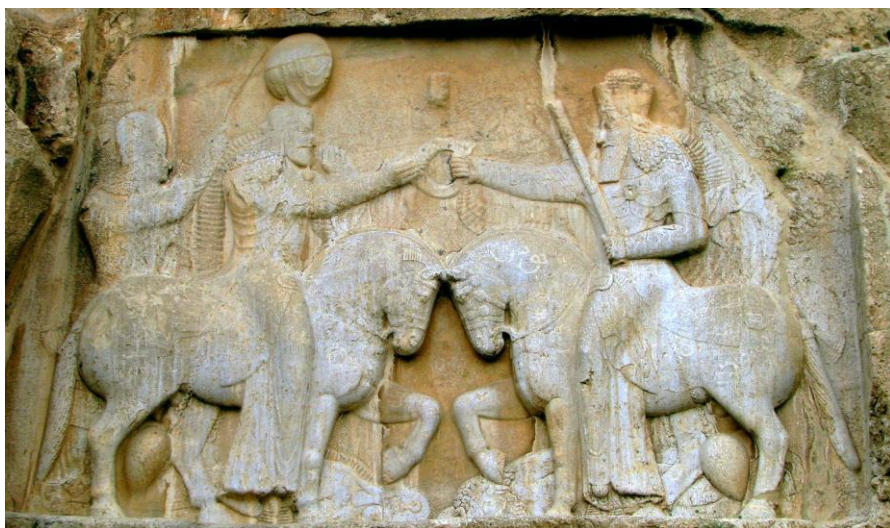
Até então a concepção da outra vida era imprecisa. Uma vaga existência no Sheol, o mundo inferior, terra dos mortos (não confundi-lo com o inferno) era tudo que eles podiam vislumbrar.

Porém, Zaratustra tinha assegurado a ressurreição corporal dos mortos, que iriam enfrentar o último julgamento (tanto individual como coletivo) para definir qual seria seu novo destino na próxima vida: o paraíso ou o tormento.

Daniel foi o primeiro profeta judeu a se referir à ressurreição, julgamento, recompensa ou castigo; e, sendo um conselheiro do rei Dario (citado erradamente como Meda), conhecia inteiramente a religião persa.

A nova doutrina da ressurreição não foi universalmente aceita pelos judeus e foi assunto de discórdia por séculos até sua recente aceitação. Os Evangelhos lembram que a disputa ainda durava, no tempo de Cristo, com os saduceus negando-a, e os fariseus, confirmando-a. Pode ser uma mera coincidência, mas observe a similaridade entre os nomes *Pharisee* e

Farsi ou *Parsee*, os persas de quem tinham tomado emprestado as doutrinas da ressurreição e julgamento.

A exposição ao Zoroastrismo também alterou substancialmente o messianismo judeu. Zaratustra profetizou a iminente volta do Salvador do Mundo (*Saoshyant*) que deveria nascer de uma virgem[100] e que comandaria a humanidade na batalha final contra o mal. O messianismo judeu enxertou esses conceitos nas suas antigas crenças em um rei filho de David que libertaria a nação Judéia da escravidão estrangeira.

Foi nessa época, como reação ao seu cativeiro, que começou no judaísmo a era da literatura apocalíptica,[101] baseada em modelos da Babilônia e

[100] Segundo o Avesta, a virgem concebe ao banhar-se no lago onde está depositado o sêmen do profeta (NT)

[101] **apocalíptica** – referente a apocalipse (do grego apokalúpsis: descobrir, descoberta; revelação): qualquer dos antigos escritos judaicos ou cristãos (particularmente o último livro canônico do Novo Testamento, atribuído a João) que pretende conter revelações, em particular sobre o fim do mundo, e apresentadas, quase sempre, sob a forma de visões. No caso do cristianismo é um Livro que tem por objetivo a revelação dos destinos da humanidade e o fim do mundo. Suposta revelação feito a João na ilha de Patmos, no reinado de Domiciano, onde se faz a predição da vitória definitiva do cristianismo, no final do mundo. Sua linguagem é cifrada e alegórica - Obra ou discurso obscuro, escatológico, aterrorizante - Revelação profética, relacionada a um cataclismo em que as forças do mal vencem as forças

tendo como padrões sua simbologia. Isso haveria de provocar uma poderosa influência no pensamento mais recente do cristianismo. Com as peças chave tais como *ressurreição, julgamento, recompensa ou castigo, salvador, apocalipse* e finalmente a *destruição das forças do mal*, pode-se concluir que a escatologia dos judeus e cristã é **zoroastrismo do princípio ao fim**.

Porém, as coincidências não ficam somente com a escatologia. Muitas tradições e ritos sacramentais[102] do cristianismo, particularmente do catolicismo, têm suas origens no zoroastrismo. Sua religião marcava as testas dos fiéis com cinzas, antes que se aproximassem do fogo sagrado, um gesto que foi copiado na tradição da Quarta-feira de cinzas. Um detalhe de sua purificação, antes de participar de um ritual, era a confissão dos pecados, divididos (como fazem os católicos) em pensamentos, palavras e obras.

Tinham também um ritual eucarístico[103], o ritual do Haoma, no qual o deus Haoma, ou somente a sua presença, era sacrificado numa planta. Os fiéis deveriam beber seu suco para obter uma eventual imortalidade.
Finalmente, os zoroastrianos celebravam o dia de todas as almas, demonstrando, como os católicos, uma crença na intercessão de/e para as almas.

Devemos ainda ressaltar que a história dos reis magos, a qual acredita-se, tenham visitado Jesus recém nascido, é similar a uma antiga história de reis magos que procuravam uma estrela que indicava o nascimento de um salvador, no caso, Mithras. Os magos não eram reis, mas sim astrólogos zoroastrianos.

O cristianismo também se apoderou propositadamente da data do aniversário de Mithras, em 25 de dezembro, para ser a de seu Cristo, cuja real data de nascimento é desconhecida e não documentada.

Outra apropriação realizada pelo cristianismo foi a da história da tentação no deserto, já que uma antiga lenda também conta que

---

do bem - Qualquer revelação prodigiosa, digna de nota; profecia - Grande cataclismo; fim do mundo (NT)

[102] **Sacramento** - Do latim antigo: juramento – Qualquer sinal sagrado significando a salvação oferecida por Cristo. (NT)

[103] **eucarístico** – do grego eukharistia: Ação de graças - Sacramento católico no qual se acredita na transformação do pão e vinho no corpo e sangue de Jesus (NT)

Zaratustra passou pela mesma situação. O mais importante demônio (Ahriman) prometeu a Zaratustra todo o poder na terra se ele abandonasse o culto ao deus supremo. Ahriman falhou, assim como satanás com Jesus.

Finalmente, um interessante paralelo são os três dias que Jesus passou na tumba. Esse trecho pode ter saído de uma crença zoroastriana de que a alma fica no corpo por três dias antes de partir. Três dias seria o tempo que a morte permitiria à alma continuar no corpo e este pudesse ser reanimado.

Como messias[104], Jesus se comportou exatamente dentro dos preceitos de Zoroastro. Enquanto estava dentro da linha de pensamento de David, ele só oferecia redenção aos pecadores em lugar de salvação global para os judeus. Ele era, antes de ser um messias judeu, um salvador mundial.

Os judeus não o reconheceram como sendo seu messias, e, em um sentido real, ele não o era mesmo. As esperanças messiânicas dos judeus, que não tinham influências estrangeiras, não foram concretizadas; muito pelo contrário: sua nação acabou sendo destruída. **Nem Jesus conseguiu uma vitória final sobre o mal. Isso ficou reservado para uma segunda vinda, acompanhada do julgamento final, as recompensas e castigos do paraíso e do inferno.**

Como uma divindade associada aos poderes de fonte de vida do sol, Mithras era conhecido como "*O Senhor das Grandes Pastagens*" a quem se creditava o crescimento exuberante das plantas. No tempo de Ciro e Dario, o Grande, os administradores da Pérsia recebiam os primeiros frutos da colheita de outono no festival de *Mehragan*. Nessa ocasião usavam suas melhores vestes e bebiam vinho. No calendário Persa, o sétimo mês e o décimo sexto dia da cada mês também eram dedicados a Mithras.

Os babilônios também incorporaram sua crença no destino através do culto mitraico de *Zurvan*, o deus persa do tempo infinito e pai dos deuses Ahura-Mazda e Ahriman. Também incluíram nos ritos do mitraísmo a astrologia, o uso do zodíaco e a consagração das quatro estações do ano.

---

[104] **Messias** – do hebraico:ungido. Nos livros sagrados dos judeus designa o redentor, o enviado especial que deveria salvar Israel e o mundo (NT)

> *"A astrologia, que se baseava em dogmas, certamente deveu uma parte de seu sucesso à propaganda mitraica, e o mitraísmo por sua vez é parcialmente responsável pelo triunfo no Ocidente desta pseudociência com sua interminável série de erros e superstições".*
> *Les Mystères de Mithra, p.125* - Franz Cumont

Os persas chamavam Mithras de "*O Mediador*" pois acreditavam que ele ficava entre a luz de Ahura-Mazda e a escuridão de Ahriman. Dizia-se que tinha mil olhos, para expressar a convicção de que nenhum homem poderia esconder um malfeito de deus.

Mithras era conhecido como o deus da Verdade e o senhor da Luz Celeste e por ter proclamado "*Eu sou a estrela que vos acompanha e que resplandece até o infinito*".

Mithras era associado com *Verethraghna*, o deus persa da vitória. Ele deveria lutar contra as forças do mal e destruí-las. Acreditava-se que oferecendo sacrifícios a Mithras se obteria poder e glória, tanto na vida como nas batalhas.

No Avesta, Yasht 10, lê-se que Mithras

> "*observa seus inimigos, completamente equipado com sua armadura, lança-se sobre eles, os dispersa e os massacra. Ele assola e arrasa os lares dos maus, aniquila as nações e tribos que são hostis a ele. Ele proporciona a vitória para aqueles que seguem o caminho do bem, que o honram e lhe oferecem sacrifícios*".

Mithras era cultuado como guardião das armas e padroeiro dos soldados e exércitos. O aperto de mão foi inventado por aqueles que o cultuavam como um sinal de amizade e um gesto para mostrar que se estava desarmado. Quando Mithras se tornou, mais tarde, o deus Romano dos contratos, o gesto de se apertar mãos foi levado para o Mediterrâneo e Europa pelos soldados romanos.

Na tradição Armênia, acreditava-se que Mithras se trancava em uma caverna da qual somente saía uma vez por ano, renascido. De acordo com Porfírio – o filósofo neoplatônico do terceiro século - os persas faziam a iniciação dos novos adeptos em cavernas naturais. Estes templos nas cavernas eram reproduções da caverna Mundial que Mithras tinha criado, de acordo com o mito persa da criação.

Como “*deus da verdade e integridade*”, Mithras era invocado em juramentos solenes para garantir a integridade dos contratos e punir os falsários.

Acreditava-se que mantinha a paz, sabedoria, honra, prosperidade e fazia reinar a harmonia entre todos os seus seguidores. De acordo com o Avesta, Mithras podia decidir quando diferentes períodos da história mundial estavam terminados. Ele seria o juiz das almas mortais na morte e, três vezes por dia, brandia sua clava sobre o inferno, de forma que os demônios não pudessem punir os pecadores com penas maiores do que merecessem.

Oferendas em sacrifícios de gado e pássaros eram feitos para Mithras, acompanhados de libações de *Haoma*. Antes de ousar aproximar-se de um altar para fazer oferendas a Mithras, os fiéis eram obrigados a se purificarem repetindo rituais de purificação e se autoflagelando. Esses hábitos foram transmitidos para as cerimônias de iniciação dos neófitos romanos.

یِنگهِ هاتم آئَت یِسنِه پَیتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا یائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا یَزَمَیدِه.

~ 16 ~

A Expansão da Fé

Com a rápida expansão do império persa, o culto a Mithras espalhou-se ao oriente pelo norte da Índia até as províncias mais ocidentais da China. Na mitologia chinesa, Mithras veio a ser conhecido como "*O Amigo*". A partir daí, Mithras foi representado em estátuas chinesas como um general militar; e é considerado como sendo um amigo do homem nesta vida e seu protetor contra o mal na próxima.

Na Índia, Mithras era considerado como "*Deus da Luz Celestial*" e um aliado de *Indra*, o rei dos céus. Mithras era freqüentemente invocado como *Varuna*, o deus hindu da lei moral e do discurso verdadeiro. Conhecido como uma combinação de "*Mitra-Varuna*" acreditava-se que, juntos, controlariam a ordem no mundo, transportando-se numa carruagem resplandecente e vivendo numa mansão dourada com mil colunas e mil portas. Mithras também era venerado nos hinos Védicos. Como no Avesta de Zoroastro, as escrituras hindus reconheciam Mithras como "*Deus da Luz*", "*Padroeiro da Verdade*" e "*Inimigo da Falsidade*".

O culto a Mithras também se estendeu ao ocidente, através da que é agora a Turquia, até às margens do mar Egeu. Foi encontrada uma dedicatória bilíngüe a Mithras, escrita em grego e aramaico, gravada numa rocha numa passagem, perto de Farasha, na província turca de Capadócia.

Mithras era também o único deus persa cujo nome foi conhecido na Grécia antiga. Uma caverna situada perto da cidade grega de Tetapezus foi dedicada a Mithras, antes de ser transformada em igreja. Apesar disso, o mitraísmo nunca converteu muita gente na Grécia ou nos países helênicos. Esse país nunca estendeu a mão da hospitalidade ao deus de seus antigos inimigos.

De acordo com o historiador grego Plutarco [46-125] (8.046-8.125) Mithras foi introduzido primeiramente na Itália pelos piratas da Cilícia (sudeste da Turquia) que ensinaram aos romanos os segredos da religião. Esses piratas realizavam estranhos sacrifícios no monte Olimpo, praticando rituais mitraicos, os quais, de acordo com Plutarco "*existem ainda hoje e foram ensinados por eles*". Todavia, naquela época, havia muitos cultos estrangeiros na Itália e esses antigos mitraicos não atraíram muita atenção.

Uma das grandes ironias da história é que os romanos acabaram por adorar o deus do seu principal inimigo político, os persas. O historiador romano Quintus Rufus relembra em seu livro "*A Historia de Alexandre*" que, antes de partir para a batalha contra o "*país anti-mitraico*" de Roma, os soldados persas oravam para Mithras pedindo a vitória. No entanto, depois que as duas civilizações inimigas estiveram em contato por mais de mil anos, o culto a Mithras terminou por espalhar-se dos persas, através dos Frígios (Turquia), até os romanos.

Os romanos consideravam a Pérsia como terra da sabedoria e mistério, e os ensinamentos religiosos persas atingiram aqueles romanos que achavam a religião estabelecida do estado sem inspiração - tal qual durante a era da Guerra Fria em 1960, quando muitos estudantes de universidades americanas rejeitaram os valores religiosos ocidentais procurando esclarecimentos na espiritualidade estabelecida dos "*paises inimigos*" comunistas da Ásia oriental.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

- 17 -

Míthras no Império Romano

"Suponhamos que na Europa moderna os fiéis tenham desertado das igrejas cristãs para cultuar Alá ou Brahma, para seguir os preceitos de Confúcio ou Buda, ou para adotar as máximas do Shinto; imaginemos a grande confusão com todas as raças do mundo na qual mulahs árabes, sábios chineses, bonzos japoneses, lamas tibetanos e pundits hindus estejam todos pregando o fatalismo e a predestinação, o culto aos ancestrais e devoção a soberanos tornados deuses, pessimismo e libertação através da aniquilação – uma confusão na qual todos esses sacerdotes erguem, em nossas cidades, templos com arquitetura exótica celebrando neles seus rituais particulares. Como em um sonho, que talvez se realize no futuro, esse é um quadro perfeito do caos religioso em que o mundo antigo estava se debatendo antes do reinado de Constantino."

The Oriental Religions in Roman Paganism - **Franz Cumont**

Numa época em que o cristianismo era apenas um entre uma dúzia de cultos orientais estrangeiros lutando para obter reconhecimento em Roma, o dualismo religioso e os ensinamentos morais dogmáticos do Mitraísmo, o destacava dentre as outras seitas, obtendo uma estabilidade nunca vista antes no paganismo romano.

Os primeiros fiéis romanos imaginavam-se guardiões da antiga sabedoria do extremo oriente e heróis invencíveis da fé, lutando sem cessar contra os poderes da corrupção. O mitraísmo rapidamente ganhou proeminência e estabeleceu-se como a mais importante religião pagã até o final do

século IV, espalhando através de cada província do império, por trezentos anos, o dualismo Zoroastriano.

Naqueles dias, era política imperial remover as tropas de seu país de origem, o mais rápido possível, para se evitar rebeliões locais. Um soldado romano que, depois de vários anos de serviço no seu país de origem, fosse promovido a centurião[105], era transferido para um país estrangeiro, onde assumiria uma nova guarnição. Desse modo, toda a corporação de centuriões de qualquer legião, constituía um microcosmo do império.

A imensa extensão de colônias romanas interligadas à Pérsia e o Mediterrâneo provocaram a difusão da religião Mitraica em todo o mundo romano.

O mitraísmo se tornou uma religião militar entre os romanos. Os incontáveis perigos a que estavam expostos os soldados romanos fizeram com que procurassem a proteção dos deuses dos seus companheiros estrangeiros para que pudessem obter sucesso nas batalhas ou uma vida

[105] **centurião** – comandante militar romano, líder de uma centúria (cem soldados) (NT)

feliz depois da morte. Os soldados adotaram a fé no mitraísmo devido a sua ênfase na vitória, poder e segurança no outro mundo.

Por todo império eram dedicados a Mithras templos e santuários. Em 67 (8.067), apareceu em Roma a primeira congregação de soldados devotados a Mithras, sob o comando do general Pompeu.

De 67 a 70 (8.067 a 8.070), a *Legio XV Apollinaris*, ou Décima Quinta Legião de Apolônio, participou da contenção da revolta dos judeus na Palestina. Depois de saquear e incendiar o segundo templo de Jerusalém e capturar a famosa Arca da Aliança, esta legião seguiu com o imperador Tito para Alexandria, onde incorporou novos recrutas da Capadócia (Turquia) para substituir as baixas sofridas nas suas campanhas vitoriosas.

Depois se dirigiram ao Danúbio com legionários veteranos e ofereceram sacrifícios a Mithras em uma gruta semicircular nos bancos do rio, a qual foi consagrada a ele.

Logo, o primeiro templo não era mais suficiente e um segundo foi construído, acrescentando-se um templo a Júpiter. Como um município desenvolveu-se ao redor do acampamento militar e as conversões ao mitraísmo continuaram a se multiplicar, um terceiro e muito maior templo de Mithras foi erguido no começo do século II. Mais tarde esse

templo foi ampliado por Diocleciano, imperador romano de 284 -305 (8.284-8.305), que dedicou novamente este santuário a Mithras, dando a ele o título de “*O Padroeiro do Império*”.
Cinco santuários de Mithras foram encontrados na Inglaterra, onde somente três legiões romanas ficaram aquarteladas. Foram descobertos vestígios em Londres, perto da catedral de S. Paulo, em Segontium, em Gales, e três encontrados nas imediações do Muro de Adriano, ao norte da Inglaterra. O mitraísmo também alcançou o norte da África, levado por recrutas romanos estrangeiros.

No século II, o culto a Mithras espalhou-se pela Alemanha através do poderoso exército que defendia este território. O maior número de santuários de Mithras no mundo ocidental foram descobertos na Alemanha.

Uma inscrição foi encontrada numa dedicatória a Mithras por um centurião, datando de antes de 148 (8.148). Um dos mais famosos baixos-

relevos Mitraico, mostrando doze cenas da vida do deus, foi descoberto em Neuenheim, na Alemanha em 1.838 (9.838).
Depois que o imperador romano Cômodo [180-192] (8.180 a 8.192) se converteu à religião mitraica, começou uma era de fortíssimo apoio ao mitraísmo, em que tomaram parte imperadores como Aureliano, Diocleciano e Juliano, que denominava Mithras "*o guia das almas*". Todos esses imperadores tomaram os títulos mitraicos de "*Pius*", "*Felix*", e "*Invictus*" ou seja, devoto, abençoado e invencível. A partir desse ponto, a autoridade romana foi legitimada pelo direito divino, em oposição à hereditariedade ou voto do senado.

A influência da babilônia no mitraísmo estabeleceu um henoteísmo solar na religião principal em Roma. Em 218 (8.218) o imperador romano Heliogabalo (que assumiu o trono aos 14 anos) tentou elevar seu deus, *Baal de Emesa*, ao posto de divindade suprema do império, subordinando a ele todo o antigo panteão. Devido a essa aspiração ao henoteismo solar, logo Heliogabalo foi assassinado, mas, meio século mais tarde, sua tentativa inspirou o imperador Aureliano a iniciar o culto ao ***Sol Invencível***.

Adorado em um sofisticado templo, a cada quatro anos, magníficas peças eram executadas em honra a essa divindade. O Sol Invencível foi também elevado ao posto supremo na hierarquia divina e tornou-se o padroeiro especial dos imperadores e do império. Muitos relevos mitraicos mostravam cenas de Mithras e o Sol compartilhando de um banquete numa mesa coberta com a pele de um touro. Logo depois o título de Sol Invencível foi transferido para Mithras.

Os imperadores romanos anunciaram formalmente sua aliança com o sol e ressaltaram sua semelhança com Mithras, deus de sua divina luz.

Mithras também foi unificado com o deus do sol Hélios, e tornou-se conhecido como "*O Grande Hélios-Mithras*".

O imperador Nero adotou a coroa com raios de sol simbolizando sua realeza exemplificada pelos raios de sol e para mostrar que ele era a encarnação de Mithras. Ele tinha sido convertido à religião mitraica pelos magos persas trazidos a Roma pelo rei da Armênia.

Os imperadores, dessa época em diante, proclamavam que eram destinados a reinar por terem nascidos com o divino poder criador do sol.

~ 18 ~

Os Rituais da Iniciação Mitraica

Assim que se alistava, o primeiro ato de um soldado romano era jurar obediência e devoção ao imperador. A principal virtude era lealdade absoluta à autoridade e aos companheiros de armas, e a religião mitraica tornou-se o veiculo mais eficaz para essa obediência fraternal.

Os fiéis de Mithras comparavam a prática de sua religião com o serviço militar. Todos os iniciados se consideravam filhos de um mesmo pai, tendo afeição fraterna uns com os outros.

Mithras era um deus casto e seus seguidores eram ensinados a preferir o celibato (uma qualidade conveniente a se manter entre os soldados). No império romano, o espírito de camaradagem, celibato, o amor ao próximo e caridade universal de Mithras foram assimilados pela crença cristã.

Todavia, os seguidores de Mithras não se deixavam cair em um misticismo contemplativo como os fiéis de outras seitas orientais. Sua moralidade encorajava particularmente a ação, e durante período de guerra e confusão, encontravam estímulo, conforto e apoio em seu credo.

Sua visão da guerra contra os romanos consistia em que resistir era uma façanha e ações imorais tornavam-se lícitas e tão valorizadas quanto a vitória em proezas militares gloriosas. Deveriam lutar contra os poderes do mal de acordo com os ideais do dualismo de Zoroastro, no qual a vida era concebida como uma batalha contra os espíritos do mal.

Fornecendo uma nova concepção do mundo, o mitraísmo deu novo sentido à vida, ao fazer seus seguidores acreditarem na vida depois da morte. O embate entre o bem e o mal foi extravasado para o outro mundo, onde Mithras garantia aos seus seguidores a proteção contra os poderes das trevas.

Acreditava-se que Mithras julgaria as almas dos mortos e conduziria os justos para regiões celestes de eterna luz, onde se situava o reino de Ahura-Mazda. **O mitraísmo trouxe a certeza de que ser fiel era recompensado com a imortalidade.**

O mitraísmo era um culto secreto arquétipo e uma sociedade secreta. Como os rituais de Demeter, Orfeu e Dionísios, os rituais mitraicos admitiam os candidatos através de cerimônias secretas, cujo significado somente era conhecido dos iniciados.

Como todos os outros rituais institucionalizados, do passado e do presente, o culto secreto permitia que se controlassem os iniciados e os mantivessem sob o comando dos seus líderes.

Antes da iniciação na congregação mitraica, o neófito tinha que provar sua coragem e devoção, nadando em um rio revolto, descendo uma montanha escarpada ou pulando sobre fogueiras com suas mãos atadas e olhos vendados. O iniciado também tinha que aprender a senha secreta mitraica, a qual usaria para se identificar diante dos outros membros e que teria de repetir freqüentemente como um mantra[106] pessoal.

[106] **mantra** - na cultura indiana, sílaba, palavra ou verso, pronunciados segundo prescrições ritualísticas e musicais, tendo em vista uma finalidade mágica ou o estabelecimento de um estado contemplativo (NT)

Os seguidores de Mithras acreditavam que a alma humana descia ao mundo pelo nascimento. O objetivo da sua busca religiosa era encontrar novamente o caminho de saída desse mundo, conseguindo passagem através de sete portais celestes, correspondendo aos sete graus de iniciação.

Alem disso, acreditava-se que conseguir atingir o nível mais alto da religião significava obter proteção para a alma numa jornada pelos céus. Essa promoção era obtida através de submissão à autoridade religiosa (prostração), abandono da antiga vida (despojamento) e libertação da escravidão através da aceitação dos mistérios.

O processo da iniciação mitraica obrigava uma escalada simbólica de uma escadaria cerimonial com sete degraus, cada um feito de um metal diferente, simbolizando os sete corpos celestiais conhecidos.

Subindo simbolicamente esta escadaria cerimonial por meio de diversas iniciações sucessivas, o neófito poderia atingir os sete níveis celestes.
Os sete graus do mitraísmo eram: *corax* (corvo), *nymphus* (noivo), *miles* (soldado), *leo* (leão), *Peres* (persa), *heliodromus* (atleta do sol) e *pater*

(pai); cada grau tendo respectivamente como padroeiro Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Lua, Sol e Saturno.

O primeiro nível da iniciação, o grau *corax*, simbolizava a morte do antigo ser, do qual renascia e cresceria um novo homem. Representava o fim de sua vida como infiel e cancelava suas antigas lealdades com outras crenças inaceitáveis.

O título de corax – corvo – era originário do costume do tempo de Zoroastro de colocar os mortos em torres fúnebres para serem devorados por aves de rapina, um costume ainda mantido nos dias de hoje pelos parsis da Índia, os descendentes dos seguidores persas de Zoroastro.

O segundo nível, *nymphus* (noivo), tinha como ritual o toque dos címbalos[107], dos tambores e o descobrimento da estátua de Mithras. O iniciado bebia vinho colocado nos címbalos identificando-o como fonte do êxtase ritual. Em seguida comia um pequeno pedaço de pão colocado sobre o tambor, significando sua crença em Mithras como provedor de seu alimento.

Este pão tinha sido exposto aos raios solares, assim, ao comê-lo, o iniciado estava compartilhando da divina essência do próprio sol. O iniciado oferecia ainda um pão e uma taça de água à estátua de Mithras.

Ao atingir o grau de *miles* (soldado) ofereciam ao iniciado uma coroa, que ele rejeitava dizendo “*Somente Mithras é minha coroa*”. Então com ferro em brasa se marcava na sua testa o símbolo do sol, para simbolizar que ele era de deus e renunciava o hábito social de usar uma grinalda. Daí por diante o neófito pertencia ao sagrado exército do “*Invencível Deus Mithras*”. Todos os laços familiares eram rompidos e somente os colegas de iniciação eram considerados irmãos.

Os religiosos usavam, sempre que possível, cavernas e grutas como templos ou, pelo menos, davam aos templos a aparência interna de cavernas ou de subterrâneos, construindo escadas desde a sua entrada.
Participavam de cerimônias fantasiados de animais, como corvos e leões, e acrescentavam temas em seus cantos rituais que eram desprovidos de

---

[107] **címbalo** – instrumento musical de percussão, tipo sino, prato ou cordas percussionadas (NT)

qualquer significado literal. Todos esses rituais que caracterizavam o mitraísmo romano originaram-se em antigas cerimônias pré-históricas.

Nesses rituais eram explicados a evolução do universo e o destino da humanidade. O serviço consistia, principalmente, em contemplação do simbolismo mitraico, através de orações proferidas de joelhos em bancos e cânticos de hinos tendo acompanhamento de flautas. Os hinos descreviam a viagem da carruagem de Mithras, puxada a cavalos, através dos céus. Os fiéis e seguidores de Mithras oravam "*Viva comigo em minha alma. Não me abandone até que eu possa ser iniciado e que o espírito santo possa respirar comigo*". Nos santuários de Mithras também eram realizados sacrifícios de animais, quase sempre aves.

A tarefa do sacerdote de Mithras era manter aceso no altar o perpétuo sagrado fogo, invocar o planeta do dia, oferecer sacrifícios pelos discípulos e presidir as iniciações.

Os sacerdotes mitraicos eram conhecidos como *Patres Sacrorum*, ou pais dos mistérios sagrados. Eles eram misticamente chamados pelos títulos de *Leo (Leão)* e *Hierocorax* (corvo sagrado) e dirigiam os festivais sacerdotais de *Leontica* (festival dos leões), *Coracica* (o festival dos corvos) e *Hierocoracica* (festival dos corvos sagrados)

O maior festival do calendário mitraico era realizado em 25 de dezembro e o décimo sexto dia de cada mês era consagrado a Mithras. O primeiro dia da semana era dedicado ao sol, para o qual eram feitas preces de manhã, à tarde e à noite. Os cultos eram aos domingos (dia do sol) quando se tocavam os sinos e se dedicavam preces a Mithras.

Em ocasiões especiais, quando os touros sagrados eram sacrificados, os soldados de Mithras participavam do sacramento do pão e vinho.

یِنگهِ هاتم آئَت یِسنِه پَیتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا یائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا یَزَمَیدِه.

-19-

O Taurobolium

O culto a Mithras era quase exclusivo de homens; a maioria das mulheres e filhas de adeptos de Mithras, participava do culto de *Magna Mater*, *Ma-Bellona*, *Anahita*, *Cybele* e *Ártemis*.

Essas religiões de deusas praticavam um ritual de regeneração conhecido como ***Taurobolium***, ou sacrifício do touro, no qual o sangue do animal sacrificado era vertido sobre o iniciado, que deveria estar deitado em uma cova e ficar completamente ensopado.

Como resultado da associação do mitraísmo com os praticantes desse rito, o Taurobolium logo se transformou em ritual próprio desse culto.

O batismo com sangue tornou-se uma renovação da alma humana em oposição à mera força física. O batismo mitraico lavava todos os pecados morais; trazia a pureza almejada para o espírito.

Deitar-se na cova era considerado como um enterro simbólico, do qual o iniciado deveria emergir renascido, purificado de todos os crimes e considerado como um igual a deus. Todos que fizessem isso através do Taurobolium eram reverenciados por sua irmandade e aceitos na congregação do mitraísmo.

> "*O Taurobolium tornou-se um meio de se obter uma nova e eterna vida; as abluções não mais eram atos externos e materiais, mas se acreditava que limpavam a alma de suas impurezas, restaurando sua inocência original; a ceia sagrada transmitia uma virtude íntima à alma e fornecia alento à vida espiritual*".
>
> *Les Mystères de Mithra* - **Franz Cumont**

O touro sempre foi exaltado através de toda a antiguidade por sua força e vigor. A mitologia grega fala do Minotauro, um monstro, metade homem, metade touro que, antes de ser morto pelo herói Teseu, vivia no labirinto embaixo de Creta e que, anualmente, em sacrifício, devorava seis jovens moços e seis donzelas.

Obras artísticas dos minoanos mostram acrobatas ágeis saltando bravamente sobre o dorso de touros. O altar em frente ao templo de Salomão em Jerusalém era adornado com chifres de touros, que se acreditava possuíam poderes mágicos.

O touro também era um dos quatro tetramorfos[108], os símbolos que mais tarde foram associados aos quatro evangelhos. A mística da força desse animal ainda sobrevive hoje nas touradas rituais da Espanha e México e nos rodeios de touros dos EUA.

O touro era uma óbvia representação da masculinidade, por seu tamanho, força e poder sexual. Simultaneamente, o touro simbolizava as forças lunares em virtude de seus chifres e as forças terrenas em virtude de sua firme postura na terra.

O sacrifício ritual do touro simbolizava a penetração do princípio feminino pelo masculino. A matança do touro representava a vitória da natureza espiritual sobre sua animalidade; um paralelo com as imagens simbólicas de *Marduk*[109] matando *Tiamat*[110], *Gilgamesh*[111] matando *Humbaba*[112], Miguel subjugando Satanás, S. Jorge matando o dragão, o centurião espetando o flanco de Jesus, o beamish boy de Lewis Carrol matando *Jabberwocky* e Sigourney Weaver matando o Alien.

De acordo com o mito do herói arquétipo contado nos rituais mitraicos romanos, Mithras, quando criança, fez uma aliança com o sol e partiu para matar o touro, o primeiro ser vivo que foi criado.

O touro estava pastando tranqüilamente quando Mithras o prendeu pelos chifres e o levou para uma caverna. O touro conseguiu escapar enquanto Mithras recebia instruções trazidas pelo corvo, mensageiro do sol, para fazer o sacrifício, mas foi logo recapturado.

Com ajuda de seu cão, Mithras conseguiu prender o touro e levá-lo novamente para a caverna. Prendeu-o então pelas narinas e o feriu profundamente nos flancos com sua adaga.

Logo que o touro morreu, o mundo apareceu e o tempo foi criado. Do corpo do animal sacrificado brotaram todas as ervas e plantas que

---

[108] **Tetramorfo**: refere-se ao Apocalipse de João (4, 6-9). Os teólogos cristãos, desde o começo, julgavam os quatro animais do apocalipse como sendo os quatro evangelistas. A figura humana significa o evangelista Mateus; o leão, o evangelista Marcos; o touro, o evangelista Lucas e a águia, o próprio João.(NT)
[109] **Marduk:** Deus supremo da Suméria (NT)
[110] **Tiamat**: deus dos oceanos na mitologia suméria (NT)
[111] **Gilgamesh**: O mais famoso herói da Mesopotâmia (NT)
[112] **Humbaba**: guardião divino de uma floresta de cedros (NT)

cobrem a terra. Da espinha dorsal do animal brotou o trigo para se produzir o pão e do sangue surgiu a uva para produzir o vinho. Ahriman tentou evitar, mas o derramamento do sangue do sacrifício trouxe grandes bênçãos ao mundo. A luta entre o bem e o mal que se iniciou neste momento durará até o fim dos tempos.

> "*Esta fábula engenhosa nos remete de volta aos primórdios da civilização. Ela nunca poderia consolidar-se exceto entre um povo de pastores e caçadores para quem o gado, fonte de toda a sua riqueza, tornou-se objeto de veneração religiosa*".
>
> *Les Mystères de Mithra* - **Franz Cumont**

Esculturas mitraicas representam o Taurobolium com persistência invariável. Mithras era sempre mostrado na caverna ajoelhado nas costas do touro, de adaga na mão, usando uma capa flutuante e um gorro frígio (touca arredondada e cônica).

Ele é mostrado puxando a cabeça do touro, pelas narinas, para trás e apunhalando-o, tendo o dorso do pé apoiado sobre a perna direita do touro. Um cão e uma serpente são mostrados saltando sobre a ferida do touro, representando o conflito dualístico entre o bem e o mal no momento da criação. Um escorpião é visto nos órgãos genitais do touro, representando o esforço do mal para destruir a vida na sua fonte. Ramos de cereais brotam da cauda do touro, representando a vitória do bem contra o mal.

Na celebração do equinócio de primavera, os sacerdotes frígios da Grande Mãe consideravam que o sangue derramado no Taurobolium possuía o poder redentor igual ao poder do sangue do cordeiro divino derramado na páscoa cristã. Afirmavam que o dramático ritual de purificação do taurobolium era mais eficaz que o batismo.

Os alimentos consumidos durante as festas místicas eram semelhantes ao pão e vinho da comunhão; a Mãe dos Deuses (Magna Mater) tinha mais adeptos que a Mãe de Deus (Maria), cujo filho também tinha ressuscitado.

Uma inscrição no santuário de Mithras sob a Igreja de Santa Prisca, em Roma, mostra Mithras salvando a humanidade pelo derramamento do sangue eterno do touro.

No local em que se realizou o último Taurobolium, no final do quarto século, no Frigianum, hoje se ergue a basílica de S. Pedro do Vaticano.

یِنگهِ هاتم آئَت یِسنِه پَیتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا یائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا یَزَمَیدِه.

-20-

O Declínio do Mitraísmo

> *"Se estudarmos mais profundamente a história religiosa do império, em nossa opinião, o triunfo da Igreja aparecerá cada vez mais como uma conseqüência de uma longa evolução de crenças. Podemos entender o cristianismo do quinto século com suas grandezas e fraquezas, suas exaltações espirituais e suas superstições pueris, se conhecermos os antecedentes morais do mundo que o desenvolveu".*
>
> *The Oriental Religions in Roman Paganism* - **Franz Cumont**

Como última religião pagã do Império Romano, o mitraísmo aplainou um grande caminho para o cristianismo, ao transferir os melhores elementos do paganismo para a nova religião.

Depois de Constantino, imperador entre 306–337 [8.306-8.337], convertido às vésperas da batalha em 312 (8.312), o cristianismo foi transformado em religião oficial do estado. Todos os imperadores que se seguiram a Constantino foram abertamente hostis ao mitraísmo. A religião foi perseguida com a desculpa de que era a religião dos Persas, os arquiinimigos dos romanos.

A falta de lógica com que o cristianismo catalogou o paganismo romano foi caracterizada pelo antigo escritor da igreja Tertuliano (160-220) [8.160-8.220] ao observar que a religião pagã utilizava o batismo assim como o pão e vinho consagrado por sacerdotes. Ele escreveu que o Mitraísmo era inspirado pelo demônio, que pretendia zombar dos sacramentos cristãos para conduzir os fiéis cristãos para o inferno, esquecendo-se de que o cristianismo apareceu seis séculos após o mitraísmo, apoderando-se de seus cultos e rituais.

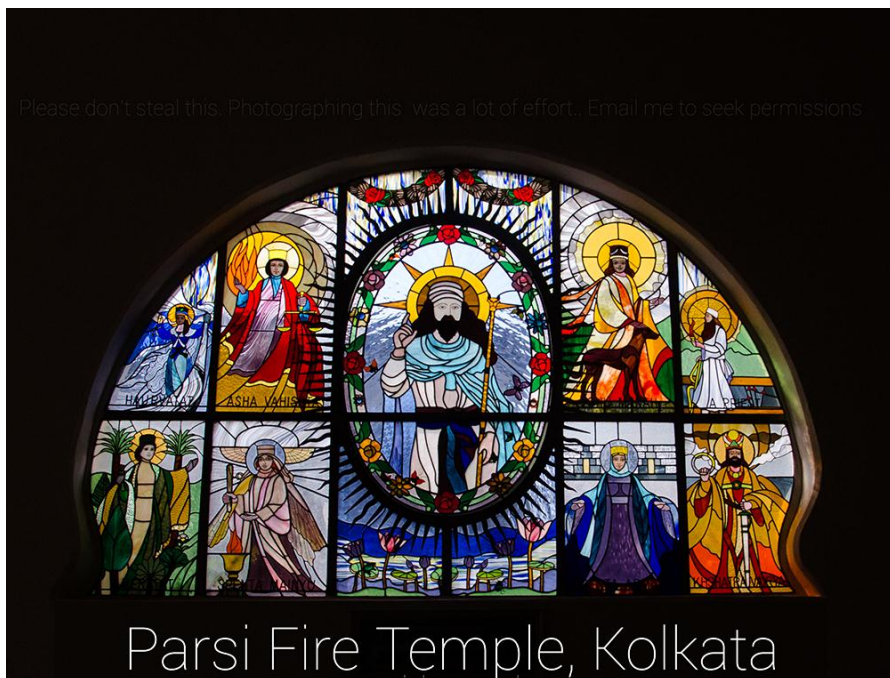
Apesar disso, o mitraísmo sobreviveu até o quinto século em regiões remotas dos Alpes, entre tribos tais como a dos Anauni, e conseguiu sobreviver no oriente próximo até os nossos dias.

Mithras ainda é venerado hoje pelos *parsis*, os descendentes dos zoroastrianos persas, que vivem principalmente na Índia.

Seus templos dedicados a Mithras são denominados agora '*da-i Mihr*' (A corte de Mithras). Um estudioso que vive entre os parsis em Karachi, Paquistão, relatou que uma mãe parsi, ao encontrar seu neto brigando com uma criança mais nova, admoestou-o lembrando que Mithras estava vendo aquilo e sabia de toda a verdade.

Depois da iniciação, os sacerdotes parsis recebem um "*Gurz*", a clava simbólica de Mithras, significando o dever do sacerdote de lutar contra o mal. Os sacerdotes continuam a realizar seus rituais mais sagrados sob a proteção de Mithras.

No Irã, mesmo depois de 1.979 (9.979), os feriados e costumes tradicionais ainda continuavam sendo observados. A celebração iraniana do Ano Novo, chamada "*Now-Ruz*" deve ser realizada na primavera e continuar por treze dias. Nessa ocasião Mehr (Mithras) era exaltado como um antigo deus do sol.

O festival ‘*Mihragan*’ em honra a Mithras, Juiz do Irã, também durava cinco dias, sendo comemorado com grande júbilo e espírito de profunda devoção.

Estas celebrações foram incentivadas sob o liberalismo cultural do estilo Ocidental da revolução do Xá de 1.963 (9.963), até que o fundamentalista islâmico do exilado Ayatollah Khomeini voltasse ao Irã em 1.979 (9.979) para impor regras de comportamento estritamente islâmicas a todos os iranianos.

Imediatamente, Khomeini reverteu o movimento de ocidentalização e proclamou o Irã uma república islâmica. Desse modo, todos os rituais mitraicos foram proibidos no país que já tinha se chamado Pérsia, o berço da religião de Mithras.

ਐਣਔਕਚਬਈਸਪਰਢ

-21 -

Maniqueísmo e Heresias Recentes

Aparecendo novamente na Europa medieval antiga, uma forma de mitraísmo sobreviveu por séculos após os éditos de Constantino. Mesmo depois de ser destronada pelo cristianismo, a fé em Mithras avivou-se em uma oposição digna através de uma transformação em heresia cristã conhecida como *maniqueísmo*, que veio a ser uma fonte de discórdia e de derramamento de sangue até a Idade Média.

Na Europa, o dualismo persa de Zaratustra enraizou tão fortemente seus princípios, que continuou a exercer influência muito tempo após a queda do império romano. A fé maniqueísta apareceu como uma herdeira do mitraísmo, espalhando-se durante décadas através dos territórios que antes lhe pertenciam na Ásia e por todo o Mediterrâneo, conquistando eventualmente regiões da China ao Norte da África, Espanha e sul da França.

Maniqueu (Manés, Manete ou Mani) nasceu em 216 (8.216) na Pérsia, cerca de 500 anos depois da encarnação de Mithras, e recebeu o título de "*O Profeta Máximo*" (um título dado depois a Maomé pelo Islamismo) Ele também foi chamado de *Bagh*, ou o senhor que sucederia Mithras.

Maniqueu pregava um sistema teológico dual dando ênfase na pureza do espírito e na impureza do corpo. Acreditava que o universo era controlado pela oposição de poderes do bem e do mal, que acabaram misturando-se temporariamente, mas no futuro seriam separados e retornariam cada um a seus domínios.

Para explicar o bem e o mal, atribuía à criação dois princípios:

- um, essencialmente bom, chamado deus, o espírito, a luz
- outro, essencialmente mau, chamado de demônio, a matéria, as trevas

Ao primeiro princípio chamou de *Príncipe da Luz* e ao segundo, *Príncipe do Mundo*, ou *Satã* ou *Matéria*. A humanidade foi criada pelo deus mau e só pode ser redimida pelo *Paracleto*[113], que é o próprio Manés. Os maniqueus eram divididos em duas classes: os *auditores* ou *neófitos* e os *perfeitos*. Eram regidos por doze apóstolos assistidos por 72 bispos. Qualquer doutrina baseada nesses dois princípios é chamada de maniqueísmo

A ética maniqueísta baseava-se em libertar a alma do corpo e de prazeres físicos e materiais. Seus seguidores tentavam conseguir essa separação mantendo existências ascéticas, pregando a renúncia ao mundo e condenando o casamento e a procriação.

Ironicamente, o maniqueísmo foi denunciado no ocidente pelo Papa como uma heresia perigosa, considerada prejudicial à vida social e instituições normais da humanidade. Foi também condenada na Pérsia pelas mesmas razões.

Maniqueu foi perseguido e finalmente executado, juntamente com muitos seguidores, em 276 (8.276). Apesar disso, o maniqueísmo se espalhou imensamente e tornou-se a maior religião do oriente até 1.500 (9.500).

No ocidente, desapareceu no entre 500 e 600 (8.500 e 8.600), mas depois, renasceu entre 1.000 e 1.100 (9.000 e 9.100), sendo fonte para criação de várias heresias antigas cristãs, como as seitas dos cátaros ou albigenses.

Os Albigenses eram uma seita herética cristã que se espalhou no sul da França por volta do ano 1.200 (9.200). Sua teologia baseava-se integralmente no dualismo de Maniqueu. A ordem dos Dominicanos foi fundada em 1.205 (9.205) exclusivamente para combater essa heresia.

---

[113] **paracleto** - Nome dado ao espírito santo – paráclito ou paraclito. (NT)

Depois do assassinato do embaixador papal no ano de 9.208, o papa Inocêncio III declarou guerra contra os Albigenses. Isso se transformou em um conflito político desencadeando uma guerra civil entre o norte e o sul da França, que durou até 1.229 (9.229).

Os Cavaleiros do Templário, uma ordem militar religiosa fundada pelos cruzados em Jerusalém em 1.118 (9.118), tomaram conhecimento das heresias do maniqueísmo, que desprezavam a cruz, considerando-a um instrumento de tortura de Cristo.

Parece que os Templários adotaram esse pensamento, mas foram extintos e acusados de blasfemadores em 1.312 (9.312), por praticarem atos homossexuais, cultuarem o demônio *Baphomet* e praticarem ritos onde se cuspiam nos crucifixos.

Até hoje, os Cavaleiros do Templário continuam sendo imitados por dúzias de seitas místicas e sociedades secretas, incluindo a Maçonaria, a Venerável Ordem do Grande Oriente e da famosa *Ordo Templi Orientallis*, reformulada por Alistair Crowley.

Nestorius (Nestor) nasceu por volta de 400 (8.400) em Germanícia (atual Maras, na Turquia) e morreu em Panopolis, Egito em 451 (8.451). Foi bispo cristão de Constantinopla (atual Istambul, Turquia) e fundador da seita dos Nestorianos, considerada pela igreja cristã como a maior heresia já surgida em todos os tempos. Nestorius afirmou que a pessoa de Jesus era composta por duas naturezas distintas e separadas: uma completamente humana e outra completamente divina, sendo contrário aos ensinamentos da igreja cristã defendendo que Jesus possui duas essências, uma divina e outra humana, que se mesclam formando uma só personalidade milagrosa e sagrada (*hipostase*).

Nestorius alegava que as personalidades divina e humana não se misturavam e estavam interligadas por um frágil elo moral, não tendo havido, pois a encarnação de um espírito santo em um homem, sendo Jesus apenas um homem santo inspirado por Deus. Negava pois a maternidade sagrada de Maria (*teotokos*), considerando-a não a mãe de um deus, mas apenas uma mulher que deu a luz a um homem.

As idéias de Nestorius obrigaram a igreja cristã convocar dois concílios, um, onde foi condenado e exilado (Eféso em 431 [8.431]) e outro, onde se reafirmou sua condenação (Calcedônia em 451 [8.451])

Os Nestorianos foram perseguidos e esmagados dentro do império romano (agora cristão) sendo obrigados a migrar para seu exterior, principalmente a Pérsia, onde o bispo Theodoro de Mopsuestia (Cilícia, na Turquia) em 486 (8.486), patriarca dos Nestorianos, conseguiu transformá-la na principal religião desse país.

Em 540 (8.540) sofreu uma intensa perseguição levada a cabo pelo patriarca Mar Aba I, que tinha se convertido ao Zoroastrismo. Em 545 (8.545) voltou a crescer sob o controle do patriarca Abraham de Kashkar, que fundou o mosteiro de Monte Izala perto de Nisibis.

Com a conquista da Pérsia pelos árabes [637] (8.637) o Califado reconheceu a igreja Nestoriana e a protegeu. Os patriarcas nestorianos tiveram grande influência na cultura árabe e por volta do ano 900 (8.900) a igreja nestoriana tinha atingido seu ponto culminante e se espalhado por toda a Ásia Ocidental, chegando até a China e a Sibéria.

Por volta de 1.300 (9.300) a Igreja Nestoriana foi virtualmente exterminada na Pérsia pelos turcos. As comunidades nestorianas sobreviventes localizaram-se em algumas poucas cidades no Iraque e no Kurdistão, próximo ao rio Tigre, entre a Turquia e a Pérsia.

Atualmente eles são representados pela Igreja do Oriente ou Igreja Persa, conhecida no oriente como Igreja Assíria ou Nestoriana. Seus membros, que chegam à casa de 200.000, vivem no Iraque, Síria e Irã.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

-22 -

Saul de Tarso e o Sangue de Cristo

O homem conhecido como Paulo, também chamado de décimo terceiro apóstolo, tinha como nome verdadeiro Saul. Até os trinta anos de idade[114], Saul era um fervoroso crítico do novo culto de judeus rebeldes que seguiam os ensinamentos do fanático Yeshua, que conhecemos agora como Jesus. Mais tarde Saul tornou-se o primeiro evangelista.

A posição anticristã de Saul mudou repentinamente quando na estrada para Damasco ele teve uma alucinação. A Bíblia diz que ele perdeu a visão por três dias[115] e quando a recuperou estava convertido.

Em Damasco, Saul começou a pregar, mas os moradores de lá o expulsaram da cidade. Então foi para Jerusalém e tentou pregar ali, mas os seguidores de Jesus também não lhe deram crédito e o ameaçaram. Assim, teve que fugir para sua cidade, Tarso, na Cilícia, também conhecida como Cesaréa.

Tarso, ao norte do Mediterrâneo, onde é agora a Turquia, era um porto movimentado, já com 2 mil anos, quando lá chegou Saul, por volta do ano de 40 (8.040). Essa cidade enorme e cosmopolita era uma mistura de várias culturas e a antiga religião do deus Mithras era a principal entre seus cidadãos. Nela abundavam santuários e imagens de Mithras indo até ao oeste do rio Danúbio.

---

[114] 30 anos: Mais uma vez a referência plagiada dos 30 anos de Zoroastro. Este começou a pregar aos 30 anos; Jesus e Paulo idem. Este artifício é usado como economizador de tempo e trabalho, pois assim não é necessário inventar também a história da época da juventude do indivíduo. Além disso, é uma idade que deixa transparecer que a pessoa é adulta e suficientemente vivida para saber o que está fazendo e ter um passado que lhe possa servir de currículo para que seja escolhida por deus para receber a “revelação”. (NT)

[115] Três dias: Outra referência plagiada do Zoroastrismo: os três dias que a alma precisa para deixar o corpo do falecido (NT)

Saul aparentemente pregava que Jesus retornaria **ainda enquanto ele estivesse vivo**. Assim afirmava que era necessário converter o máximo possível de pessoas. Era um orador poderoso, carismático e um evangelista eficiente.

O sacrifício e a ressurreição eram temas comuns entre incontáveis sistemas religiosos, copiados pelos primitivos humanos dos ciclos da natureza. Seus conceitos religiosos eram quase sempre baseados em temas como morte, ressurreição e transformação. Saul (agora Paulo) achou melhor, sem dúvida alguma, converter os habitantes de Tarso mesclando a história de Jesus com suas próprias crenças (as deles) tornando-a mais palatável para eles.

Assim formaram-se as "*doutrinas Paulistas*" que moldaram o cristianismo da maneira que o conhecemos hoje, ou seja, *o amor de deus o levou a sacrificar seu único filho para que, dessa forma, fossem perdoados nossos pecados, lavados no sangue do salvador, e a comunhão do corpo e sangue de deus, etc...*

Usando o tema do sangue e do sacrifício, Paulo elevou o mitraismo em um degrau, passando do sacrifício de um animal para o de um homem/deus, uma idéia poderosa e convincente. Uma idéia, que, apesar disso, era diferente daquilo que Jesus ensinava, pois Paulo era um psicodélico[116], influenciado pelo budismo, identificado com o xamanismo[117], deus e a eternidade.

Com esta nova mudança na idéia da ressurreição, Paulo conseguiu converter uma multidão de pessoas, encontrando um campo fértil nas cidades romanas que estavam repletas de refugiados de guerras de paises vítimas das conquistas romanas.

---

[116] **Psicodélico** - que produz efeitos alucinógenos - relativo a esse efeito - diz-se da produção intelectual elaborada sob o efeito de um alucinógeno – No caso o autor refere-se a Saul como um indivíduo que produzia seu trabalho sob efeito de alucinógenos. (NT)

[117] **Xamanismo** – relativo a xamã ou xaman (inglês: shaman) - em todas as sociedades humanas que apresentam formas de ritualismo mágico-religioso, indivíduo escolhido pela comunidade para a função sacerdotal, freqüentemente em decorrência de comportamentos incomuns ou propensão a transes místicos, e ao qual se atribui o dom de invocar, controlar ou incorporar espíritos, que favoreceriam os seus poderes de exorcismo, adivinhação, cura ou magia - esconjurador, exorcista - feiticeiro – Deus dos viajantes e mercadores na mitologia maya. (NT)

Até a época de Paulo, qualquer um que quisesse juntar-se ao culto judeu de Jesus, tinha que, primeiro, converter-se ao judaísmo. Paulo rompeu com as tradições do judaísmo e abriu a sua religião aos não judeus e aos gentios não circuncidados[118]. Essa foi uma ação radical e importante, que permitiu um fantástico incremento nas conversões.

Quando a Bíblia foi compilada, o antigo Pentateuco[119] judeu e os livros que o acompanhavam foram chamados de "*Antigo Testamento*" e os novos livros, incluindo as epístolas[120] de Paulo e as instruções elementares tornaram-se o "*Novo Testamento*".

A inserção do mitraismo dentro do cristianismo fica demonstrada pela epístola de Paulo aos hebreus, cap 9, versc. 13 e 14: "*Pois, se sangue de touros e bodes e as cinzas de uma vitela purificam um impuro, santificando a pureza da carne, quanto mais fará o sangue de Cristo, que através do espírito eterno ofereceu-se imaculado a deus, limpando sua consciência dos efeitos da morte para servir o deus que vive?*". Isso quer dizer "*Se o sangue de bodes lhe dará alguma energia espiritual, então o sangue do messias lhe dará muito mais*". Paulo está argumentando baseado nos sacrifícios pagãos, tentando atingir o povo em seus sistemas individuais de crença.

Mas, se alguém acredita na segunda parte desse discurso, é obrigado também a crer na primeira; deve-se acreditar que o sangue é uma ferramenta eficaz, adequado a servir como resgate e que alguns sacrifícios dão melhores resultados que outros para os "deuses" do mistério. Os cristãos atuais não gostam de admitir isso, ou mesmo admitir alguma conexão entre tais ideologias.

[118] **circuncidados** – de circuncisão: retirada cirúrgica do prepúcio, praticada por razões higiênicas e/ou religiosas - cerimônia em que se pratica tal ato ritualmente como sinal de inclusão na comunidade judaica - entre certos povos primitivos, ablação do clitóris e dos pequenos lábios da vulva das meninas (NT)

[119] **pentateuco** – Os cinco primeiros livros da Bíblia cristã: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio (NT)

[120] **epístola** - cada uma das cartas ou lições dos apóstolos, dirigidas às primeiras comunidades cristãs e inseridas no Novo Testamento - carta, missiva, correspondência - carta de um autor antigo ou correspondência entre autores célebres - composição poética em verso ou prosa de temática variada, composta em feitio de carta (NT)

Na verdade, a idéia de se cortar a garganta de um cordeiro os deixa horrorizados; é vista como um covarde ato pagão; não como realmente o é, ou seja, a raiz de sua religião. A propaganda da Igreja informa que a idéia central, do resgate pelo sangue, foi minimizado pela crucificação de Jesus, que se transformou num ato menos confuso e mais profundo. Talvez seja correto, mas continua sendo a mesma receita bárbara e pagã.

(Detalhe. Sim, os judeus *eram* o alvo pretendido com as epístolas aos Hebreus. Ele estava tentando convertê-los. Hebreus 9 mostra claramente o pensamento de Paulo em um determinado ponto e num especifico publico alvo. E, sim, sacrifícios *diários* no templo de Jerusalém produziam rios de sangue que eram descartados através de enormes canais escondidos, cavados no piso de rocha em volta do altar. *Centenas* de cordeiros, bois, bodes e aves eram mortos *diariamente* para apaziguar o deus Judeu).

> *"Para os primeiros cristãos, Jesus tinha atributos humanos e divinos - atribuídos depois de sua ressurreição. Para Paulo, Cristo era divino, mesmo antes do seu nascimento".*
>
> *Para os primeiros cristãos, Jesus tinha sido o filho de deus. Para Paulo, Cristo era semelhante e consubstancial com deus.*
>
> *O pensamento de Paulo estava dominado pelo conceito do pecado original. De acordo com ele, o homem estava contaminado por este conceito e somente poderia ser redimido dessa falha através de Cristo. Paulo era de estatura frágil, com pernas arqueadas, cego de um olho e, provavelmente, tinha alguma deformidade física. Teve vários ataques de malária, tinha freqüentes alucinações e muitos estudiosos acreditam que também tinha ataques epilépticos. Era celibatário e aconselhava o celibato a todos".*
>
> "*Jews, God and History*" - **Max I. Dimont**

O cristianismo é uma doutrina "*paulista*"; muito diferente dos ensinamentos de *Yeshua* – Jesus. Foi assim que o "*Cristianismo Judaico*" transformou-se em "*Cristianismo Helenístico*" e onde, finalmente, as duas religiões separaram-se completamente.

Paulo de Tarso foi perseguido, por Romanos e judeus, pois o culto cristão era encarado pela maioria do povo como uma aberração.

No incêndio de Roma, por volta de 64 (8.064), espalharam-se rumores de que o imperador decadente Nero tinha sido o responsável, fazendo isso para limpar o terreno e erguer um novo palácio. Diante de uma população furiosa, ele acusou os cristãos, multiplicando exponencialmente a raiva do povo contra eles. Para satisfazer a multidão, mandou centenas de cristãos para serem despedaçados pelos leões e queimados vivos.

Apesar da Bíblia não ser clara quanto à sua morte, a maioria dos estudiosos concorda que Paulo foi executado pelos romanos nessa época. Trezentos anos depois, o cristianismo se tornaria a religião oficial de um esfacelado império romano.

O Cristianismo é Paulismo

(Nota do Tradutor)

Qualquer estudioso do início do cristianismo – logicamente, utilizando as centenas de outras fontes existentes, além da Bíblia – facilmente chegará às mesmas conclusões que as apresentadas nos livros referenciados aqui.

Ao se guiar pela versão da Igreja católica e dos cristãos em geral, teremos uma versão na qual se pode esclarecer algumas particularidades. Porém, existem fontes que além de negarem a história oficial de Saul, também o colocam como oponente ao cristianismo histórico.

Gerald Massey foi um dos principais pesquisadores – e levou nisso a vida inteira – da veracidade das histórias de Jesus e do cristianismo, chegando a conclusão de que existe um Jesus e um cristianismo históricos e um Jesus e um cristianismo mítico (ou fantasioso e mentiroso) que são totalmente diferentes. (ver "***O Jesus histórico e o Cristo Mítico***" que publicamos no blog)

O que se segue é parte da mitologia sobre Saul.

A grande verdade é que Paulo - um aleijão feio e disforme, contando somente com as qualidades de inteligência e boa oratória – devido às suas deformações físicas, era também um alienado psicológico, sendo recalcado, revoltado e sofrendo complexo de rejeição.

Pessoas desse tipo, geralmente fazem TUDO para se afirmarem e serem aceitas pela sociedade, e Paulo, que criticava a seita do judeu Jesus, notou que apareceria muito mais e ganharia fama se passasse da crítica ao apoio.

Assim inventa a história de ter ouvido uma voz do céu – "*Saulo, Saulo, por que me persegues?*"- e de ter ficado cego por 3 dias. (Note-se a recorrência dos tais três dias, herança do mitraísmo). Essa é a história que ele próprio divulgou, pois é a única explicação plausível para sua conversão. Claro que o esperto não poderia contar os verdadeiros motivos que o levaram a trocar de lado.

Desse modo, inicia a tarefa de angariar adeptos, no que, como se sabe, não teve êxito. A razão de sua falha, que, após algum tempo, ele mesmo descobriu, é que a seita de Jesus era uma entre várias que apareciam e desapareciam na Judéia.

Jesus, um sujeito aproveitador, amante da boa vida e da boa comida, avesso ao trabalho, (cf. Celsus -*"A Doutrina Verdadeira – Um Discurso contra os Cristãos*") viu uma grande oportunidade de manter essa boa vida sendo o mentor de uma seita, que, a exemplo de outras, apoiava-se no messianismo judeu - uma baboseira copiada do mitraísmo - que até hoje perdura. Dizendo ser o próprio messias - fazendo "milagres" - conseguiu que um pequeno grupo de ignorantes lhe desse crédito e o seguisse.

Esse pequeno e inexpressivo grupo, fatalmente desapareceria se os sacerdotes judeus não tivessem cometido o erro de executar Jesus. De fato, seu grupo era tão pouco conhecido que precisou haver uma traição e o traidor indicar quem era Jesus, para que fosse aprisionado.

A história de Jesus, contada pelos judeus, é bem diferente e se passa cerca de 100 antes da data que o cristianismo hoje divulga. No compêndio de contos ***Tol'doth Yeshu***, baseados em tradições do talmud e midrash, Jesus é descrito como alguém que aprendeu encantamentos

no Egito e retornou a Jerusalém onde "desencaminhou Israel" pela sua obra. Essa história de Jesus está disponível na Internet.

Paulo percebeu a tendência ao desaparecimento dessa nova seita e sentiu na pele a rejeição da maioria das pessoas, tanto na Judéia quanto na Cilícia. Os judeus a rejeitavam, pois nada de novo trazia, era o mesmo judaísmo de sempre, com a diferença que seu messias havia morrido.

Os habitantes dos outros locais eram adeptos do mitraísmo, uma religião com vários séculos de existência, tão ou mais antiga que o judaísmo, e não pretendiam abandoná-la facilmente. Desse modo introduziu as modificações acima mencionadas e, principalmente, usou a morte de Jesus como um substituto à morte dos animais em sacrifícios.

Assim, plagiando descaradamente a história de Mithras, colocou Jesus em seu lugar e conseguiu o que pretendia: tornou-se o maior sacerdote dessa nova religião, ganhou fama e respeito e as conversões aumentaram sem cessar.

Visto essa história carregada de mitos, recorramos novamente a Massey em seu "***Paulo o Oponente Gnóstico de Pedro***"[121], onde o mesmo nos afirma que Paulo era totalmente contrário ao cristianismo histórico e não apóstolo dessa fé.

Vejamos Massey:

> "Os nossos Evangelhos canônicos são míticos em sua imensa parte e a Gnose do Antigo Egito foi levada para outras terras pela passagem subterrânea dos Mistérios, para surgir finalmente como a lenda literal do Cristianismo histórico.
>
> A certeza de que o Cristo mítico foi criado no Egito é tão real quanto os tipos míticos de Cristo nas pedras gnósticas e nas Catacumbas de Roma!
>
> Hoje temos que encarar um problema que é um dos mais difíceis, que é entender as incongruências das epístolas de

[121] Ver "***Natural Genesis***" e "***Ancient Egypt, the Light of the World***" – Massey, Gerald

Paulo e provar que Paulo foi o oponente e não o apóstolo do cristianismo histórico.

Todos os estudiosos sérios do assunto sabem muito bem que havia uma fenda entre o pregador Paulo e os outros fundadores do cristianismo, a quem ele primeiro os encontrou em Jerusalém - ou seja, Cefas (ou Pedro), Tiago e João. Ele não deu muita atenção a eles pessoalmente, mas zombou um pouco deles por suas pretensões de serem Pilares da Igreja. Desde o início, aqueles homens não tinham nada em comum com ele, e nunca o perdoaram por sua independência e oposição.

Também é mais ou menos claro que duas vozes são ouvidas em contraste nas Epístolas de Paulo, confundindo o leitor. São doutrinas diferentes, tão fundamentalmente opostas e irreconciliáveis; e essa duplicidade de doutrina faz Paulo, que é personalidade única e distinta do "Novo Testamento", parecer o maior dupla face dos homens; com duas línguas como a serpente.

As duas doutrinas são as do Cristo gnóstico ou espiritual e o Jesus histórico. Ambos não podem ser verdadeiros para Paulo; e no meu entender é que ambas as vozes não são criação dele pessoalmente.

Sabemos que Paulo e os outros Apóstolos não pregaram o mesmo evangelho; e meu propósito é provar que eles não apoiaram ou celebraram o mesmo Cristo. Minha tese é que Paulo não era defensor do sistema conhecido como Cristianismo histórico, que era fundamentado em uma crença no Cristo de carne, no pressuposto de que o Cristo era um homem comum; mas sim que ele era um incansável e visceral oponente dele durante toda sua vida; e que, depois da sua morte, seus escritos foram adulterados, interpolados e re-doutrinados por seus antigos inimigos, forjadores e falsificadores, que inciaram a tecer a teia do Papado em Roma.

O feito supremo, realizado em segredo pelos dirigentes dos Mistérios em Roma, foi a conversão das epístolas de Paulo no principal apoio do cristianismo histórico! Isso foi o resultado

> dessa impostura total. Na sua vida, ele lutou com unhas e dentes, contra os homens que fundaram a fé do Cristo carnalizado, condenando eternamente todos os descrentes; e depois da sua morte eles criaram a Igreja dos Sarkolatræ (adoradores do Cristo carnalizado) em cima de seu túmulo e durante dezoito séculos, com um mandado forjado, o reivindicaram como sendo o primeiro e mais importante de seus fundadores. Eles habilmente amaldiçoaram o curso do rio natural que surgia de sua própria fonte independente nas Epístolas de Paulo, e transformaram suas águas em seu próprio canal artificial, para que a força viva de Paulo fosse utilizada para manter flutando a barca de Pedro"

Assim é a introdução do trabalho de Massey que no seu desenrolar mostra com uma grande fartura de argumentos que o Paulo histórico é bem diferente do Paulo mítico, pretenso apóstolo do cristianismo criado em Roma no século IV.

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتى وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

-23 -

Conclusão

"Se o cristianismo fosse atingido em seu crescimento por alguma doença fatal, o mundo hoje seria Mitraico".
"Marc-Aurèle et la fin du monde antique" - **Joseph Renan**

O legado de Mithras provocou o surgimento de costumes que ainda hoje são praticados, incluindo o aperto de mão e o uso de coroa pela monarquia. Os seguidores do mitraísmo foram os primeiros no mundo ocidental a pregar a doutrina de direito divino dos reis. Foi o culto ao sol, combinado com o dualismo teológico de Zaratustra que disseminou as idéias sobre as quais o rei sol Luis XIV (1638-1715) [9.638-9.715] e outros soberanos do ocidente considerados como divinos mantiveram sua monarquia absolutista.

De todas as religiões pagãs romanas, nenhuma foi tão severa como o Mitraísmo. Nenhuma buscava tamanha elevação moral e nenhuma obteve tão fortíssimo controle sobre as idéias e corações dos seus seguidores como esse culto ao deus sol e ao salvador.

Foi a maior competidora do cristianismo entre 100 e 300 (8.100 e 8.300) e nunca a Europa esteve tão perto de adotar uma religião oriental - nem mesmo durante as invasões islâmicas - como quando Diocleciano reconheceu oficialmente Mithras como padroeiro do Império Romano. Porém, no final, o cristianismo sagrou-se vencedor de um conflito inevitável com a fé de Zoroastro pelo domínio do mundo conhecido.

Em teoria, um adequado golpe de estado, praticado pelos centuriões romanos seguidores de Mithras, poderia ter evitado que o imperador Constantino estabelecesse o cristianismo como religião oficial do Império Romano.

É bastante possível que o mitraísmo pudesse ter sobrevivido através dos séculos seguintes com a assistência teológica da heresia Maniqueísta com seus vários desdobramentos, ao levar em conta, simultaneamente, que os ensinamentos de Jesus de Nazaré de alguma forma perderiam seu sentido (possivelmente através de um aumento na quantidade de crucificações)

Com a ausência do cristianismo substituído pelo Maniqueísmo no Ocidente, similarmente, o crescimento do islamismo entre 800 e 900 (8.800 e 8.900) poderia ter sido evitado e não precisaria ter ocorrido a violência dos cruzados.

Sabendo-se que o islamismo não conquistou a Pérsia, o culto a Mithras poderia ter continuado com o panteão de Zaratustra. Conseqüentemente, o mitraísmo poderia ter feito uma poderosa amalgamação com os panteões da Índia e da China e, possivelmente se espalhado por todos os outros paises do longínquo oriente.

Colombo fez-se ao mar durante a inquisição, outro selvagem evento que representou a dominação da Europa pelo cristianismo por mais de mil anos. Se o mitraísmo estivesse sobrevivido por mil anos até 1.482 (9.492), os povos indígenas da América teriam sido expostos aos seguidores de Mithras em vez de missionários católicos.

Muito provavelmente o Taurobolium teria se sobreposto aos rituais de caçadas de búfalos das planícies americanas e aos sacrifícios cerimoniais dos Maias, Incas e Astecas, e estes grandes impérios não teriam sido aniquilados pelos brutais conquistadores europeus que os saquearam em nome do rei e de Cristo.

É possível reconstruir a atual sociedade americana - imitando os físicos quânticos e manipulando casualidades para depois estender o resultado em um cenário de "*O quê, se*" (propositadamente ignorando incontáveis variáveis) – tendo o mitraísmo como religião predominante e força cultural diretriz, no lugar do cristianismo. Inclusive a escritora Mary

Stewart usou o conceito de reviver localmente o mitraísmo na Inglaterra medieval em sua novela “*Merlin da Gruta de Cristal*”.

O grande especialista em Mithras, Franz Cumont também faz extensos comentários sobre a possibilidade do mitraismo ter sobrevivido após Constantino.

> *“A moralidade da raça humana sofreu apenas poucas mudanças, talvez um pouco mais viril, um pouco menos caridosa, mas somente algumas nuances de diferença. A teologia erudita ensinada pelos mistérios tinha mostrado, obviamente, um respeito louvável pela ciência, mas como seus dogmas eram baseados em negações físicas, parece que consagrou a persistência de erros infinitos. A astronomia era discutível, mas a astrologia deveria ser inatacável enquanto os astros continuassem a girar em torno da terra, de acordo com suas doutrinas. O maior perigo pode ter sido o estabelecimento pelos Césares de um absolutismo teocrático baseado pelas idéias orientais da divindade dos reis. A união de trono com o altar tornou-se inseparável e a Europa nunca mais presenciaria a revigorante batalha entre a igreja e o estado. Porém, por outro lado, a disciplina do mitraísmo, tão produtiva em energia individual, e as organizações democráticas de suas sociedades, nas quais senadores e escravos quase se misturavam, continham um germe de liberdade. Podemos estudar muito essas possibilidades contrastantes, mas fica difícil encontrar um passatempo mental mais excitante do que tentar refazer a história conjeturando a força que os eventos teriam tido se tivessem ocorrido de outra forma”.*

Franz Cumont - *Les Mystères de Mithra*

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتى وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

A Humanidade e os Mágicos

(Nota do Tradutor)

Na realidade, pelo interesse da verdade, da lógica e da sensatez, não se deve conjeturar sobre outra forma de acontecimento para os fatos da história. O que deve ser ressaltado é a capacidade de discernimento, ou melhor, a falta de capacidade de discernimento do ser humano através desses 10 mil anos de civilização.

Aliando uma absurda inabilidade para distinguir o verdadeiro do mítico a uma esdrúxula incompetência em raciocinar e concluir, deixando passar lições importantes sem nada assimilar ou tirar proveito delas, a humanidade continua com pensamento paleolítico quando tenta lidar com o desconhecido.

Em todos os campos da atividade humana – com exceção de um - nesse imenso período de civilização, o avanço foi brutal. A ciência – o conhecimento do verdadeiro – provou suas teorias construindo máquinas e aparelhos que, ao funcionarem como o esperado, excederam quaisquer previsões feitas por qualquer pessoa, em qualquer época. A arte, a música, a tecnologia, a sociologia, dentre muitas, estão sempre em movimento, atualizando-se à medida que o tempo avança.

Somente uma atividade do conhecimento humano continua estática, paleolítica, intocável, sem nexo, sem lógica e burra: a religião.

O ser humano é levado a acreditar e aceitar teorias de 5 mil anos atrás, criadas pela mente de visionários, que, ignorantes sobre o mundo que os rodeava, sem ferramentas que pudessem concatenar um raciocínio lógico para explicá-lo, fizeram o melhor que podiam: criaram um imaginário de situações e deuses e inferiram uma cosmogonia que lhes parecia perfeita. O sistema que “anestesia” o cérebro das pessoas para que sejam dominadas inicia-se com a própria civilização, sendo mantido pelos “mágicos” que sobrevivem dele.

Falando dos “mágicos” ou seja, os primeiros sacerdotes, em seu “*What Happened in History*”, Gordon Childe diz:

> *"Na verdade, era tão importante essa arte mágica no consenso da sociedade do paleolítico superior.....que discernimos confusamente o aparecimento dos primeiros especialistas – os primeiros homens que eram mantidos com excedentes de alimentos para cuja obtenção não haviam contribuído diretamente. Os magdalenianos, certamente, consideravam sua contribuição mágica tão importante quanto a perspicácia do batedor, a precisão do arqueiro e a coragem do caçador. As prerrogativas econômicas do mágico especializado baseiam-se numa superstição aceita pela sociedade."*

A idade do bronze durou cerca de 2 mil anos. Quando se raciocina, surgem questões interessantes: Se os "mágicos" daquela era eram falsários, se oravam para um deus fogo, ou trovão, ou raio, se exigiam sacrifícios humanos para agradar os deuses para ter boa caça ou boa colheita, por que tiveram sucesso e se perpetuaram?

Na Mesopotâmia, a deusa Ishtar – a maior entidade feminina da reprodução e fecundidade de toda a Ásia ocidental - foi cultuada por cerca de 3 mil e quinhentos anos, principalmente na Assíria, Suméria e Babilônia. Ora, se era uma deusa falsa porque foi venerada por tantos e por tanto tempo? A mesma pergunta se aplica a Marduk, o principal deus mesopotâmico.

No Egito antigo, onde existiam os *neter* – deuses ligados a todas as coisas e ações – cujo panteão abriga milhares de deuses; cujas cidades tinham cada uma a sua própria galeria de deuses; onde até existia uma trindade divina – Rá-Khépri-Atoum – respectivamente, o deus sol, o deus sol nascente e o deus sol poente – três deuses em um só - existia a deusa Bastet, corpo de mulher e cabeça de gato, que foi cultuada por mais de 3 mil anos. Heródoto conta que mais de 700 mil pessoas acorriam para seus festivais. Suas estátuas e efígies eram tão numerosas que até hoje existem várias espalhadas pelos museus. Toda casa no Egito possuía um oratório com sua estátua onde as famílias faziam-lhe homenagens diárias. Ora, se era uma deusa falsa, por que foi tão venerada por tantos e por tanto tempo?

E a deusa Ceres? E Zeus? E o panteão Romano? E os deuses da mitologia Grega? E Ahura Mazda? E Mithras? E as religiões primitivas animistas que adoram deuses do mar, das cachoeiras, das encruzilhadas, etc?

A resposta é simples. De uma simplicidade gritante. Todos foram venerados e cultuados PORQUE ATENDIAM AS PRECES E **PEDIDOS** dos seus fiéis. Lógico que nem sempre, mas o que vale para o intelecto obtuso é o acerto. Um acerto se sobrepõe a mil falhas. Assim, se o pedido não foi atendido, A FALHA NÃO É DA DIVINDADE, mas sim de quem pede. Quando um sumério orava para uma estátua de pedra de Marduk, ou uma egípcia se prostava diante de Bastet, e depois tinham seus pedidos atendidos, não havia porque duvidar de sua existência real e de seu poder divino.
Os sacerdotes das religiões não deixam seus rebanhos perceberem que na vida e na natureza, como bem definiu Ingersoll, *"não existem castigos nem recompensas: apenas conseqüências."*

Não querem que se desvende o mistério e que se descubra que orar a um deus único, a um deus espírito, a um deus leão, a um deus pedra, a um deus gato, a um deus vulcão, a um deus dos mares ou a qualquer coisa, sempre vai resultar no mesmo: às vezes se consegue a "graça", às vezes não. Ou será que Bastet é real?

يِنگهِ هاتم آئَت يِسنِه پَيتی وَنگهو
مَزدائو أهورو وَئِثا أشَت هَچا يائُنگهامچا
تانسچا تائوسچا يَزَمَيدِه.

Bibliografia

Sem dúvida, o maior estudioso de assuntos Mitraicos, reconhecido mundialmente, foi Franz Cumont. Nascido em 1868, publicou seu trabalho monumental de cerca de 930 páginas, *Textes et monuments figurés relatifs aux mystères de Mithra* em 1896, seguido de *Les Mystères de Mithra*, e de *The Oriental Religions in Roman Paganism*. Sua pesquisa sobre as religiões pagãs de Roma foi a base da maior parte deste trabalho

O restante foi retirado de algumas das obras aqui citadas, que, por sua vez foram elaboradas com a consulta de outras tantas. Assim, fica claro que os autores não têm em seu poder a imensa quantidade de obras dessa lista, mas têm a obrigação ética de mencionar TODAS as suas fontes de consulta.

Tal procedimento, além de ético, é um reconhecimento ao estudo e perseverança daqueles que se empenharam em descobrir e revelar a verdade na história.

Beny, Roloff. *Iran: Elements of Destiny.* McClelland and Stewart Ltd. London, 1978.
Cumont, Franz. *Les Mystères de Mithra.* Dover Publications, Inc. New York, 1956.
Cumont, Franz. *The Oriental Religions in Roman Paganism.* Dover Publications, Inc. New York, 1956.
Eliade, Mircea. *Patterns in Comparative Religion.* The World Publishing Company. Cleveland, 1958.
Hinnells, John R. *Persian Mythology.* Peter Bedrick Books. New York, 1985.
Perowne, Stewart. *Roman Mythology.* Hamlyn Publishing Group Ltd. London, 1969.
Dimont, Max I - *The Jews, God and History*
Vermaseren, M.J. - *Mithras, The secret god"* - Barnes & Noble, Inc. New York 1963)
Athenaum, Paul Johnson - *A History of Christianity* - New York, 1976
Celsus - *"A Doutrina Verdadeira – Um Discurso Contra os Cristãos"* – Trad Inglês R. Joseph Hoffmann –
Eymerich, Nicolau -*Directorium Inquisitorum*- Ediub -© 1993

Orgel, Leslie o. - *The Origins of Life – Molecules and Natural Selection-* © 1973 – John Wiley and Sons, Inc
Lentin, Jean Pierre - *Je Pense donc je me trompe* –- © 1994 – Editions Albin Michel SA
Morris, Desmond – The Naked Ape
Encyclopaedia Britannica
Stephen Van Eck - Route One, Box 62, Rushville, PA 18839-9702.
http://www.borndigital.com/tarsus.htm
Kansas University – Bill Thayer
V. GORDON CHILDE, *L'Orient préhistorique.* P. (Payot), 1945.
V. CHRISTIAN, *Altertumskunde das Zweistromlandes.* Leipzig, 1938.
G. CONTENAU, *Manuel d'Archéologie Orientale.* P. (Aug. Picard)
Les Civilisations anciennes du Proche-Orient,
P. (Coleção *Que sais-je?J,* P. (Presses Universitaires), 1945.
L. DELAPORTE, *La Mésopotamie.* P. (Renaissance du Livre), 1924.
Ch. FOSSEV, *Manuel d'Assyriologie.* P. (Leroux), I, 1901 (Conart), 11,1926.
H. FRANKFORT, *Archaeology and the Sumerian Problem.* Chicago University Press),
G. FURLAN, *La Civiltà Babilonese* e *Assira.* Rome (Instituto per l'Oriente), 1929.
B. MEISSNER, *Babylonien und Assyrien.* Heidelberg (C. Winter), 1924.
J. DE MORGAN, *Les Premieres Civilisations.* P. (Leroux), 1909.
M. VON OPPENHEIM, *Tell-Halaf.* Trad. P. (Payot), 1939.
M. RUTTEN, *Babylone* (Coleção *Que sais-je?).* P. (Presses Universitaires), 1948.
E. SPEISER, *Mesopotamian Origins.* Londres (Oxford University Press), 1930.
W. ANDRAE, *Die Archaischen Ischtartempel in Assur.* Leipzig (Hinrichs), 1922. - *Die Jüngeren Ischtar-Tempel in Assur.* Leipzig (Hinrichs), 1935. - *Das wiedererstandene Assur.* Leipzig (Hinrichs), 1938.
E. J. BANKS, *Bismya or lhe lost City of Adat.* New Vork (Putnam), 1912.
E. BOTTA e E. FLANDIN, *Le Monument de Ninive.* P. (lmprimerie Nationale), 1850.
M. BRION, *La Résurrection des Villes mortes.* P. (Payot), 1948.
H. FRANKFORT, *Tell-Asmar and Khafaje,* Chicago (University Press).1936).
H. DE GENOUILLAC, *Fouilles de Tello.* P. (Geuthner). *Epoques Présargoniques* (1934), *Epoques d'Ur, IIIe dynastie et de Larsa* (1936).
H. R. HALL e C. L. WOOLLEY, *Ur Excavations.* I. *AI-Ubaid.* Londres (Oxford Universíty Press), 1927.
L. HEUZEY e F.THUREAU-DANGIN, *Nouvelles fouilles de Tello par* G. *Cros,* P. (Leroux), 1910.

J. JORDAN (Dr.), A. SCHOTT. (Dr.), *Ester vorlaufiger Bericht über die von der Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft in Uruk-Warka unternommenen Ausgrabungen.* Berlin (De Gruyter),
R. KOLDEWEY, *Das wiedererstehende Babylon.* Leipzig, 1925.
S. LANGDON, *Excavations at Kish.* P. (Geuthner), I, 1924.
A. LAYARD, *The Monuments of Nineveh.* Londres, I, 1849; 11,1853.
L. LEGAIN, *Ur Excavations. Archaic Seal impressions.* Londres, 1936.
GORDON LOUD, *Khorsabad. . Excavations in the Palace and at* a *City Gate.* Chicago (University Press), 1936.
GORDON LOUD e Ch. B. ALTMAN, *Khorsabad. . The Citadel and the Town.* Chicago Univ. Press, 1938.
E. MACKA Y, *Report on the Excavation of lhe "A" Cemetery at Kish: Field Museum of Natural History. Anthropological Memoirs,* I. 1, Chicago, 1925. - *A Sumerian Palace and the "A" Cemetery at Kish, Mesopotamia.* Chicago *(Field Museum of Natural History. Anthropological MemoirsJ,* Chicago, 1929. - *Report on Excavations at Jemdet-Nasr, Iraq.* Chicago (Field Museum of Natural History), 1931.
M. E. L. MALLOWAN, *The Excavations at Tall-Chagar-Bazar,* 1934- 1935. *Survey of the Habur.* Londres (Humphrey Milford), 1936. .
M. E. L. MALLOWAN, J. CRUIKSHANK ROSE, *Prehistoric Assyria. . The Excavations at Tall Arpachiyah* 1933. Londres (Milford), 1935.
A. PARROT, *Les fouilles de Mari: Syria, - Archéologie mésopotamfenne.* I. *Les Etapes.* P. (Albin Michel), 1946. - Tello, Vingt campagnes de *fouilles.* P. (Albin Michel), 1948. .
V. PLACE, *Ninive et l'Assyrie,* P. (Imprimerie Impériale), 3 vol., 1867. .
DE SARZEC e L. HEUZEY, *Découvertes en Chaldée.* P. (Leroux), 2 vol., 1884-1912.
V. SCHEIL, *Une saison de fouilles* à *Sippar: Mémoires publiés par les membres de l'Institut français d'Archéologie orientale du Caíre.* Le Caire, 1902.
E. A. SPEISER, *Excavations at Tépé Gawra. Philadelphia* (University Press), I, 1935.
L. SPELEERS, *Les Fouilles en Asie Antérieure.* Liege (Vaillant-Carmanne), 1928.
R. C. THOMPSON e R. W. HUTCHINSON, *A Century of Explora tion at Nineveh.* Londres (Luzac), 1929.
F. THUREAU-DANGIN, A. BARROIS, G. DOSSIN, M. DUNAND, *Arslan-Tash.* P. (Geuthner), 2 vol., 1931.
F. THUREAU-DANGIN, M. DUNAND, L. CAVRO, G. DOSSIN, *TiI- Barsib.* P. (Geuthner), 2 vol., 1936.
L. WATELlN e S. LANGDON, *Excavations at Kish.* P. (Geuthner), 111, 1930; IV (1934).
C. L. WOOLLEV, *Ur Excavations. The Royal Cemetery.* Londres, 2 vol.,

1934.
E. A. W. BUDGE, *The Rise and Progress of Assyriology.* Londres (1925). (Déchiffrement.)
The Cambridge Ancient History. Cambridge (University Press)
E. CAVAIGNAC, *Histoire de L'Antiquité.* P. (Fontemoing), 1917. - *Les Listes de Khorsabad: RA,* XL (1945-46), págs. 17-26.
G. CONTENAU, *L'Asie Occidentale Ancienne,* dans *L'Histoire de L'Orient Ancien.* P. (Hachette), 1936. - *Les tablettes de Kerkouk et les Origines de Ia civilisation assyrienne: Ba byloniaca.* P., 1926. - Sur le déchiffrement: *Revue des Etudes Sémitiques et babyloniaca,* 1940, págs. 56-67.
E. EBELlNG, *Geschichte des Alten Morgenlandes.* Berlim (Gruy- ter), 1929.
C. J. GADD, *History and Monuments of Ur.* Londres (Chatto et Windus), 1929.
G. GOOSSENS, *La révision de Ia chronologie mésopotamienne et ses conséquences pour L'histoire orientale: Muséon,* LXI.1948.
Ch. F. JEAN, *Le Milieu Biblique avant Jésus-Christ.* I. *Histoire et Civilisation.* P. (Geuthner), 1922.
P. JOUGUET, J. VANDIER, G. CONTENAU, E. DHORME, A. AV- MARD, F. CHAPOUTHIER, R. GROUSSET. *Les Premieres Civilisations,* t. I de *Peuples et Civilisations.* P. (Presses Universitaires), 1950.
L. W. KING, *A History of Babylonia and Assyria. . Sumer, Akkad, A History of Babylon,* 1915. Londres (Chatto et Windus).
G. MASPÉRO, *Histoire Ancienne des Peuples de L'Orient Classique.* P. (Hachette), 3 vol., 1895-1908.
A. MORET, *Histoire de L'Orient.* P. (Presses Universitaires), 1936.
M. RUTTEN, *Notes de paléographie cunéiforme: Revue des Etudes sémitiques et Babyloniaca,* 1940, págs. 1-53 - *Mém.* XXXI (1949), págs. 151-167.
S. SMITH, *Early History of Assyria, to 1000 B.* C. Londres (Chatto et Windus), 1928. . .
L. WOOLLEY, *Les Sumérie* (Pavot), 1930.
A. BOISSIER, *Mantique babyloninne et Mantique hittite.* P. (Geuthner), 1935.
E. M. BRUINS, *Sciences-Avenir,* juillet 1951, pág. 315.
G. CONTENAU, De *Ia valeur du nom chez Ias Babyloniens et de quelques-unes de ses conséquences: Revue de L'Histoire des Religions,* LXXXI, 3 (1920), págs. 316-332. - *La Religion sumérienne,* dans *Histoire des Religions.* I. P. (Quillet), 1948, págs. 339-351. - *La Médecine en Assyrie et en Babylonie.* P. (Maloine), 1938. - *La Divination chez Ias Assyriens et Ias Babyloniens.* P. (Payot), 1940. ~ *Le Déluge babylonien. Descente d'Isthar aux Enfers. La Tour de Babel.* P. (Payot), 1941. - *La*

Magie chez Ies Assyriens et Ies Babyloniens. P. (Payot), 1947. - *Notes d'iconographie religieuse assyrienne: RA,* XXXVII, 4 (1940-41), págs. 154-170.
M. DAVID, *Les dieux et le destin en Babylonie.* P., 1949.
P. DHORME, *La Religion assyro-babylonienne.* Paris (Gabalda), 2.. ed., 1910. - *Choix de textes religieux assyro-babyloniens.* P. (Gabalda), 1907. - *Les Religions de Babylonie et d'Assyria.* (Colleetion *Mana,* 11). P. (Presses Universitaires), 1945.
E. EBELlNG, *Tod und Leben nach den Vorstellungen der Babylonier,* Berlim (De Gruyter), I. 1931.
C. FOSSEY, *La Magie Assyrienne.* P. (Leroux), 1902. .
G. FURLANI, *La Religione Babilonese* e *Assira.* Bologne (Zaniehellj), 2 vol., 1928-1929. - *11 Sacrifizio nella religion dei Semiti di Babilonia* e *Assiria: Acc. Lincei,* 1931, sé r: VI,
vaI. V, fase. **111.**
G. J. GADO e R. C. THOMPSON. *A Middle-Babylonian Text: Iraq* **111** (1936), págs. 87-96.
M. JASTROW, *Die Religion Babyloniens und Assyriens.* Giessen (A. Tõpelmann), 3 vol., 1907-1912. .
Ch. F. JEAN, *Le Milieu Biblique avant Jésus-Christ.* 111. *Les idées religieuses et morales.* P. (Geuthner), 1936.
R. LABAT, *Le Poema de la Création.* P., 1935. - *Hémérologies et Ménologies d'Assur.* P., 1939.
M. J. LAGRANGE, *Stude sur Ias religions sémitiques.* P. (Leeof- fre), 2.. ed., 1905.
O. NEUGEBAUER, *Mathematische Keilschrifttexte.* Berlim (Sprin- ger), 1937.
A. T. OLMSTEAD. *Babylonian Astronomy. Historical Sketch: American Journal of Semitic Languages,* LV (1938), págs. 113- 129.
S. A. PALLlS, *The Babylonian Akitu Festival.* Copenhague, 1926.
M. RUTTEN, *Atomes,* aoCít 1950, pág. 270 s. - *Sciences: Avenir,* julho 1951, pág. 314.
H. E. SIGERIST, *A History of Medicine.* I. *Primitiva and Archaic Medicine.* Nova lorque (Oxford Univ. Press), 1951.
R. CAMPBELL THOMPSON, *The Assyrian Herbal.* Londres (Luzac), 1924. - *On the Chemistry of the Ancient Assyrians.* Londres (Luzac), 1925. - *The Devils and Evil Spirits of Babylonia.* Londres (Luzac), 2 vol., 1903-1904. - *The Reports* of *Magicians and Astrologers of Nineveh and Babylon.* Londres (Ibid.), 2 vol., 1900.
F. THUREAU-DANGIN, *Rituels Accadiens.* P. (Leroux), 1921. - *Esquisse d'une Histoire du SysMme Sexagésimal.* P. (Geuthner), 1932. - *Textes mathématiques baby/oniens. Haia,* 1938. - *Observations sur l'algebre babylonienne: Archeion* (Rome), XIX (1937), *L'Art de la*

Mésopotamie ancienne au Musée du Louvre. Présen tations par M. Rutten, dans *Encyc/opédie photographique del/'art.* P. (Editions Tel), a partir de 1935.
Th. A. BUSINK, *De Toren van Babel.* Batavia, 1938.
L. DE CLERCO, *Catalogue de Ia Collection De Clercq,* t. I. P. (1885). .
G. CONTENAU, *Musée du Louvre. Les antiquités orientales,* I, *Sumar, Babylonie, Elam.* P. (Morancé), 1927. - **11.** *Monuments hittites, assyriens, phéniciens, perses, judaiques, chypriotas, araméen..* P. (Morancé), 1930. - *L'Art de l'Asie Ocidentale ancienne:* P. (Van Oest), 1928. - *L'art Antique: Orient,* P. (A. Colin), 1930.
L. DELAPORTE, *Catalogue dês Cylindres Orientaux du Musée du Louvre.* P. (Hachette) I. 1920, **11.** 1923.
P. DELOUGAZ e SETON Lloyd, *Pre-Sargonid Temples in the Diyala Region,* Chicago, 1942. Th. DOMBART, *Der babylonische Turm.* Leipzig, 1931.
R. C. FLAVIGNV, *Le dessin de l'Asie Occidentale ancienne et Ias conventions qui le régissent.* P., 1941.
H. FRANKFORT, *More Sculpture from the Diyala Region.* Chicago, 1943.
C. J. GADD, *The Stones of Assyria. The Surviving Remains of Assyrian Sculptures. Their Recovery and their original positions.* Londres. (Chatto et Windus), 1936.
H. R. HALL, *La Sculpture babylonienne et assyrienne au British Museum.* P. (Van Oest) , 1928.
P. HANDCOCK, *Mesopotamian Archaeology.* Londres (Macmillan), 1912.
H. LENZEN, *Die Entwicklung der Zikkurat von ihren Anfangen bis zur Zeit der III Dynastie von Ur.* Leipzig (Harrassowitz),1942. .
A. MOORTGAT, *Frühe Bildkunst in Sumer.* Leipzig (Hinrichs), 1935.
A. PARROT, *Ziggurats et Tour* de *Babel.* P. (Albin Michel), 1949.
A. L. PERKINS, *The comparative Archaeology of Early Mesopotamia.* Chicago, 1949.'.
G. PERROT e Ch. CHIPIEZ, *Histoire* de L*'Art dans L'Antiquité. P.* (Hachette), t. 11, 1884.
M. RUTTEN, Le *paysage dans l'art* de *Ia Mésopotamie ancienne: Syria,* 1941, págs. 137-154. - *Arts et Sities* du *Moyen Orient Ancien.* (Coleção *Arts. Sities et Techniques).* P. (Larousse), 1950.
H. SCHAEFER e W. ANDRAE, *Die Kunst dei Alten Orients.* Berlin (Propylaen-Verlag.), t. 11, 1925.
E. UNGER, *Sumerische und Akkadische Kunst.* Breslau .1926. - *Assyrische und Babylonische Kunst.* Breslau (Hirt),1927.
H. VINCENT, *La représentation divine orientale archaique:* Mé- *langes Syriens.* P. (Geuthner), I (1939), págs. 373 s. - De *Ia Tour* de *Babel* au *Temples: Revue Biblique.* 1946, págs. 403-440.
W. H. WARD, *The Seal-Cy/inders of Western Asia.* Washington (Carnegie

Institution), 1910. O. WEBER. *Assyrische Plastik.* Berlim (E. Wasmuth), 1924.
C. L. WOOLLEY, *The Development of Sumerian Art.* Londres, 1935. - *Ur Excavations.* V. *The Ziggurat and its Surroundings.* Londres, 1939.
H. FRANKFORT. *La Royalité et les dieux.* P. (Payot), 1951.
R. LABAT, Le *Caractere religieux* de *Ia Royalité assyro-babylonienne.* P. (A. Maisonneuve), 1939.
A. SALONEN, *Die Wasserfahrzeuge in Baby/onien nach sumerischakkadischen Ouellen.* Helsingfors (Societas Orientalis 'Fennica), 1939.
E. CUO, *Etudes sur le Droit babylonien. Les Lois assyriennes et les Lois hittites.* P. (Geuthner), 1929.
G. FURLANI, *Leggi dell'Asia Anteriore Antica.* Rome (Istituto per l'Oriente), 1929.
J. KLIMA, *Au sujei de nouveaux textes juridiques d'époque pré-hammurabienne: Archiv Orientalni* XVI (1949), págs. 334-356.
V. SCHEIL, Dês *lois de Hammurabi: Mémoires de Ia Délégation en Perse.* P. (Leroux), t. IV *(1902). - Recueil de lois assyriennes.* P. (Geuthner), 1921.
F. R. STEELE, *The Lipit-Ishtar Law Code: American Journal of Archaeology,* LI (1947), G. CONTENAU, L'Epo*pée de Gilgamesh.* P. (Artisan du Livre), 1939.
E. DHORME, *La littérature babylonienne et assyrienne.* P., 1937.
G. DOSSIN, *Archives rares de Mâri. Correspandance de Sham- shi-Addu.* P. (lmprimerie Nationale), *1950.*
Ch. F. JEAN, *Le Milieu Biblique avant Jésus-Christ, La Littérature.* P. (Geuthner), 1923. - *La Littérature des Babylaniens et des Assyriens.* P. (Geuthner), 1924.
J. R. KUPPER, *Carrespondance de Kibri-Dagan,* P. (lmprimerie Nationale), *1950.*
B. MEISSNER, *Die Babylonisch-Assyrische Literatur.* Wildpark- Potsdam, 1927.
S. B. MERCER, *The Tell-el-Amarna Tablets. Toronto* (Macmillan), 2 vol., 1939. R. PFEIFFER, *State Letters of Assyria.* New Haven, 1935.
L. WATERMAN, *Royal Correspondance of The Assyrian Empire.* Ann Arbor (University),
Biblíographie Égyptologique Annuelle publicada em Leyde Port r e Moss, *Topographical Bibliography of Ancient Egypt*
Hieroglyphic Texts and Paintings, publicada em Oxford.
E. Drioton e J. Vandier: *L'Egypte, des Origines à Ia Conquête d'Alexandre* (P.U.F., 1938 e 1975). .
Paul Barguet: *Le Livre des Morts des Anciens Egyptiens* (Editions du Cerf);

Leonard Cottrell: *Les Epouses des Pharaons* (Robert Laffont);
François Daumas: *La Vie dans I'Egypte Ancienne* (P.U.F.);
Christiane Desroches-Noblecourt: *L'Art Égyptien* (P.U.F.);
Vie et Mort d'un Pharaon: Toutankhamon (Hachette);
Etienne Drioton e Pierre du Bourguet: *Les Pharaons* à *Ia Conquê* te de L'*Art* (Desclée de Brouwer);
Etienne Drioton e Jacques Vandier: *Les Peuples* de L'*Orient* M*éditerranéen* (P.U.F.):
A. Erman: *L'Egypte des Pharaons* (Payot); *La Religion des Egyptiens* (Payot);
A. Ermart e H. Ranke: *La Civilisation Égyptienne* (Payot);
Grégoire Kolpaktchy: *Livre des Morts des Anciens Egyptiens* (Omnium littéraire);
Jean-Philippe Lauer: *Le Mystere des Pyramides* (Presses de Ia . Cité);
Pierre Montet: *Les Scénes de Ia Vie Privée dans les Tombeaux Égyptiens de J'Ancien Empire; La Vie Quotidienne* en *Egypte* au *Temps des Ramsés* (Hachette); *L'Egypte Éternelle* (Fayard) ;
Siegfried Morenz: *La Religion Égyptienne* (Payotj;
Jacques Pirenne: *Histoire de Ia Civilisation de L'Egypte Ancienne* (Albin Michel);
Georges Posener: *Dictionnaire de Ia Civilisation Égyptienne* (Fer- nand Hazan);
Rachet: *Dictionnaire de Ia Civilisation Égyptienne* (Larousse);
Serge Sauneron: *Les Prêtres* de *I'Ancienne Egypte* (Seuil);
Jacques Vandier: *La Religion Égyptienne* (P.U.F.);
Arthur Weigall: *Histoire de I'Egypte Ancienne* (Payot).
Serge Sauneron: *Les f'rêtres de I'Ancienne Egypte;*
Siegfried Morenz: *La Religion Égyptienne;*
Jean-Philippe Lauer: *Le Mystére des Pyramides; Naissance et Rivalité des Premiers Empires* (Rencontre);
Georges Posener: *Dictionnaire de Ia Civilisation Égyptienne;*
Pierre Montet: *La Vie Quotidienne* en *Egypte; L'Egypte Éternelle;*
Leonard Cottrel!: *Les Epouses des Pharaons;*
Will Durant: *Histoire de Ia Civilisation'(tóme* I).
The Acropolis, de R. Hopper (Weidenfeld& Ni*cholson);*
África Handbook, editado por Colin Legum (Penguin);
African Mithology, de G. Parrinder (Hamlyn);
The Age of Augustus, de Donald Earl (Elek);
The Age of the Dinosaurs, de Bjom Kurten (Weiden- feld&Nicholson);
The Age of the Rococo, de Michael Scharz (Pall Mall Pre..);
The Alphabet, de David Diringer (Hutchimon);
The American Heritage, Histórias da Guerra Civil, o Grande Oeste e os Indios;

The Ancient Civilization of Rome, de G. Picard (Barrio Creset);
Ancient Civilizations (Barrie and Jenkins);
Ancient Europe: a Survey, de Stuart Piggutt (Edinburgh University Press);
Ancient Mexico, de Ignacio Bernal (Thames&Hudson);
The Ancient peoples and Places, editado por Glyn Daniel (Thames&Hudson);
The Anglo-Saxons, de D. M. Wilson (Thames&Hudson);
The Archaeology of Early Man M. Coles e E. S. Higgs (Faber&Faber);
Arms and Armour of Old Japan, (Chancelaria de Sua Majestade);
Art of Ancient Egypt, de K. Michaellowski (Thames&Hudson);
Art of the Bizantine Era, de David Talbot Rice (Thames& Hudson);
The Art of Wellfare in *Biblical Lands,* de Yigael Vadio (International Publishing);
Art Treasures in *Russia,* de D. e T. Talbot Rice (Hamlyn);
Art of Ancient Mexico, de Jacque. Soustelle (Thames &Hudson);
The Arts of Egypt, de L. Woldering (Thames&Hudson);
Arts of Mankind (Thames&Hudson);
Asia Handhook, editado por Guy Wint (Penguin);
Astronomy, de Patrick Moore (Oldbourne);
Aztecs of Mexico, de G. C. Vaillant (Penguin);
The Bible, de Eric Lessing (Macmillan);
The Bog People, de P. V. Glob (Paladin);
A *Book of World Religion,* de E. G. Parrinder (Hulton Educational);.
The Carnac Alignments., de A. Tbom e A. S. Thom
the History of Astronomy; livros Cassel-Caravel;
Castles from the Air, de W. Douglas Simpson (Batsford);
Celtic Mythology, de P. MacCann (Hamlyn);.
Chinese *Architecture and Town Planning,* de Andrew Boyd (Tiranti);
The *Christian Faith* in *Art,*'de Eric Newton e William Neil (Hodder&Stoughton);
Civilizatíon,.de Keuneth Clark (John Murray, BBC);
The Civili*zaton of Rome,* de Pierre Grimal (AllenC&Unwin);
Civilizations of the Indus Valleys Morrimer Weeler (Thames&Hudson);
The *Columbia Encyclopedia* (Columbia University Press);
The Concise Encyclopedia of Living Faiths (Hutchinson);
A Concise History of France, de Douglas Johnson (Thames&Hudson);
A Concise History of Russian Art, de T Talbot Rice (Thames&Hudson);
Crusader Castles, de R Feddeue J. Thomson (Murray);
Dawn of the Cods, de Jacquetta Hawkes (Chatto &Windus);
The *Dawn of the West,* E. A. Delahay (Thames&Hudson);
Dictionary of Archaeology, de E. Bray e D Trump (Allen Lane);
A Dictionary of Egyptian Civilizalion, de Georges Posener (Methueu);

Divine Kingship in Africa, de William Fagg (Museu Britânico);
Early Christian and Byzantine Architecture, de W MacDonald (Studio *Vista);.*
Early Man, de F. Clark HowelI (Life Nature Library);
The *Economist; Egypt in Colour,* de Roger Wood e M. S Drower (Thames & Hudson);
An Encyclopedia of World History, de William L. Langer (Harrap);
Epic of Man, editado por Courdandt Canby (Time-Life Intemational);
The *Etruscans,* de Raymond Bloch (Barrie&Jenkins);
Everyday Life in *Bible Lands* (National Geography Society);
the *Evolution of Man,* de D. Pilbeam (Thames &Hudson);
Evolulion (Life Nature Library);
Excavations at Verde Sir Leonard Woolley (Benn);
The *First Civilizations,* de Glyn Daniel (Thames& Hudson);
Foundations of Chinese Art, de W. Willet (Thames&Hudson);
Framework for Dating Fossil Man, de Kenneth Oakley (Weidenfeldj& Nicholson): G*eography of World Affairs,* de J. P. Cole (Penguin);
Germany, editado por Roger, Morgan (MacDonald);
the *Colden History of Art,* de G. Pischel (Hamlyn);
Gothic Cathedral, de Wim Swaan (Elek);
The Grandeur that was Rome, de J. C. Stobatt (Sidgwick& Jackson);
Great Ages of Man (Time-Life Inrernational);
Great Civilizations (Thames& Hudson);
The G*reat Moghuls,* de B. Gascoigne (Cape);
Greek and Rome (National Ge*Creek Art,* deJohn Boardman(Thames&Hudson);
The Greek Overseas, de John,Boardman (Peuguin);
The Hamlyn History of the World in *Colour* (Hamlyn);
A History of Architecture on the Comparative Method, de Sir Banister Fletcher (Athlone Press);
A History of Far Eastern Art, de Sharman E. Lee (Thames & Hudson);
A History of Latin America, de George Pendle;
The History of Man, de Carleton S. Coon (Penguin);
A History of Modern Japan, de Richard Storry (Penguin);
A History of New Zealand, de Keith Sinclair (Penguin);
History of South-East Asia, de D. G. E. Hall (Macmillan);
A History of the jewish People, de James Parkes (Life, Collin);
A History of Weaponry, de Courtlandt Canby (Leisure Arts, Ltd.);
The Horizon, Books of Ancieut Greece, Ancient, Rome, China and the Arts of China, The Elizabethan World and the Middle Ages;
The Ice Age, de Bjorn Kurteu (Hart Davis);
Ilustraded World History, editado por E. Wright and K. M. Stampp (McGraw HilI);

India, deRoloff Beuy e Aubrey Meneu *(Thames&Hudson);*
Japanese Temples, de J. E. Kidder (Thames & Hudson);
Keesing's Contemporary Archivês (Keesing's Publications, Ltd.);
Landmarks of the World's Art (Hamlyn);
Larrousse Encyclopedias of Ancient and Medieval History, Byzantine and Medieval Art Prehistoric and Ancient Art e Renaissance and Baroque Art (Hamlyn);
Library of the Early Civilizalions, Library of Medieval Civilizalions, Library of European Civilization (Thames&Hudson); Life in Ancient Lands (Evans);
Living History, de Alan Sorrell (Batsford);
Lost Worlds, de Leonard Cottrell (penguin);
Man the Toolmaker, de Kenneth Oakley (British Museum);
Mathematics (Life Science Library);
The Maya, de Michael D. Coe (Penguin);
The *Medieval Castle,* de Philip Warner (Arthur Bar- ker);
The *Medieval Establishment,* de Geoffiey Hindley (Wayland);
The *Middle East and North Africa,* 1972-3 (Europa);
The *Neolithic Revolution,* de Sonia Cole (Museu Britânico);
New Cambridge Modem History (Cambridge University Press);
The New Slares of West 4frica, de Ken Post (Penguin);
The *Old Stone Age,* de François Bordes (Weidenfeld& Nicholson);
Olduvai Corge, de L. S. B. Leakey (Cambridge University Press);
Out of The *Ancient World,* de Victor Skipp (Penguin);
Panorama of World Art (Abrams);
The Pelican History of Art (Penguin);
The *Pelican History of Creue,* de A. R. Bum (peuguin);
The *Penguin Atlas of Ancient History,* The *Pénguin Atlas of Medieval History,* The *Penguin Encyclopedia of Places* (Penguin);
Persia, the Immortal Kingdom, de Sanghri and Ghirshman (Transorieut);
Persian Architecture; de A. Upham Pope (Tnames&Hudson);
A Pictorial History of Inventions (Weidenfel&Nicholson);
History of Archaeology, de W. Geram (Thames i&Hudson);
Pompeii and Herculaneum, de Marcel Brion (Elck);
Pre-Columbian Architecture, de D. Robertson (Hamlyn);
Prehistoric Art in *Europe,* de N. K. Sanders (Pelican);
Prehisloric Europe, de Grahame Clark (Methueu);
Prehisroric Europe, de Philip vau Doren Stem (Allen and Unwin);
Prehistoric Man, de Anthony Harvey (Hamlyn);
Prehisloric Societies, de Grahame Clark and Sruart Piggott (Penguin) *;*
Prehistory: an Introduction, de Derek Roe (Macmillan);
The *Pyramids of Egypt,* de I. E. S. Edwards (Penguin);
Races of Man, de Sonia Cole (Museu Britânico);

The Roman Forum, de Michael Grant (Weidenfeld&Nicholson);
Roman Imperial Army, de Graham Weoster (Black);
Romanesque Architulure in *France* (Heinemann);
The *Romans* (Brockhampton Press);
Rome: the Story of an Empire, de J. P. V. D. Balsdon (Weidenfeld&Nicholson);
The Russian Empire, de Hugh Seton-Watson (Oxford University Press);
Santa Sophía, de W. R. Lethaby e H. Swanson (Macrnillan);
Science in History, de J. D. Bernal (Penguin); .
The Science in Life, de G. Rattray Taylor (Thamnes& Hudson);
A *Short History of Africa,* de Roland Oliver eJ. D. Fage {Penguin);.
Shorter *Atlas of Western Civilization,* de F. van der Moer e G. Lemmens (Nelson);
Spain, 1808-1939, de Raymond Carr (Oxford University Press);
The Statesman's Year Book, 1972-1973, (Macrnillan);
The Stone Age Hunlm, de Grahame Clark (Tbames & Hudson);
Stonehenge, de R. J. C. Atkinson (Harnish Hamilton);
Stonehenge Deeoded, de Gerald S. Hawkins (Fontana);
A Study of History, de Arnold Toynbee (Oxford University Press);
The Hoo Ship Buria, (Museu Britanico);
Vanished Civilizations, editado por Edward Bacon (Thames&Hudsou);
The Viking (G. A. Watts &Co.);
What Happened in *History,* de Gordon Childe
https://www.geol.umd.edu/~tholtz/G204/lectures/204sapiens.html
https://6000generations.wordpress.com/2012/11/09/out-of-africa-is-morphing-into-out-of-africarabia-as-genetic-and-archaeological-time-lines-converge/
http://gerald-massey.org.uk/massey/dpr_02_paul_as_a_gnostic.htm

ਐਣਔਕਚਬਈਸਪਰਵ